

REVISTA

DA SEMANA

N. 43 24-10-1953 64

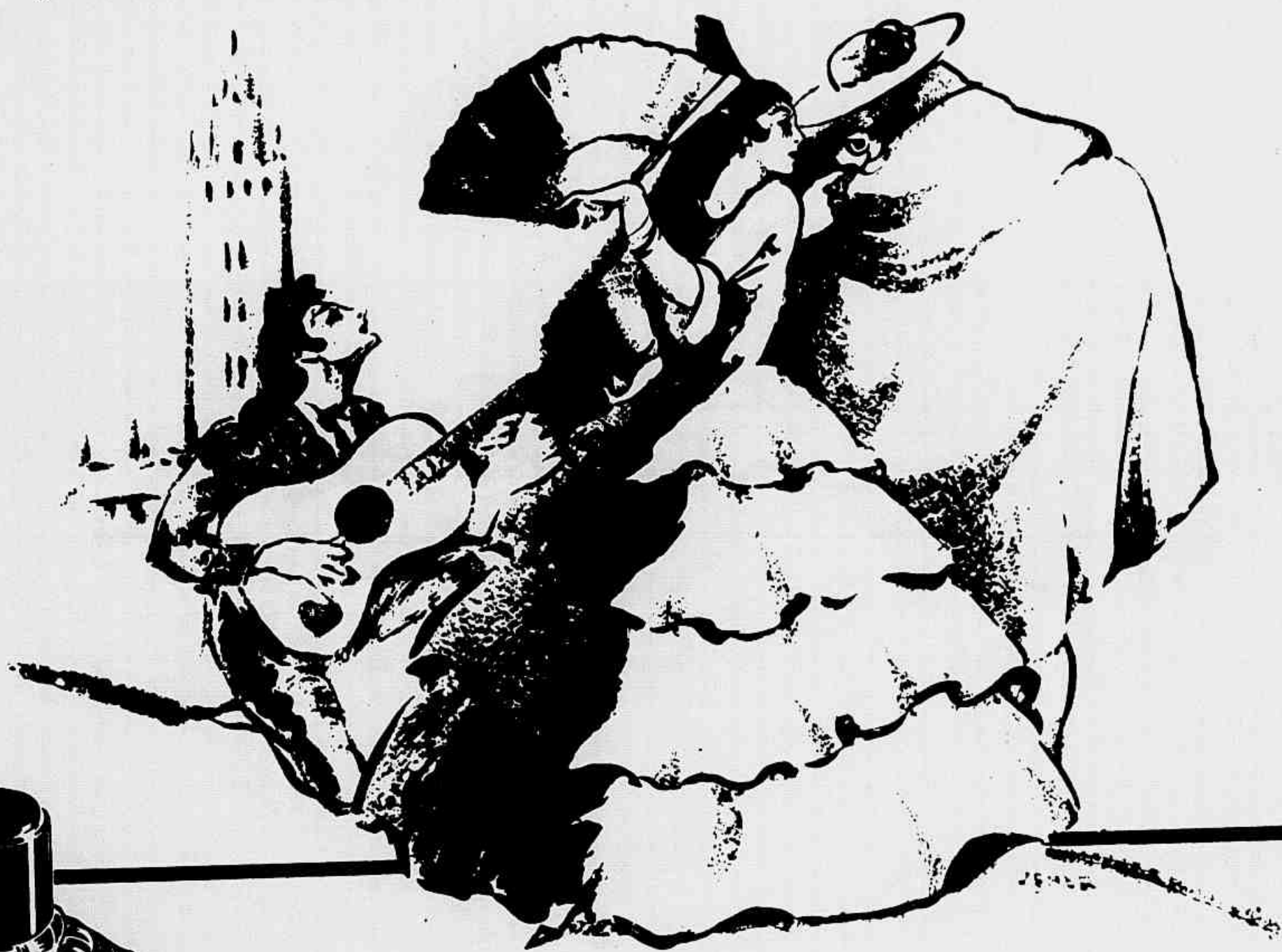


**O DUELO GAR-
CEZ X ADEMAR**

**FALAM OS ASTROS:
QUEM IRÁ À PRESIDÊNCIA?**

**VANJA ORICO-
GARÔTA SENSACÃO**

O perfume de grande classe



EXTRATO
LOÇÃO

EMBRUJO
DE SEVILLA

ÁGUA DE COLÔNIA

• MYRURGIA •



O POPULISMO EM AÇÃO. No dia da vitória, Jagan foi aclamado e aparece aqui em mangas de camisa. A saudação é feita pelos três dedos. Cada dedo significa uma inicial do nome da agremiação: Partido Progressista Popular.

RULE BRITÂNIA

A GUIANA EM FOCO

A imprensa mundial, neste momento, volta suas atenções para a Guiana Inglesa. É que o almirante Sir. Alfred Savage, governador da colônia, depois de consultar o gabinete britânico e de receber importante apoio militar, acaba de destituir o governo encabeçado pelo sr. Cheddi Jagan e de suspender, temporariamente, a carta constitucional ali adotada. A acusação que pesa sobre Jagan e seus colegas do Partido Progressista do Povo é das mais graves. Dizem os observadores coloniais britânicos ser o gabinete deposto de tendências tipicamente comunistas e, que Jagan não era verdadeiramente o chefe do governo, mas sim sua esposa, sra. Janet Rosemberg Jagan, de descendência americana. Também o ex-premier Jagan não é natural da Guiana. É indiano de nascimento e, antes de enveredar para o campo político, foi dentista-praticante. Muito embora o Partido Progressista do Povo

**Agitação em Georgetown ★
O que é a colônia ★ Geo-
grafia ★ História ★ Política
★ Riquezas e recursos**

(Fotos Panamerica — I. N. S. — U. P.)
(KEYSTONE)

tenha triunfado em abril deste ano por uma apreciável margem de votos, a política do gabinete Jagan vinha sendo dirigida com certa inso-

lência para com as autoridades governamentais inglesas, tendo mesmo, por várias vezes, desatendido instruções do próprio governador, todas elas formuladas dentro dos preceitos da carta constitucional, razão que levou Sir. Alfred Savage a solicitar o apoio de Londres às medidas que pretendia adotar.

★

A Guiana Inglesa não é apenas uma terra inexplorada de choças indígenas e febres malignas. A sua capital, Georgetown, tem uma população de 87 mil almas. A superfície territorial da Guiana é de 132.800 quilômetros quadrados na qual vivem cerca de 400 mil pessoas. Em 1928 fundou-se o Conselho Legislativo, composto então de dez membros oficiais e desenove não oficiais, presidido pelo governador.

A GUIANA EM FOCO



mínimas: ser proprietário, arrendatário ou de outra forma possessor de três acres de terras (1,3 hectares) no valor de trinta e uma libras e cinco shillings; ser possessor ou arrendatário de propriedade cuja renda anual seja de dez libras; ter um rendimento anual de vinte e cinco libras; pagar quatro libras de imposto sobre a renda. Nessa mesma ocasião, deviam também ser reunidas certas condições relativas à propriedade ou renda, para ser membro do Conselho Legislativo. A nova constituição, redigida no princípio do ano, suprimiu todas essas condições relacionadas à propriedade ou à renda, e outorgou o sufrágio universal aos maiores de vinte e um anos, com um censo eleitoral único para todas as raças.

Em vez do Conselho Legislativo foi estabelecido um Parlamento com duas Câmaras, a baixa ou Casa da Assembléia, com uma maioria eleita muito ampliada, e a Câmara alta, com poderes revisores, chamada Conselho do Estado nomeado pelo governador.

Foram celebradas eleições que outorgaram ao Partido Progressista do Povo (PPP) direito aos vinte e quatro lugares da Câmara baixa.

O COMANDANTE das tropas que reforçaram a guarnição de Georgetown, te.-cel. J.G. Johnson, à direita, ainda a bordo do navio que transportou o contingente metropolitano a Guiana.

A MARUJA INGLESA rumo para a Guiana, a bordo do H.M.S. «Implacable», em que viajaram também tropas do Sutherland Highlanders, famoso regimento escocês. «God Save the Queen!»

Em 1943, foram realizadas mais reformas. No Conselho Executivo foi dada a maioria aos membros não-oficiais, e no Legislativo os membros eleitos passaram a quatorze, alcançando, assim, maioria absoluta sobre os membros por nomeação, oficiais e não-oficiais, que perfaziam o número de dez. Dois anos mais tarde foi ampliado o direito ao voto, que foi concedido a todas as pessoas maiores de vinte e um anos, que soubessem ler e escrever, e que reunissem uma das seguintes condições



SIR ALFRED SAVAGE, almirante da frota de Sua Majestade e Governador da Guiana Britânica. Homem experimentado e excelente soldado, é também considerado um dos mais atilados políticos ingleses da atualidade. Com presteza Savage pôs fim ao governo Jagan.





O GABINETE demitido era integrado por Jagan, 1º ministro; Sidney King, min. das Comunicações; Janarine Singh, da Agricultura; L.F.S. Burnan, da Educação; Ahston Lewery, do Trabalho e Minas.

pela primeira vez na vida) não tinham idéia de sua verdadeira identidade. Sõmente os chefes do Partido sabiam o que projetavam.

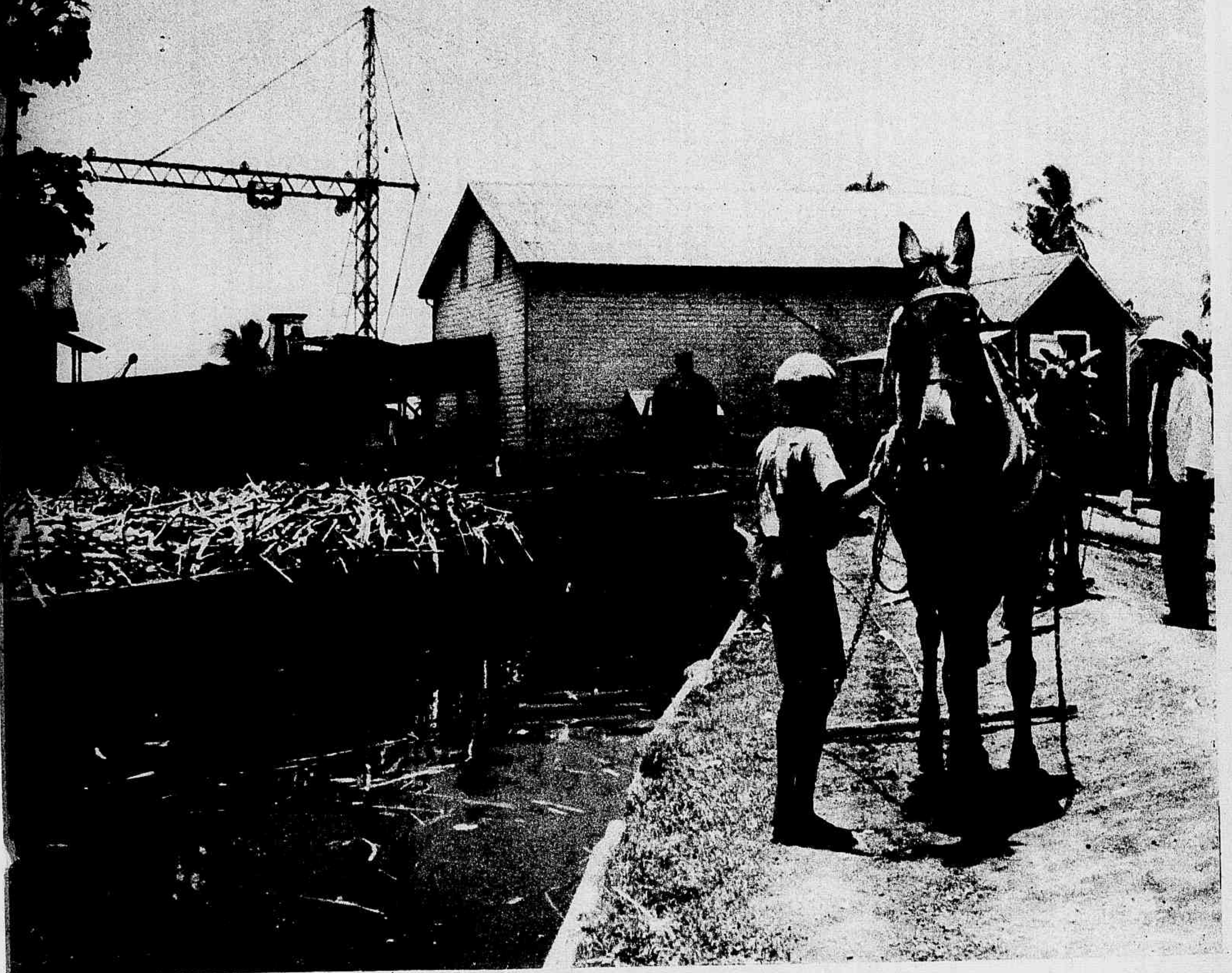
Já em 1951, o dr. Jagan tinha visitado a Zona Oriental de Berlim, a fim de assistir à Conferência da Juventude Comunista. Em fevereiro deste ano, o sr. Sidney King, outro Ministro, visitou a Federação Mundial de Sindicatos, que é uma organização comunista internacional. E mais recentemente, a 12 de outubro, a transmissão russa da rádio de Viena citou a presença naquela cidade de um membro do Partido Progressista do Povo.

Os ministros do Partido Progressista do Povo, que foram eleitos para o poder, não seguiram a tradição britânica de se demitir de seus cargos sindicais antes de tomar posse de suas pastas: ao contrário, fizeram uso de seus novos poderes para paralisar a indústria açucareira durante quase todo o mês de setembro, e tentaram generalizar a greve. Desejavam apoderar-se rapidamente do poder absoluto e converter o território num Estado comunista. Este Partido não era explicitamente comunista, e muitos dos que nêle votaram (que votaram

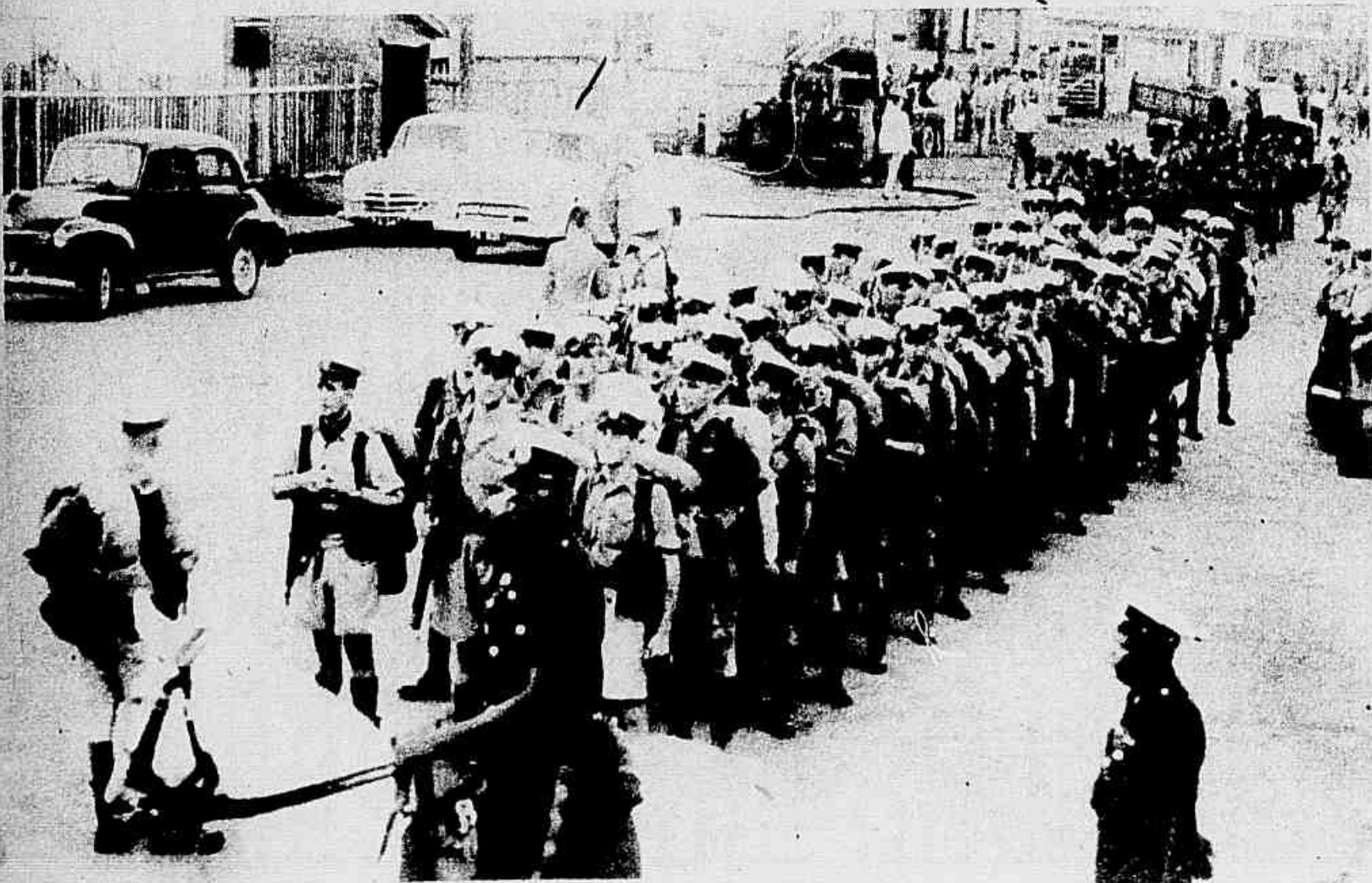
O MINISTRO deposto e sua esposa. Cheddi Jagan e Janet Rosenberg Jagan aparecem na foto, colhida em abril deste ano, quando da vitória de seu partido, o Partido Progressista Popular.



A GUIANA EM FOCO



NO CULTIVO DA CANA DE AÇÚCAR reside grande parte da economia da colônia. Inúmeras usinas e grande plantações populam uma área considerável do território guiano, além de numerosos canais destinados a navegação.



OS NAVAIS DESEMBARCAM. A infantaria da marinha inglesa ocupa Georgetown e assegura os meios de que necessita o governador Savage.

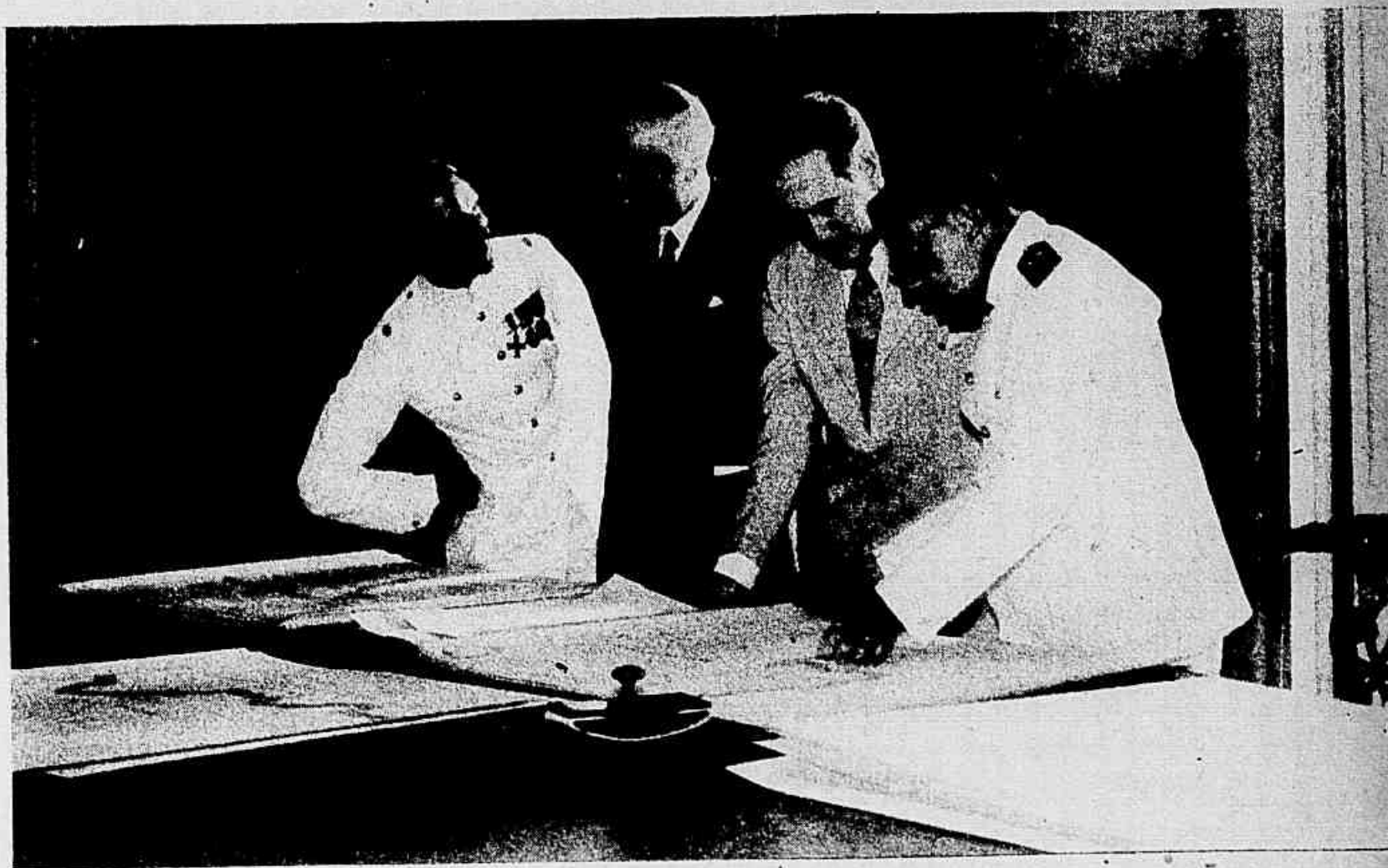
Tentaram a aprovação precipitada de leis que obrigaram os patrões a reconhecer determinados sindicatos (evidentemente os de origem comunistas). Incitaram o povo para que assistisse às sessões da casa da Assembléia, com o fito de intimidar os membros da Oposição com ameaças e insultos. Tentaram solapar a lealdade e a disciplina da polícia, e instalar em seu lugar uma «Polícia do Povo». Esse sistema, conhecido como o do «Cavalo de Tróia», ensaiado no mundo, causou pânico. Em poucas semanas foram retirados quase dois milhões de dólares. A vista da tensão crescente, o governador empregou os poderes que lhe são reservados, em virtude da nova constituição.

A colônia, que fôra fundada por holandeses, em 1581, tomando-a a frades missionários, prosperou e, em 1796, os ingleses se apoderaram dela. Produz cana-de-açúcar (72.300 acres) e o arroz (100.240 acres). Outros produtos importantes da Guiana são o café, o côco, o cacau e a borracha. Os produtos mais exportados são arroz, rum, açúcar, madeiras, ouro, diamantes e bauxita. Os mais importados são maquinarias, algodão, vegetais, sêda, tabaco, leite con-



GEORGETOWN, CAPITAL DA GUIANA. Na praça do Tribunal de Justiça fica o monumento à Rainha Vitória. Simboliza toda uma época de fausto para a comunidade britânica, em que o pavilhão de John Bull era o mais poderoso da terra.

densado, manteiga, óleos diversos, papel, peixe seco. Dos minerais ali existentes, o mais abundante é o ouro; existem ainda jazidas diamantíferas, depósitos de manganês e mica, além de enormes depósitos de bauxita cuja exportação é feita para o Canadá, Estados Unidos e Reino Unido. Acredita-se que existam lençóis petrolíferos. As florestas ocupam 102.400 quilômetros quadrados da superfície total e as terras ainda inexploradas abrangem cerca de 16.000 quilômetros quadrados. A criação de gado compreende aproximadamente 166.000 cabeças de bovinos, 3.000 de equinos, 30.000 de suínos, 14.000 de caprinos e 38.000 de gado lanígero. Possui grandes rios e importantes cachoeiras. Os últimos acontecimentos que vêm agitando a Guiana, constituem mais um teste por que deverá passar a Inglaterra, agora sob o reinado de Elizabeth II que, por sua vez, pode dispor da inteligência e do traquejo do velho Winston Churchill, grande conhecedor da política inglesa de além-mar que, sem perder tempo, fez o leão britânico urrar em defesa da coroa, então ameaçada no jovem e promissor território de John Bull em terras do Novo Mundo.



O BRASIL sempre esteve presente nos assuntos atinentes ao continente. Aqui podemos ver o sr. Oswaldo Aranha, quando ministro do Exterior, e o embaixador britânico Hugh Gurney em companhia de membros da comissão demarcadora dos limites Brasil-Guiana.

DE A SUA CUTIS O TRATAMENTO QUE ELA MERECE

ANTISARDINA



ANTISARDINA Nº 1

O CREME PERFEITO PARA UMA «MAQUILLAGE» PERFEITA

ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.

Nº ANTISARDINA LI SOBARBA CABELOSAN ANTI



a REVISTA há 50 anos

Domingo, 25 de outubro de 1903

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE APPARELHOS A ALCOOL

● Inaugurou-se, domingo, 18 do corrente, na rua do Lavradio, no edificio do antigo Frontão Velocipedico a magnifica exposição Internacional de Apparelhos a Alcool. Luxuosamente montada, esta exposição merece a attenção do publico não só pelas numerosas curiosidades que lá existem, como ainda pela magnifica exposição de flores que inaugurou-se juntamente com a primeira.

Ao lado do edificio, no antigo theatro «Eden Lavradio», completamente transformado e modificado, funciona uma escolhida orchestra de conhecidos professores para diversão dos visitantes. O «Jornal do Brasil» longamente se tem occupado desta exposição, descrevendo minuciosamente todos os productos ali existentes. No proximo numero da REVISTA DA SEMANA della nos occuparemos detalhadamente, reproduzindo todas as secções de que se compõe a esplendida exposição. Para isso temos lá todas as photographias, especialmente tiradas, com todos os detalhes precisos para que o publico possa julgar do merito d'este tentamen. Hoje publicamos algumas photographias.

★

QUEM DORME... COME

● Contam viajantes que na Russia ha individuos que, durante o inverno, passam quasi todo o tempo a dormir. No governo de Pakom, onde em regra são más as colheitas, ha falta de alimento na estação fria.

Por isso ha muitos annos, districtos inteiros, compostos de grande numero de aldeias, costumaram-se, para reduzir ao minimum o alimento, a dormir todo o inverno. Os dorminhocos acordam uma vez por dia, comem um bocadinho de pão duro, bebem agua, tornam a deitar-se e adormecem. Sem trabalhar, sem mexer, sem pensar, tendo as funcções physicas quasi annulladas pelo continue torpor, chegam a passar assim mezes inteiros, absorvendo uma porção insignificante de alimento. Os viajantes, quando atravessam essas aldeias, sentem uma desagradavel impressão, vendo tantas casas com as portas e janellas fechadas, porque toda a gente está dormindo.

★

DESTINO D'ARTISTAS

● É curioso relancear o olhar pelo passado e recolher da lenda tudo o que ella nos refere da vida hostil e impiedosa de alguns homens de genio. São os predestinados do infortunio: espiritos scintillantes, cheios de ardente fantasia, e... o estomago cheio de fome.

Homero viveu pedindo esmola, e dessa pleiade de famintos que deixaram paginas assombrosas, sabe-se que Camões não teve as angustiosas horas que a tradição lhe imputou.

Tasso, sonhando os seus versos, chegou a não ter dinheiro para comprar uma lampada com que allumiasse a sua tosca mesa de trabalho. Cervantes, o maior genio dessa Hespanha gloriosa d'arte, foi menos de um mendigo: o publico olhava-o como um bohemio inutil. Ariosto, que andava andrajoso e coberto de farrapos, apenas conseguiu em toda a vida, ter um gibão com que cobrisse a sua nudez.

Milton vendeu — sempre a crueldade dos editores! — o *Paradiso Perdido* por 10 guineas.

Cornulle morreu á mingua; Esopo foi um escravo, e despenharam-no, por ultimo, como um objecto criminoso, em Delphos. Lulio, a esse, a multidão apedrejou-o como se fosse um cão hydrophobo; Murillo percorria as ruas de Sevilha, os callejões, descalço, cantando a sua esperança!

Demosthenes foi associado na tribuna; Shakespeare no theatro; e essa legião de incompreendidos de genio aumenta assustadoramente se nos referirmos a epochas anteriores ainda. Hoje, o triumpho pertence aos mediocres... É ve-los, arrastando o mantão de gloriosos, sorriso de felicidade na bocca, e a vertigem dos scepticos no olhar.

O CORAÇÃO DURANTE A NOITE

● Quando nos deitamos para dormir, o fim na natureza é que o corpo e, principalmente, o coração, tenham descanso. Com effeito, este orgão, durante o somno, dá dez palpações menos por minuto que quando estamos acordados; isto significa 600 movimentos por hora. Durante as oito horas que ordinariamente, cada individuo consagra ao descanso, o coração economiza, por consequente, 5 000 pulsações, aproximadamente. Como cada movimento absorve e expelle seis onças de sangue, resulta que levanta 30.000 onças menos durante o somno que durante a vigília. O calor do corpo depende de torça da circulação, e, como o sangue corre muito mais lentamente pelas veias quando se está deitado d'hai nasce a necessidade que temos de nos agasalhar na cama. Ora vejam lá como as cousas são!

SUMARIO

| | |
|---|-------|
| A Guiana em fogo | 3/7 |
| Castilho Cabral revela: O plano secreto de Ademar | 12/15 |
| Bombeiro, herói e místico | 16/17 |
| O segredo de Clark Gable | 24/25 |
| Vanja Orico — garota sensação | 30/31 |
| Quem será «Miss Objetiva de 53?» | 51/53 |
| Morre Dudu — Rei do Picadeiro | 54/55 |
| A «Madona das Lágrimas» | 26/29 |
| Os astros e o sr. Ademar de Barros | 56/57 |

| | |
|-----------------------------------|-------|
| Um homem com dois corações | 9 |
| Truque (conto) | 19 |
| Nove pequenas para um rapaz | 22/23 |
| A marechala Junot | 34/35 |
| Semana literária | 32 |

| | |
|---------------------------------|-------|
| A Revista há 50 anos | 8 |
| Semana em revista | 10 |
| De Rádio | 14 |
| De Cinema | 15 |
| A Luz da Piscandlise | 18 |
| Conta-me teus sonhos | 18 |
| De Teatro | 21 |
| Semana literária | 32 |
| O riso dos outros | 33 |
| Janela sobre o mundo | 36 |
| Último Flash | 58 |
| O branco se impõe | 38/39 |
| Os louros, nossos amigos | 40 |
| Sugestão para o lar | 40 |
| Sua aparência no trabalho | 41 |
| Week-end na cozinha | 42 |

CAPA: VANJA ORICO

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação: VICTOR TAPAJÓS - Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR.

A décana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Este número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570
— Portaria: 22-5802 — Gerência: 22-8647
— Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS.

| | |
|------------------------------|-------------|
| Porte simples — Um ano | Cr\$ 250,00 |
| Seis meses | Cr\$ 125,00 |
| Registrada — Um ano | Cr\$ 280,00 |
| Seis meses | Cr\$ 140,40 |

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

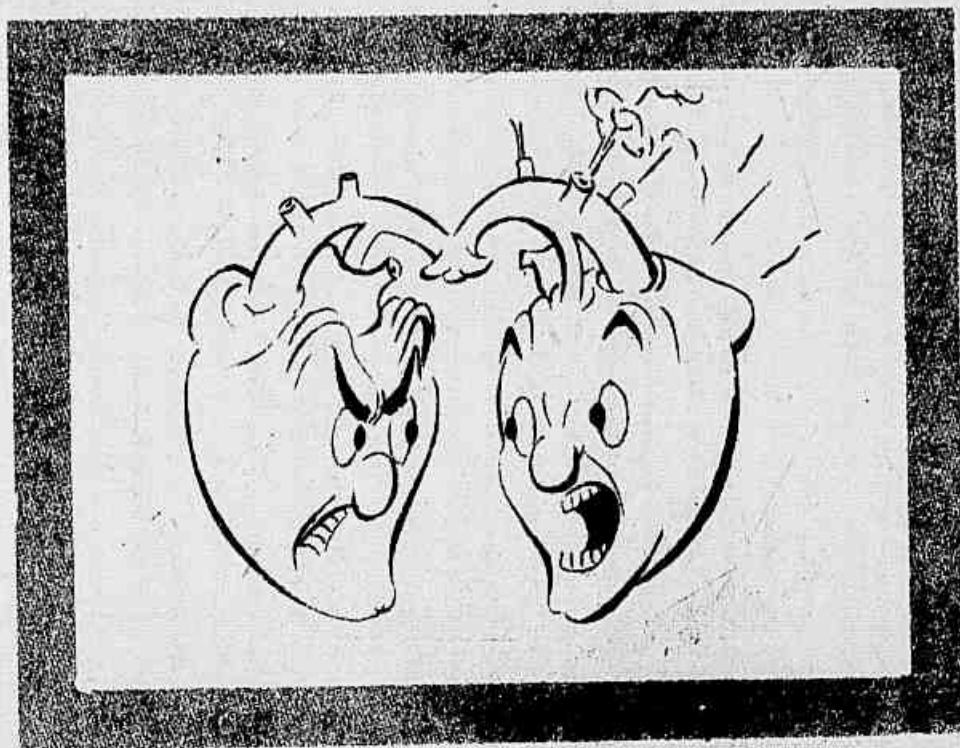
| | |
|---------------------------|-------------|
| Registrada — Um ano | Cr\$ 400,00 |
| Seis meses | Cr\$ 200,00 |

O número avulso custa Cr\$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 6,00

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

UM HOMEM COM DOIS CORAÇÕES



A vida sempre surpreendente, mais imaginosa e cheia de enigmas do que os autores de histórias fantásticas e os colaboradores do «London Mystery Magazine», deu-nos há dias a nova sensacional: existe um homem que possui dois corações. O primeiro pensamento que nos ocorre é este: se Edgar Poe tivesse inventado isso naquele conto do coração palpitante, que sensação! O criminoso, em vez de escutar a pulsação de um coração imaginário, o coração do remorso, ouviria mesmo o outro coração da vítima, que não teria parado de bater... Mas a Poe não lembrou esse milagre da biologia que a vida agora nos proporciona, da mesma forma que já providenciava os simples fenômenos de circo, os estranhos animais de não menos estranhas anatomias que se exibem pelo mundo, entre um número de trapézio e o engolidor de espadas.

Um homem com dois corações é realmente um acontecimento. Duplo coração só se conhecia, até hoje, entre os cavalos e, assim mesmo, em sentido figurado: na gíria da equitação, consideram-se de coração duplo as montarias duras ao «manège». Pois, o caso do homem com dois corações sucede em modesta localidade da província mineira e não em uma «short story» de John Collier. É de lá que nos chega a novidade.

O indivíduo duplamente dotado do músculo sentimental tem mais de cinquenta anos e acredita que quando um de seus corações parar, o outro, como um sobressalente, continuará a pulsar, sistole-diastolicamente na mesma. Ele naturalmente não encara a hipótese de uma dupla miocardite, de enfase suplementar.

Um sujeito com 2 corações pode muito bem acreditar em tudo. Nata temos a objetar. A não ser sobre o próprio possuidor dessa duplicata orgânica. Trata-se de um homem comum, por mais incum que seja o fenômeno de que é portador, realmente único. Tem a profissão de magarefe, isto é, o indivíduo que mata e estola os bois, no matadouro, ofício que não nos parece muito digno, pelo menos de uma criatura excepcional. Com dois

corações, êle devia ser duplamente depositário dos bons sentimentos humanos que não se coadunam com a prática da matança e do esfolamento, mesmo de vacas, nos matadouros, ainda que se desconte a benemerência de um ato que visa prover à nossa inelutável necessidade diária de «steacks». De toda sorte, é um homem sanguinário, êsse cidadão de Barreiro, tanto mais que não existem diferenças profundas entre o sangue dos homens e as espécies da fauna das mais humildes.

Ora, o que seria lícito esperar de um homem com dois corações era um destino mais alto, desde que êsse órgão de nossa fisiologia está diretamente ligado à nossa constituição aos grandes feitos, ao heroísmo, à santidade. O rei Ricardo da Inglaterra teve sua biografia sintetizada no cognome «coração de leão».

● Foi um bravo, um tanto cruel, como acontece aos bravos, e pode-se facilmente calcular o que seria sua história, se em vez de um só coração leonino, possuísse dois. A Virgem «au grand coeur» ficaria bem um duplo órgão cardíaco: seu destino de heroísmo e de glória talvez duplicasse e talvez ela não fôsse queimada em Ruen.

Aos guerreiros, entretanto, preferiríamos para êsse fenômeno os heróis da paz e da caridade. Aquêlê capelão das galeras que tanto bem espalhou pela terra o imortal São Vicente, poderia ter vindo ao mundo com dois corações e tudo o que fêz, de bem pela humanidade, seria produzido em dobro. Ou aquêlê outro santo, Francisco de Assis, o que muito amou, fazendo do mundo dos pássaros, das águas e dos lobos, uma grande fraternidade — êsse, também, poderia ter vindo ao mundo dotado de dois corações. Vejamos, porém, a beleza ao lado da bondade. Ficamos, então, no caso de Chopin ter pôsto, em vez de um, dois corações, na sua música de ternura infinita, dois corações nos «Noturnos» dois corações na sua vida breve de imenso amor...

Os desígnios do céu, como os absurdos da natureza, são porém impenetráveis e, assim, em vez de ses dois corações baterem no peito de um santo, de um herói ou de um artista, foram estranhamente pulsar no tórax do magarefe de Barreiro. E a nós não nos resta mais do que aceitar os paradoxos da anatomia e os impenetráveis mandatos divinos.

EDMUNDO IYS

A Personagem da Semana



● Esta semana foi, toda ela, praticamente, dedicada ao «Plano Aranha», destinado a resolver a gravíssima situação cambial do país. Ao que tudo indica, a responsabilidade técnica da solução heróica, agora tomada, cabe ao sr. Marcos de Souza Dantas, hoje na presidência do Banco do Brasil, cargo que, afinal, passou a ser uma dependência do Ministério da Fazenda, como sempre foi aconselhado pela própria ordem natural das coisas. Mas a responsabilidade política da decisão e o peso das consequências na economia nacional, boas ou más, caberão ao sr. Osvaldo Aranha, que é, de verdade, o ministro da Fazenda. Porque o sr. Aranha não cometeu o erro em que incidiu o sr. Horácio Láfer, que aceitou a pasta sem condições. Toda gente sabia que a presidência do Banco do Brasil não fora preenchida por indicação dele, Láfer. Resultado: o desentendimento entre ambos foi para este e para o sr. Jalét uma fonte de dissabores. A impressão geral sobre a nova política cambial do Brasil é boa. Gregos e troianos, tirante pequenas restrições, se mostram esperanças. Extingue-se a CEXIM, que era um manancial de suspeitas e insatisfações. Na verdade, por mais honestos e diligentes que fossem seus diretores, não podiam eles fazer o milagre da multiplicação dos dólares. Era a contingência do lençol curto. Era o poder para dar ou não dar, origem de satisfações e desgostos, desde que o mundo é mundo. Verdade é que o novo sistema exige boa execução, critério seguro. Mas, o arbítrio pessoal quase não existe. Que o sr. Aranha tenha boa sorte! E nunca a sorte de um ministro se confundiu mais com o destino do seu país.

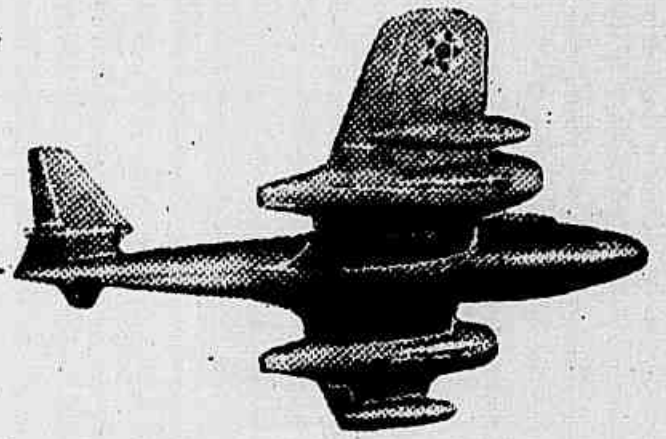


A SEMANA EM REVISTA

● «CAFÉ COM LEITE E AÇÚCAR», foi como denominou o sr. Juscelino Kubistcheck o seu encontro com os srs. Lucas Garcez, de São Paulo e Apolônio Salles, de Pernambuco, em Araxá. Depois do famoso encontro do «Galo Branco», o fato político de maior importância foi a conferência de Araxá, localidade mineira onde os governadores de Minas e São Paulo, bem como o senador Apolônio Salles, representando o governador de Pernambuco, tiveram oportunidade de, em termos gerais, tratar do problema sucessório. Nesse encontro, tanto o chefe do executivo paulista como o seu colega mineiro, cordenaram a «política dos governadores», que se dizia prestes a renascer no país. A tertúlia de Araxá nada de novo trouxe a situação política do país, tudo continuando no mesmo estado de coisas deixado pelo encontro de São José dos Campos.

● O CASAMENTO DO SR. WALDER SARMANHO, presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, com a srta. Gilda Cunha, que aparece na foto ao lado de seu noivo, deverá realizar-se nos Estados Unidos, para onde seguiu o casal via Pan American Airways. O sr. Walder Sarmanho, que é irmão da sra. Darcy Sarmanho Vargas, no ensejo de sua estada na terra de Tio Sam, cuidará também de diversos assuntos econômicos relacionados com o estabelecimento bancário a que preside.





Carreira para jovens de responsabilidade

Se Você aprecia os trabalhos manuais e o manejo de instrumentos, se Você tem gosto pela mecânica, se aspira, enfim, empregar e desenvolver sua vocação em uma carreira estável e de futuro, ingresse na *Escola de Especialistas de Aeronáutica*. Ela fará de Você um Sargento e Técnico da Força Aérea Brasileira.

A *Escola de Especialistas de Aeronáutica* lhe proporciona: instrução teórica e prática, alimentação, enxoval, alojamento e soldo.

Assegure o seu futuro e sirva ao Brasil, ingressando na *Escola de Especialistas de Aeronáutica*.

Condições para inscrição no concurso de admissão: ser brasileiro nato, maior de 17 anos e não ter 23 anos completos. Ser solteiro ou viúvo sem filhos e reservista, caso tenha mais de 18 anos.

Para obter programa do concurso e modelo de documentos, Você pode dirigir-se ao Quartel General das Zonas Aéreas, às Bases Aéreas, aos Aeroclubes locais, à *Escola de Especialistas de Aeronáutica* (Guaratinguetá - Estado de São Paulo) ou, simplesmente, enviar o cupom abaixo para a **DIRETORIA DE ENSINO DA AERONÁUTICA, AV. MAR. CÂMARA, 233 - 7.º ANDAR - RIO.**



**Suba mais alto,
ingressando na
Aeronáutica!**

ESCOLA DE ESPECIALISTAS DE AERONÁUTICA

Nome

Residência

Cidade..... Estado.....



CASTILHO CABRAL REVELA

O PLANO SECRETO DE ADEMAR

COMO FOI ESCOLHIDO GARCEZ ★ A VERDADE SÓBRE O ROMPIMENTO ★
CAFÉ FILHO ENGOLIU A MÔSCA AZUL ★ O PLANO PARA ATINGIR O CATETE.

Texto de HÉLIO DE ABREU

«ADEMAR apoiará até ao Diabo se êle lhe garantir a presidência da República ou a situação em São Paulo» — disse-nos o deputado Castilho Cabral, ex-vice-presidente nacional do Partido Social Progressista e presidente da Comissão que investiga os negócios de «Última Hora», em resposta a uma pergunta relacionada com o procedimento do sr. Ademar de Barros nas eleições que serão realizadas para a escolha do governador de São Paulo e, posteriormente, do sucessor do sr. Getúlio Vargas. O objetivo de nossa entrevista com o deputado fôra o de conhecer o plano secreto do sr. Ademar de Barros, carinhosamente elaborado pelo chefe populista visando a conquista do Catete, que sabíamos ser do conhecimento do representante paulista à Câmara. Castilho Cabral, como político atualizado que é, não se fêz de rogado. Preferiu, assim, encarar a questão de frente, fazendo um retrospecto de todo o «caso Garcez x Ademar», desde o momento em que o atual governador bandeirante cruzou, pela primeira vez, as portas do sr. Ademar de Barros, então chefe do executivo paulista. «Ademar tem dito, em declarações sucessivas, ter escolhido o nome do sr. Lucas Garcez para candidato do PSP em virtude de sua amizade com o sr. Isaac Garcez, pai do governador. Não é exato, e quem o diz é o sr. Boaventura Nogueira da Silva, tio do sr. Lucas Garcez. Segundo êste senhor, Ademar conhecia superficialmente o sr. Isaac Garcez. A versão correta de como surgiu o nome do governador Garcez no cenário político de São Paulo é esta: com a saída do sr. Caio Dias Batista, da Secretaria de Viação, teve êle necessidade de encontrar um engenheiro capaz de levar avante obras de grande importância atinentes àquela pasta. Por intermédio de seu genro, sr. Manuel Martins de Figueiredo Ferraz, foram levados à presença de Ademar dois homens. Os srs. Dario Bueno e Lucas Nogueira Garcez. Ademar, é bem verdade, optou por Garcez. Talvez que a atitude serena e a nenhuma experiência política do escolhido fizessem Ademar pensar, embora erradamente, ser o novo secretário homem facilmente manobrável...» — O deputado sorve um café, rebusca numa pasta, na qual está escrito, com letra do próprio punho: ADEMAR DE BARROS, e prossegue: — «A história da «caixinha» esta: a desmoralizando o partido. O governo estadual vivia sob a constante ameaça de intervenção e de «impeachment». Foi neste clima de incertezas que se fêz em São Paulo a sucessão do senhor Ademar de Barros no governo. Miguel Reale foi lançado, apoiado em forças ponderáveis, e Barone Mercadante era uma espécie de válvula de escape para qualquer eventualidade. Foi aí que o sr. Erlindo Salzano, «o pensador astral» e conselheiro político do sr. Ademar de Barros, de quem se diz irmão há dois mil anos... iniciou a destilação da maior quantidade de peçonhas jamais conhecida nas terras de Piratininga. Miguel Reale foi coagido, em virtude de sucessivas traições a retirar-se da convenção do PSP. Naquela ocasião, tentou-se, ainda, impedir fôsse Salzano feito candidato, através da indicação do nome de Barone Mercadante. Quando solicitei a palavra, Ademar ficou vermelho e afundou na cadeira, pensando fôsse

SÃO BENEDITO ficou na moda depois do encontro do «Galo Branco». A imagem que Castilho Cabral tem nas mãos foi um presente do colega Carvalho Sobrinho. «Incluí, agora, São Benedito entre os santos da minha devoção», disse o deputado Castilho Cabral.

eu levantar aquele nome. Foi depois disto que surgiu Garcez. Nem o próprio Erlindo Salzano sabia da coisa. Como não podia deixar de ser, em razão das elevadas virtudes do candidato, a convenção homologou a indicação e Garcez viu-se aceito. Dêste momento em diante foi que nasceu no «pensador astral» o ódio ao atual governador de São Paulo «beati pauperes Spiritu». Estou convencido de que Ademar, para salvar-se, foi obrigado a lançar mão do nome inatacável do sr. Lucas Garcez. Feriu-se o pleito e nesse candidato, apoiado também pelo PTB e PRP, conquistou os Campos Elísios. Pensava-se, na época, que Ademar teria para com Garcez o mesmo procedimento que o sr. Benedito Valadares teve para com o governador Juscelino Kubitschek: a entrega do partido ao governador. Tal, entretanto, não aconteceu. Limitou-se o PSP a oferecer ao sr. Lucas Garcez uma situação decorativa dentro de seus quadros, ou seja, a presidência de honra, ao lado do mesmíssimo Erlindo Salzano e dessa extraordinária dama paulista que é a sra. Leonor Mendes de Barros. Foi apenas o comêço da tempestade que dividiria o partido e o Estado. Vale acentuar que, com a candidatura de Prestes Maia, da UDN, Ademar precisou encontrar em seu candidato um homem sôbre o qual não pesasse a sombra da «caixinha», esta talvez a mais forte razão da escolha de Lucas Garcez.

★

O deputado, cuja atitude ficando ao lado do governador na recente crise, é bastante conhecida, assim explica as origens do «affaire» Garcez-Ademar. «Logo após a investidura do governador de São Paulo, elementos pessepiastas, entre os quais sempre era encontrado o sr. Erlindo Salzano, iniciaram uma campanha de denigração do chefe do executivo bandeirante. Ora apontavam o sr. Lucas Garcez como um fantoche de Ademar, ora como um homem de poucas luzes que, sem o auxílio de Ademar nada saberia fazer e ficaria mesmo perdido dentro da nau do Estado. Com uma paciência digna de admiração, o governador a tudo suportava, a bem de São Paulo e do PSP. Como um sinal de disciplina partidária, adotou-se o sistema de fazer passar pelas mãos do presidente do partido, o sr. Ademar de Barros, tôdas as notas e comunicados oficiais do PSP. Aos quais, aliás, nunca êle negou sua aprovação. Acontecia, porém, muitas vezes, um determinado documento merecer o apoio de Ademar para, mais tarde, ou no mesmo dia, surgir na imprensa como alvo das mais severas críticas, e isto na bôca do próprio Ademar, ou na de seus «lugares-tenentes», ou, ainda, em jornais que sabíamos dêle ou por êle subvencionados. A bancada federal do partido ia à matroca. Não existia um entendimento pessoal regular com o gover-

nador do Estado e, quando alguém falava da necessidade de um maior contato com o sr. Lucas Garcez, a idéia era combatida com tôda a aveemência não só por Ademar como, também, pelo «pensador astral» Erlindo Salzano, etc.». A situação assim estava posta. Aos deputados federais nenhuma diretriz era traçada, quer em relação à conduta no plenário da Câmara, quer nas diversas comissões. Os fatos, que até então se desenrolavam de maneira lenta, tomaram novo impulso depois que Ademar declarou, textualmente: «Eu sou 99 por cento do PSP». É de espantar. Imagine, um partido que possuía dois governadores, o de São Paulo e o do Pará, cerca de 30 deputados federais, cinco senadores, mais de 60 deputados estaduais e um sem número de prefeitos e vereadores em todo o país, tudo isto, valer apenas um por cento! É de se calar a bôca. Dia a dia mais apertado era o cêrco ao governador. Falava-se muito em rompimento e, o próprio Ademar dizia, com uma freqüência de fazer qualquer um perder a paciência, que todos poderiam enganá-lo, menos Café Filho e Garcez. Enquanto assim procedia, Ademar continuava, sob a inspiração de Salzano, minando os alicerces dos Campos Elísios. As versões mais inexatas passaram a ser veiculadas.



«NEM SEMPRE O SILÊNCIO É DE OURO», disse Castilho Cabral exibindo o completo «dossier» que possui sôbre Ademar de Barros. O presidente da Comissão Parlamentar que investiga os negócios da Empresa «Última Hora» é um homem que não foge ao bom combate.

Dizia-se, por exemplo, que o governador do Estado de São Paulo havia, antes de ser eleito, endereçado uma carta de renúncia-prévia ao PSP para, no caso de que não mais quisesse permanecer no partido, ser degolado. Ou seja, uma autêntica chantagem política, se a notícia tivesse veracidade. A carta, porém, não existia. Na Assembléia Legislativa do Estado, Lino de Matos e outros hostilizavam, e de modo aberto, o governador. As próprias decisões do partido constantemente eram alvo das mais acerbadadas críticas do deputado Lino de Matos, sem que contra êle se falasse em expulsão... como, agora, vem acontecendo conosco, pelo simples fato de discordarmos de Ademar. Vale notar que, por ocasião das reuniões do Diretório, Ademar nunca atacava diretamente o governador. Dizia apenas: «Agora, vamos ouvir a exposição do dr. Salzano». Ai, então, vinham as mais descabidas críticas ao sr. Lucas Garcez. No que tange a atuação da bancada federal de São Paulo, as coisas iam de mal a pior. Ademar em constante divórcio com a representação, fato que, em meio a onda de boatos em que vivíamos, levou o deputado Carvalhal Sobrinho a endereçar a Ademar uma carta. Na missiva, queixava-se Carvalhal Sobrinho do tratamento pouco

convicente que vinham os deputados paulistas recebendo não só do governo federal, como, também, da própria direção do PSP. Nada havia contra o sr. Lucas Garcez, como não poderia haver. Foi a gôta d'água no copo cheio. Ademar convocou o diretório e, na reunião que se realizou o caso foi debatido, tendo ainda Ademar proposto fôsse o assunto adiado até que se elegeisse o prefeito de São Paulo. As razões apresentadas pelo deputado Carvalhal Sobrinho foram aceitas pelo partido e por Ademar. Qual não foi a nossa surpresa, no dia imediato, quando vimos a imprensa estampar uma notícia totalmente inverídica a respeito da reunião, segundo a qual o governador Lucas Garcez aparecia como alvo de críticas e censuras que, absolutamente, não lhe foram feitas! Com o propósito de demonstrar, públicamente, nada existir contra a pessoa do governador do Estado, após ter conversado com diversos colegas de representação, telefonei ao sr. João Machado, chefe do gabinete do governador, dizendo que, na próxima audiência do sr. Lucas Garcez aos deputados, a totalidade da bancada compareceria. Assim procedendo, era nosso objetivo desfazer a onda de boatos que então infestavam o ambiente. Uma hora mais tarde, um telefonema do sr. Leão Sobrinho me avisava de que, sabedor o governador da nossa determinação de visitá-lo incorporados, nos convidava para um almoço. Nada mais natural que deputados do partido do governo almoçassem com o seu governador. Mas assim não pensava Ademar. Tanto que, no dia seguinte, quando nos encontramos na sede do partido, colérico, perguntou: «Tá satisfeito?». Eu, por minha vez, respondi, no mesmo tom: «Estou e você também devia estar». Foi quando êle, indignado, fêz um «Ora», e voltou-se para atender a uma pessoa que o procurava. Confesso que, não soubesse Ademar ser eu um homem que nunca levou desaforo para casa, e a coisa teria pegado fogo. Pensei que êle fôsse, naquele instante, acometido de um ataque apoplético... tal a sua ira. Daí por diante a coisa ainda ficou pior. Em discursos no interior do Estado, Garcez era citado por Ademar como simples cumpridor de suas ordens, sob o riso zombeteiro do «pensador astral» e candidato nati-morto ao governo de São Paulo, sr. Erlindo Salzano. A situação chegou a um ponto em que não era apenas a autoridade do governador que se encontrava em cheque. Era a própria dignidade pessoal do sr. Lucas Garcez que estava em jôgo. Os fatos que se seguiram são do domínio público. Em São Paulo a conjuntura assim se apresenta: O governador tem a solidariedade de 90 por cento dos prefeitos, dois terços da bancada do partido nas câmaras federal e estadual, além de um senador.»

Nossa curiosidade jornalística, há muito aguçada pela promessa de que no-

DE RÁDIO

GUARACY

A VOLTA DE ANDRÉ VILLON



ANDRÉ VILLON, que tanto sucesso obteve por ocasião de sua atuação na Companhia de Eva Tudor, onde teve oportunidade de apresentar grandes trabalhos de composição, por ser realmente um ator de muitas qualidades artísticas, deixou o teatro para ingressar no rádio, passando a fazer parte do «cast» de rádio-teatro da Nacional, juntamente com outro colega seu de companhia, a atriz Elza Gomes, também um elemento de grande valor. Depois de um afastamento de 10 anos do teatro, André Villon voltará à ribalta, por intermédio do ator Rodolfo Mayer, que com ele e Lourdes Mayer farão os principais papéis na peça «Obrigada pelo Amor de Vocês».

comédia de Edgar Neville em tradução de Bricio de Abreu, que será apresentada no Teatro Dulcina. André Villon continuará fazendo parte do elenco da Rádio Nacional, onde tem granjeado grandes simpatias por parte dos ouvintes daquela emissora.

★ Encontra-se em Curitiba realizando várias audições ao microfone da Rádio Paranaense e no Caiçara Clube, a cantora Olivinha de Carvalho, que faz parte do «cast» da Rádio Nacional.

★ Estêve realizando uma temporada de 10 dias na Rádio Nacional, a cantora de maior popularidade em todo o nordeste e um verdadeiro ídolo de Recife, Neide Maria.

★ As rádio-atrizes Lourdes Mayer e Luísa Nazareth renovaram contrato com a PRG-3, Rádio Tupi, onde continuarão a fazer parte do elenco de rádio-teatro dirigido por Paulo Pórt.

★ Casou-se no dia 5 de outubro o locutor da Rádio Nacional, Reinaldo Costa, com a cantora Franca Fenati. A cerimônia foi realizada na igreja de Santa Terezinha, em Curitiba, no Estado do Paraná, às 11 horas, tendo como padrinhos o locutor da Rádio Nacional Afrânio Rodrigues e a cantora Olivinha de Carvalho, que lá se encontra atuando.

★ Já se encontra atuando ao microfone da PRA-9, Rádio Mayrink Veiga, o destacado narrador Luís Jatobá, que se achava afastado por motivo de saúde.

★ O cantor-vaqueiro Bob Nelson da PRE-8, Rádio Nacional, fez anos no dia 12 de outubro, comemorando a sua data natalícia com um grande «show» realizado no Cine Esperanto, em Petrópolis, em duas sessões.

★ O humorista Jorge Murad acaba de publicar em edição Pongetti todos os seus programas apresentados na Rádio Mayrink Veiga, reunindo-os num livro ao qual deu o título de «Humuradas», destinando parte do produto da venda para a campanha do Hospital do Ra-

★ Já saiu a gravação do bolero de Dandrea Neto, Carlos Coimbra e Arnaldo Passos, «Nunca Te Encontrei». Trata-se, realmente, de uma composição interessante, tanto na música como na letra, merecendo, por este motivo, a atenção de todos os nossos leitores.

dialista. «Humuradas», que também era o título dos programas transmitidos pela PRA-9, possui perto de duas centenas de anedotas, perguntas de algibeira, bem como as mais lindas trovas da língua portuguesa.

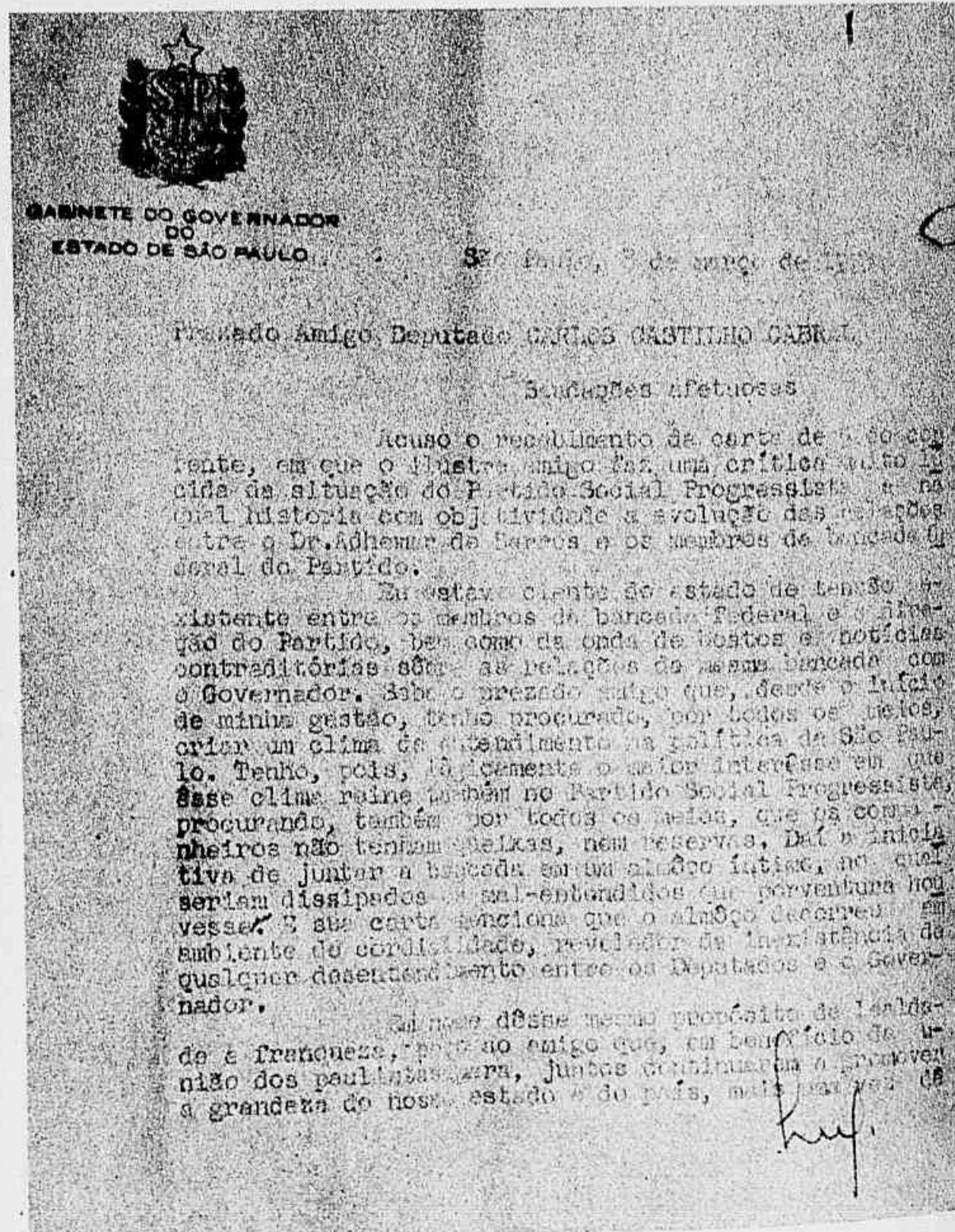
★ Acaba de ocupar a chefia da Secção de Rádio e Televisão do Instituto Brasileiro do Café o produtor Pascoal Longo.

★ Jararaca e Ratinho, a famosa dupla cômica da Rádio Tupi, encontram-se em gozo de férias desde o dia 1 de outubro.

O PLANO SECRETO DE ADEMAR

seria dado conhecer detalhes do plano elaborado pelo sr. Ademar de Barros para atingir a Presidência da República, foi despertada quando o sr. Castilho Cabral declarou: «É verdadeiramente monstruoso o plano de Ademar para a conquista do Catete. A estratégia ademarista foi completamente modificada depois da sensacional reviravolta que elegeu o sr. Jânio Quadros, prefeito de São Paulo. Até então Ademar fazia o costumeiro trabalho de aliciamiento e arregimentação do eleitorado. Mesmo a mim, que era vice-presidente nacional do PSP, causava admiração a capacidade de trabalho do presidente do partido. Acho eu, porém, que, apesar de suas grandes qualidades, falta-lhe uma, a mais importante, a de fazê-las preponderar sobre os seus defeitos. Todos sabem que Ademar adquiriu inúmeros aviões para a sua campanha eleitoral. A antiga «Propago» — máquina de propaganda do ademarismo — não mais existe por julgá-la Ademar obsoleta. Durante a campanha eleitoral que deu a presidência dos Estados Unidos a Eisenhower, Ademar teve oportunidade de melhor aprimorar seus conhecimentos no terreno da publicidade. Mas, tudo foi modificado depois da

eleição de Jânio Quadros. É que Ademar convenceu-se da necessidade de fazer oposição a tudo e a todos. Convocou o seu estado-maior, à frente do qual se encontra sempre o sr. Erlindo Salzano, e expôs os dois grandes passos de seu «golpe». Em primeiro lugar era preciso romper com Garcez, e às claras, para que melhor caracterizada ficasse a sua posição de homem «traído», como se os paulistas fossem meninos para engolir a história. Esse foi o primeiro grande erro de Ademar: Oposicionista e vítima. Eis a estratégia. Oposicionista e vítima, eis a válvula de escape para quem quer subir os degraus do Catete pelo modo mais barato, à custa da demagogia e mistificação. Mas esta é apenas a primeira parte da história. Uma pergunta: por que Ademar ainda não rompeu com Getúlio, apesar de ter o governo demitido todos os seus amigos dos postos que ocupavam? Posso responder: no plano de Ademar assim está escrito. Por ora, ele será o chefe traído pelo governo de São Paulo... Depois, em data próxima às eleições, aí, então, é que será tocado o disco da traição do sr. Getúlio Vargas. Sabemos, eu e outros que de perto conhecemos Ademar,



A SERENIDADE DO GOVERNADOR durante o tempo em que perdurou a crise, lhe valeu o apoio de dois terços dos deputados. Nos clichês aci-

BOMBEIRO, HERÓI E MÍSTICO

BRAVURA QUE MORRE E NÃO MATA ★ A HISTÓRIA DE UM SOLDADO DO FOGO ★ PROFISSÃO E VOCAÇÃO

Reportagem de EUGÊNIO LYRA FILHO



Quanto vale recordar... Há menos de 20 anos, o herói de hoje, oficial ilustre, era um simples praça do Quartel Central. Eis o «número 112», com o uniforme de gala, no ano de 1934.



Honra do Mérito. A medalha de ouro do famoso programa radiofônico, é apenas uma, dentre as muitas condecorações de que se pode orgulhar o 1º tenente Manoel Luís da Silva.

EM 1934, o pequeno jornal «O Lidador», de Itaocara, Estado do Rio, publicava esta notícia: «Manoel Luís da Silva, o nosso jovem companheiro de trabalho, cujo retrato encima estas linhas e que, em fins do ano passado, seguira para o Rio de Janeiro, em busca de um campo mais vasto para exercer a sua atividade e desenvolver a sua inteligência, acaba de nos comunicar ter se alistado nas fileiras do glorioso e heróico Corpo de Bombeiros da Capital Federal, a mais honrosa e digna das corporações nacionais. Os votos de felicidades que encerraram o registro foram, decerto, sinceros, mas, a despeito da confiança que o aprendiz de tipógrafo merecia de todos os seus conterrâneos, certo que nenhum deles poderia imaginar que, menos de 20 anos depois, Manoel Luís da Silva exibiria a patente de primeiro tenente, deteria vários diplomas de cursos concluídos com brilho, guardaria com orgulho diversas condecorações e seria reverenciado em todo o país como um autêntico herói.

E, no entanto, esta é a realidade. Dezenove anos decorrem desde que o jovem Manoel Luís da Silva, tomando o número 112, ingressou nas fileiras do Corpo de Bombeiros. Vinha de uma cidade modesta, passara por um emprego modesto, numa tipografia da av. Marechal Floriano, mas suas ambições só eram modestas no que se referia à parte material. Sabia que o Corpo de Bombeiros era uma corporação de constantes sacrifícios, mas sabia, também, que ela só existia para fazer o bem. E como estivesse certo de que, «quando se vive para fazer o bem, se é feliz», não hesitou. Fêz-se bombeiro — e hoje afirma que bombeiro deseja morrer.

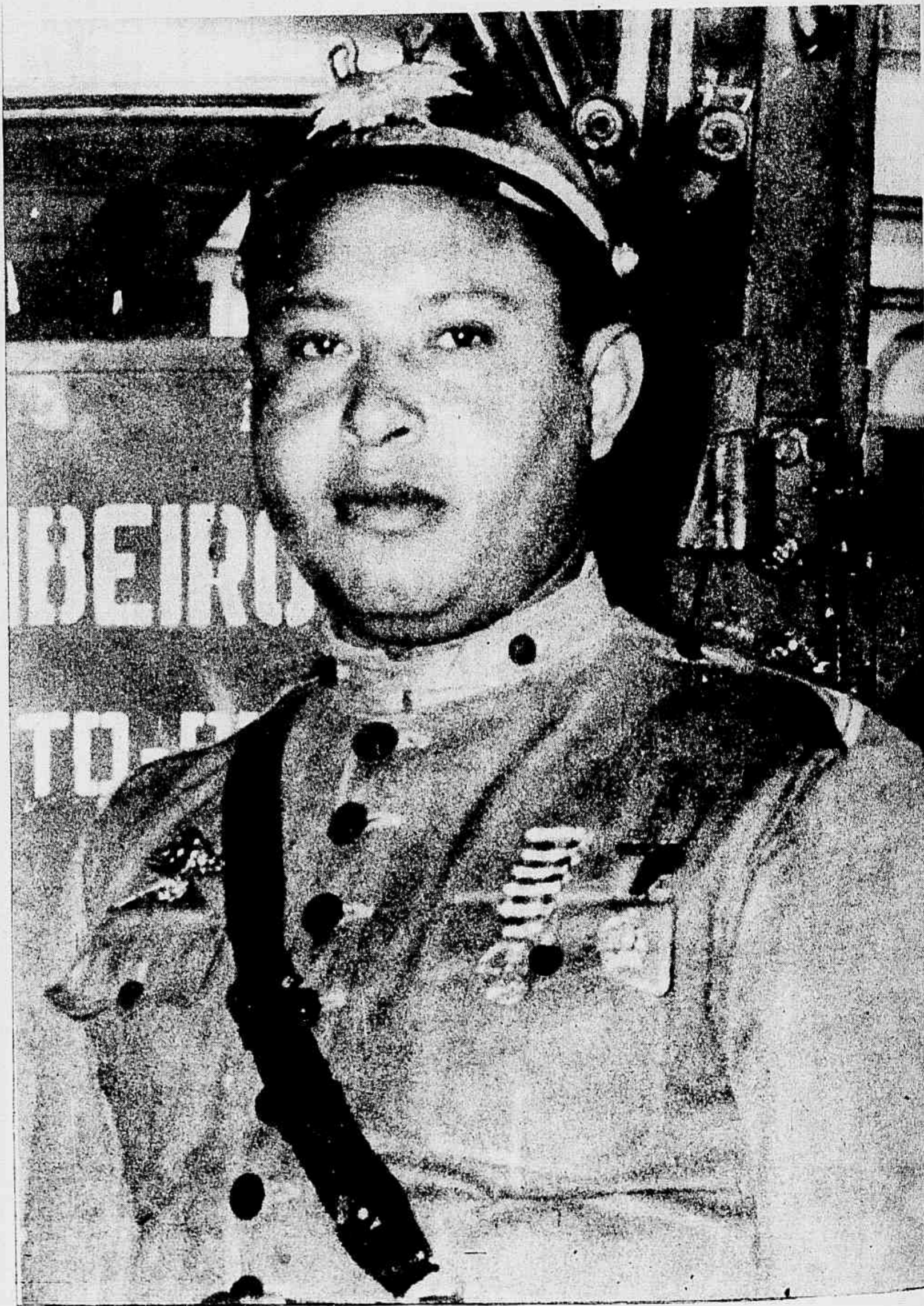
O tenente, entretanto, observa:

— Eu sempre pensei no dia de amanhã — conta o tenente Manoel Luís da Silva. Assim, logo ao ingressar no Corpo de Bombeiros, procurei estudar, para poder progredir.

No concurso para bombeiro de primeira classe, tirou o primeiro lugar. Procurou logo o curso de cabo e, obtida a promoção, fez concurso para sargento. Coursou a Escola de Sargentos, que lhe permitiria promoção a aspirante a oficial. Passou a segundo sargento, depois a aspirante. Moço, ainda, compreendeu que poderia aspirar mais, talvez mesmo as insígnias de oficial superior. Fêz então o Curso de Aperfeiçoamento Para Oficiais. Sua linha de conduta impecável, sua bravura consciente e ponderada, seu amor à corpo-

ração e sua dedicação aos estudos, trouxeram recompensas imediatas aos seus esforços: em 1948, foi promovido a segundo tenente e, em 1952, nova promoção, por merecimento, vinha ilustrar sua carreira, passando ele ao posto de primeiro tenente.

Entre o praça de 1934 e o primeiro tenente de 1953, entretanto, não medeiam apenas estudos ou exercícios. No Quartel Central, no Cais do Pôrto, em Vila Isabel ou em Humaitá, esteve na vanguarda, sempre que os bombeiros foram chamados a lutar contra o fogo, contra as inundações, os desabamentos, os acidentes. Nunca se lhe notou o medo; tampouco, entretanto, alguém pôde jamais acusá-lo de imprudência ou de temeridade. Calmo, refletido, consciente — aceitou



Primeiro tenente Manoel Luís da Silva. Herói de tantas jornadas perigosas e heróicas, é como um símbolo do Serviço de Salvamento e Proteção do Corpo de Bombeiros.



Um acidente forçou o ativo tenente dos Bombeiros a uma prolongada inatividade. Ele encontrou um meio construtivo de se distrair. Estudou e se tornou rádio-técnico amador.

sempre o perigo não como uma aventura, mas como uma responsabilidade. E, por isso, diz dele o seu comandante, coronel Sadok de Sá: «De todos os misteres que lhe têm sido atribuídos, se tem saído admiravelmente, não somente pela coragem, mas também pelo trabalho consciente que empreende». Por isso, também, afirmou o Rotary Clube, ao lhe conferir a sua Medalha de Prata: «... testemunho e reconhecimento pelos meritórios serviços prestados à coletividade, demonstrando alto espírito público e de solidariedade humana». Por isso, finalmente, o programa «Honra ao Mérito» conferiu-lhe a Medalha de Ouro, justificando: «... como uma prova de reconhecimento público pelo seu alto exemplo de coragem e iniciativa no cumprimento do dever».

★

Manoel Luís da Silva será, entretanto, apenas um tenente dos Bombeiros? Viverá apenas em função do trabalho que escolheu e que tanto dignifica? Terá o militar anulado o indivíduo, terá a consciência profissional subjugado o sentimento pessoal?

De modo algum. Na Avenida Automóvel Clube, passando Colégio, já próximo a Coelho Neto, numa casa baixa, modesta mas acolhedora, nada se nota que lembre o herói dos trabalhos de salvamento e proteção. Ali reside um homem forte, de estatura mediana, de pele morena e feições de nordestino. A inatividade forçada, desde que, há alguns meses, fraturou a perna, durante um exercício de Educação Física, fê-lo um pouco mais gordo, mas não lhe roubou o dinamismo natural. Enquanto a esposa (jovem ainda, apesar dos 14 anos de casados) prepara o almoço, enquanto a filha de 12 anos, dedica atenção aos seus estudos de terceiro-anista do Ginásio, o chefe da casa, arrastando um pouco a perna acidentada e ainda não inteiramente sã, cuida de refazer a pintura da casa

que é todo o seu patrimônio. Sobre a mesa da sala de jantar, dois receptores de rádio, montados sobre madeira comum — e uma confusão de fios, válvulas, condensadores, resistências e bobinas. O tenente, que deixara a pintura da casa para nos receber, pede desculpas pela confusão, vai lavar as mãos, volta para conversar:

— Depois que quebrei a perna, achei que tinha tempo disponível e comprei um livro de rádio-técnica. Esta (e apontou para um dos receptores) é a minha terceira experiência — e, até certo ponto, deu certo... A próxima, será um rádio de 5 válvulas — e espero que fique cem-por-cento.

★

Corremos os olhos pelo lar do tenente. Prédio modesto, móveis modestos, revelam que os benefícios materiais da profissão de bombeiro, mesmo para um oficial, não estão à altura dos sacrifícios que ela impõe. E uma pergunta indiscreta surge, para logo obter uma resposta que é toda uma regra de bom viver:

— O senhor está satisfeito com o que ganha?

— Estou. O que ganho pode ser pouco, mas chega de sobra para a vida modesta que levamos, eu e minha família. Não tenho televisão, nem automóvel; não moro em Copacabana, mas vivo despreocupado porque vivo estritamente dentro de minhas posses.

★

Não é a primeira vez que o tenente recebe repórteres. É gentil, mas foge de glorificar-se e diz que apenas «tem tido sorte». O curioso é que ele considera «ter sorte», o fato de estar de serviço, no momento em que a população desesperada chama os bombeiros para tarefas que exigirão coragem, desprendimento, abnegação e sangue-frio. O tenente Luís «teve sorte» em dirigir os trabalhos de salvamento dos passageiros do bondinho do Pão de Açúcar, arriscando a vida

durante horas, juntamente com Augusto Gonçalves e Júlio Queiroz. «Teve sorte» em permanecer, perigosamente, sob o que restava de um edifício em Santa Tereza, prestes a ruir, para salvar um operário ainda soterrado. «Teve sorte», finalmente, em levar a cabo tarefas penosas e heróicas, nos terríveis desastres de Nova Iguaçu e Anchieta.

O repórter quer saber o que o homem sente, não o bombeiro:

— O senhor nunca teve medo?

— O que faz a coragem é a necessidade. Quando se tem noção da responsabilidade, o fato de ter ou não ter medo, assume pouca importância. Se uma tarefa precisa ser realizada, a todo risco, como aceitar o medo?

E acrescentou:

— Nunca procuro aceitar perigos inúteis. E quando os enfrento, tenho plena consciência da realidade. Antes de entrar na vagonete que salvou os passageiros, no acidente do Pão de Açúcar, fiz minhas orações, certo de que tudo poderia acontecer.

Conversando com o tenente Luís, sente-se quão profundas são as suas convicções filosóficas. Dizendo-se apenas cristão, ele defende a teoria do bem, da bondade e da fraternidade. Ele, que tem presenciado quadros dantescos (inclusive nas catástrofes ferroviárias de Acari, Nova Iguaçu e Anchieta), diz que, nessas ocasiões, é que todos podemos sentir o quanto somos pequeninos, insignificantes, mesmo. E que, o contemplar o sofrimento e a miséria, leva às vezes a um sentimento de repulsa pelo mundo e leva, também, à purificação.

— Disse alguém que o ser humano ou sobe pelo amor ou sobe pela dor. O que me conforta é saber que estamos aqui de passagem. Um dia haveremos de atingir um plano mais elevado, em que teremos o descanso, se o merecermos, e de toda forma o prêmio daquilo que tivermos sido no mundo. E mais — muitas vezes, na própria vida terrena, temos os prêmios ou os castigos de nossa vida material, assim seja ela boa ou má, dirigida para o lado da bondade ou da maldade. Deveríamos seguir, todos, os ensinamentos de Jesus — amando, inclusive, os nossos inimigos, orando mesmo por aqueles que nos desejam mal.

Palavras do coronel Henrique Sadok de Sá, comandante do Corpo de Bombeiros, sobre o primeiro tenente Manoel Luís da Silva:

«O Primeiro tenente Manoel Luís da Silva, é um dos oficiais mais distintos do Corpo de Bombeiros, por sua dedicação insuperável às suas atividades profissionais, como verdadeiro Soldado do Fogo. Serve na seção denominada Serviço de Salvamento e Proteção, que sai a cada momento para salvar bens e vidas alheias, até mesmo animais. O tenente Manoel Luís da Silva, que já se destacou em vários trabalhos importantes, como desabamentos, a grande catástrofe de Nova Iguaçu, a de Anchieta, destacou-se também nos trabalhos empreendidos pela seção de Salvamento e Proteção do Corpo de Bombeiros, no acidente, de todos conhecido, do bondinho do Pão de Açúcar. Ali, demonstrou sua coragem e seu desprendimento, quando se trata de salvar vidas alheias. Enfim, de todos os misteres que lhe têm sido atribuídos, se tem saído admiravelmente, não somente pela coragem, mas também pelo trabalho consciente que empreende.»



Os tesouros do Bombeiro, que cada dia arrisca a vida para salvar vidas alheias, são a Família e o Lar, que ele honra com seus exemplos dignificantes de coragem e altruísmo.

À LUZ DA PSICANÁLISE

Pelo Dr. LUIZ FRAGA

CLAUSTROFOBIA — Vamos tratar hoje de um caso de «transferência». É o caso da atitude afetiva de Marilda, jovem de 24 anos, separada do marido, do qual tem um filhinho de 5 anos. Marilda reproduz, inconscientemente, uma situação psíquica do passado, renovada em forma simbólica. A pessoa que «age» nem sempre se limita à reprodução da situação de uma vez, mas freqüentemente, reproduzindo-a, completa-a e procura inconscientemente conseguir a satisfação das tendências inerentes àquela situação. É o caso de Marilda, cujo trecho principal do relatório reproduzimos:

— «... fiquei órfã de pai aos 4 anos de idade; minha mãe foi para o interior com os seis filhos, dos quais eu era a mais moça. Dois anos depois perdi minha mãe. Meus irmãos vieram para o Rio e me internaram num colégio na Tijuca. Fui sempre uma pequena levada, mas estudiosa e amigável. Sempre me agradou fazer o bem. Voltei ao interior em gôzo de férias. Assisti à retirada dos restos mortais de minha mãe. Passei ainda dois meses no interior, refazendo-me das canseiras do ano letivo. Deixando o colégio, quando terminei o ginásio, fui residir com um irmão. Casei-me aos 18 anos de idade, com um homem de 35. No segundo ano de casada comecei a sofrer duma coisa esquisita: tinha medo de entrar em elevador; descia e subia oito andares do edifício em que morávamos. Não viajava de automóvel, nem de ônibus; não fui mais ao centro da cidade porque não suportava atravessar o túnel. Não podia demorar-me mais que meia hora num cinema.

Depois que o meu filho completou dois anos, meu marido me abandonou chamando-me de maluca.

Continuo sofrendo as mesmas coisas...

★

Marilda sofre de claustrofobia. De seu velho relatório, concluímos que este seu complexo reside em seu subconsciente desde a data em que assistiu à retirada dos restos mortais de sua genitora. Infelizmente, seu marido não procurou um psicanalista, ao tempo em que surgiram os primeiros sintomas; ao contrário, ridicularizou-a e maltratou-a. Marilda deve insistir na descrição do ato da retirada dos restos mortais, e livrar-se do complexo. Aos poucos reabituá-la aos elevadores, entrando nos mesmos e não fechando as portas, até que volte a viajar normalmente. O mesmo fazendo com referência ao automóvel. Deverá passar uma temporada nos campos, praticando os esportes próprios, equitação, alpinismo, tênis, etc.

C U P ã O

Nome

Pseudônimo

Data do nascimento

Estado civil Profissão

Residência

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● LUIS OSWALDO — (Rio)

SONHO (1º TEMPO) — Eu era chamado para ir a um determinado lugar. Chegando ao local, encontrei diversas pessoas, que me mostraram um patinho, estando este enterrado, tendo apenas o pescoço de fora. Disseram-me já terem tentado salvá-lo, mas não o conseguiram. Saí e dirigi-me a uma casa muito velha que nunca tinha visto, mas me parecia muito familiar, para apanhar algumas ferramentas. De volta ao local, fiquei surpreendido ao ver um trem parar e abrir uma de suas portas, em frente ao patinho, de onde saltaram muitas pessoas. Virei o rosto para outro lado, porque não queria ver a ave amassada. Momentos após voltei-me e não vi mais ninguém; corri, sempre acompanhado, e constatamos que o bichinho continuava vivo. Reparei que em volta havia muitas marcas de sapato, para as quais chamei a atenção dos meus acompanhantes. Sem muito esforço, consegui desenterrar o patinho que piava muito, pois tinha uma grande ferida em carne viva no traseiro e parecia estar com as perninhas quebradas. Peguei o bichinho no colo e comecei a descer uma grande escada, cercada por grande multidão que me aplaudia. Olhando para baixo avistei minha mãe, muito emocionada, acompanhada de umas crianças. Fui tomado de forte emoção e senti lágrimas correndo em meu rosto. Depois de ter descido, entreguei o patinho para mamãe cuidar.

INTERPRETAÇÃO (1º TEMPO) — Se o subconsciente modifica e transforma as idéias de forma que a consciência as possa ler, é patente que o patinho de seu sonho represente, em sua vida ou antes, em seus pensamentos uma idéia de ludíbrio, em que você deve ter sido a principal vítima. Isto baseado no rifão popular que diz: caiu como um patinho. Ora, todos sabemos que o inconsciente não sabendo como se expressar e não tendo outro meio para isso, pinta os quadros e no-los oferece, como a única linguagem capaz de nos dar a conhecer o que lhe está perturbando. Entretanto você tem procurado fortalecer seu **Eu interno**, convencendo-o de sua madureza mental (casa velha), e de que é possuidor de atributos (ferramentas) capazes de escorraçarem todo aquele (pessoas que saltaram do trem) que se intrometer em sua vida particular (virei o rosto). Você deve possuir suficiente força de vontade (voltei-me...)

para vencer suas dúvidas e impor-se aos amigos e conhecidos (não vi mais ninguém) e sair-se vitorioso e triunfante (... bichinho continuava vivo) das várias conjunturas da vida. Sinto que, apesar da força hercúlea que faz para vencer, ainda há **alguém** que o domina e o faz sofrer moralmente (ferida em carne viva), mas que você, com a sua discreção, talvez consiga fazer calar o coração (sem muito esforço) e, ainda ver-se cercado de carinhos (peguei o bichinho no colo) e até adulado por quem o maltrata, hoje. Você tem regular felicidade de esquecer as ofensas e, colocando-se em um plano superior (avistei minha mãe mais abaixo) sentir dó dos que, ainda tateiam nas trevas da incompreensão (tomado de forte emoção). Finalmente você crê que precise dos cuidados maternos (entreguei o patinho à minha mãe) ou de alguém — uma noiva talvez — que o ame sinceramente.

SONHO (2º TEMPO) — Sem saber como, encontrei-me passeando em um barco à vela, acompanhado de minha noiva e de um casal de colegas nossos. Estávamos bem afastados da praia, quando reparei que o tempo estava ameaçador, prestes mesmo a chover. Ouvimos um grito forte vindo da praia, mandando-nos voltar. Eu ia sentado na proa do barco com minha noiva, que vinha logo atrás de mim e as outras duas pessoas estavam mais atrás. Eu brincava com os pés água, enquanto o barco deslizava calmamente, em direção ao cais. O mais interessante é que o meu colega ia ao leme, mas quem dirigia o barco era eu, pois ele não entendia nada daquilo. Ao aproximar-nos da praia, nos vimos em apuros, porque o barco ia virando, pulou acompanhado da moça para dentro do mar. Então vi que minha noiva também ia cair e, rapidamente, segurei-a pela cintura, pois sabia que ela não nadava. Ao mesmo tempo, endireitei o barco, encostando-o calmamente ao cais. Subimos por uma rampa, onde encontramos com outro colega que me entregou um maço de papéis. Logo depois, minha noiva subiu numa porteira de tábuas, ficando debruçada para fora, onde eu estava; dei-lhe um beijo carinhoso na face e, como havia algumas pessoas em volta, reparei que a tinha feito encabular. Saímos andando de mãos dadas pela praia, e depois de caminharmos algum tempo, encontramos com mamãe e as mesmas crianças — meus sobrinhos — ficando estes muito contentes em nos ver. Mas minha surpresa foi maior, quando notei que o patinho que eu havia desenterrado, e pensava estivesse morto, também estava no grupo e completamente curado.

INTERPRETAÇÃO (2º TEMPO) — Sua natureza é boa e você julga que deve proteger sua noiva (passeio de barco) amparando-a e afastando-a dos possíveis aborrecimentos (tempo ameaçador) e contratempos que possa ter. Com a sua natural ponderação e justiça de caráter (dirigir o barco), seu **Eu** dá-lhes avisos (grito forte) e pressentimentos do que lhe poderá acontecer se não se dirigir bem (sentado na proa) e não souber separar o «joio do trigo» (meu colega

ia no leme, mas eu é quem dirigia). Vejo claramente a grande preocupação que tem com relação à sua noiva e o receio de que algo lhe venha a acontecer; mas é evidente que depois das lutas naturais aos que procuram se elevar na vida você terá uma vitória esplêndida e será muito feliz no seio de sua família (patinho no grupo...) circunstância que você não ignora e muito deseja (colega que lhe entregou um maço de papéis).

TRUQUE

Conto de WALDOMIRO SILVEIRA

Ilustração de GIL RIBEIRO

A candeia lançava sôbre os jogadores uma luz amarelada, muito trêmula, e a fumaça, levada para todos os lados pelo vento agudo que passava, tinha um cheiro atordoador de mamono ainda verde. Ao redor da mesa de jacarandá, que a velhice deixara bamba e tôda negra, viam-se Antônio Cuba e o Venceslau, o Craro e o Chico Prequeté, cada qual mais tupina e mais prosa no truque. O Antônio Cuba, dono da casa, dizia, a cada passo, que até sentia vexame de dar sova tão grande, como ia dar, no Prequeté e no Craro, mas que, enfim, quem entra na chuva é para se molhar. E o Prequeté, seco-na-passoca para um falseio, roncador que nem côi-côi, respondia-lhe, muito sério, que quem vai dar leva saco.

Antes de começar a primeira mão, o Cuba gritou à filha, a Ismena (aquilo é que era caboclinha linda!).

— Traga uma luz aqui, minha filha, aquela garrafa branca! Senão esta gente desconfia duma vez comigo, que nunca mais me deixa estribar!

Veio a pinga, uma pinga zangada, de trazer água aos olhos e um pigarro teimoso à garganta. E, enquanto a Ismena acendia o fogo para o café e a queimada, correu-se a primeira mão. Não houve coisa de maior: o Craro e Prequeté ganharam no empate, com jeito frio, sem uma palavra a menos.

Mas já na segunda mão principiou o calor, dizendo o Venceslau:

— Ora, o premeiro milho é dos pinto'...

— É dos pinto'? — perguntou o Prequeté. Pode ser também dos galo'!

A vaza foi do Cuba, que matou um três com o sete-ouros.

— Eu sou pé, e não sou qualquer! Agora, agüente o repuxo, parceiro!

Na outra vaza, apareceu logo um dois do Prequeté:

— Eu sou todo seu tou-lhe ajudando já, seu Craro!

Mas o Venceslau cortou o dois de golpe:

— Aqui não passa cachorro magro!

O Craro bradou entusiasmado para o Cuba:

— Componha a sua casa, p'ra mim dar uma diligência!

O Cuba, entretanto, prudenciou:

— Bamos embora, Venceslau? Trucar de falso, chamar com elas!

O Cuba foi mão. E enchouriu o pescoço:

— Vocês já tenham a primeira e a segunda, e tão ganjentos, não é? Pois eu vou acabar c'o seu gaz de repente! Lá vou eu, seu Chico, e vou tinindo! Rebôco de igreja velha! Esteiro de bexiguento! Espirro de lambari! Já tá c'a pacuera batendo?

O Prequeté afastou o banco:

— Ué! tou esperando o baque! Se você tiver corage, e não quiser topar c'a ronda, fale! Bamo 'ver quem é que tem mais peito!

— Pois então truco mesmo!

— Caia!

A carta do Cuba era a espadilha. E o Prequeté ergueu-se, bateu o chapéu na testa, arrastou os pés no assoalho, fez um barulhão:

— Você já sai coiração-de-negra, e

bufa de mão, só p'ra abichornar a gente?

Antão é tudo ou nada: 'tava sêca a manilha, seo poaia? Ora, vá com seis!

— Agora é lá p'ra diante — disse o Cuba. Eu fui adonde vão os bom, p'r'além não posso! Como é, companheiro, você quer ver os home 'inda mais perto?

O Venceslau afiançou que o Chico era baixo para estourar a espadilha:

— Home', quer saber o que mais? Eu, por mim, chamava.

— Se o meu parceiro chama, eu não deschamo — concluiu o Cuba: derrube essa frieza de carta!

Era uma sota! Mas o Cuba e o Venceslau ficaram meio murchos, porque a sota do Craro era guia de sete-copas no corte passado. E não houve picana, tudo foi na ordem: só se tivesse acontecido algum extravio não se achariam mais juntos aqueles dois perigos! O Venceslau pôs na mesa uma carta branca, a do Prequeté foi um ás vermelho, e entrou precedido de licença. Cuba voltou com um seis, o Venceslau apertou o Prequeté com um dois, o Prequeté desceu um três, o Cuba cortou de zápete.

Houve uma flauta por parte dos contrários: — Aquêlê três rancou tudo, não, seo Cuba? E com que dor de coiração! Lá se foi tudo quanto Marta fiou! E o zápe' rompeu sem brado de arma!

O Venceslau, entretanto, afirmou de cabeça levantada:

— Antão? Mostraram uma cara dêste tamanho, não mostraram?

O primeiro jôgo foi do Craro e do Prequeté. E o Cuba fez zombaria:

— Se pinto come primeiro pire' pode comer também o premeiro prato! Depois é que vocês vão ver que birimbau não é gaita!

O baralho estava com o Venceslau, que traçou as cartas e o entregou ao Craro. O Craro cortou de sóco, mas uma carta despreendeu-se, virou de costa, apresentou à companhia a cara barbuda do rei de paus. E o doador de cartas galhofou às direitas:

— Pingou, perdeu! Inda mais que você buliu certitinho nas veneneira 'tôda! Pode juntar a troxa, que aí vem chuva! Eu inté nem quero ver as minhas; a mó' que já 'tou passando a mão no zápe e na sete-ouro', e o parceiro na sete-copa' e na espadilha!

O Chico Prequeté bateu um três com fôrça, e ainda andou esfregando pelas mãos do Cuba, que pegou a rir-se:

— Ora venha onte! Isso não é chuva p'ra quem tem ponche! Arrecolha êsse três e jogue coisa que sirva!

— Você não pode co'êlê; 'ta fazendo grandeza à-toa, agora! Se você fôr gente, pise adiante dêsse três!

— Olhe que eu piso e piso bem!

— No frigid dos ovos é que se vê a manteiga que sobra.

— A vista dos autos, truco! Adiante e atrás! Diga por que não quer!

O Craro disse de golpe:

— É bom.

E o Cuba apresentou a espadilha. Mas Craro ficou desacochado, bem se lhe percebeu o encalistramento no modo por que falou ao Venceslau:

— Seis adiante!

O Venceslau arrastou um surrão danado:

— Seu Craro, não se atreva a ponhar cuca num home' sacudido que nem eu. Repare que eu sou pé e não sou de capim! P'r' amor de o desaforo, quero mais três milho: vá com nove!

Mas os tentos eram de olhos-de-cabra. O Prequeté mostrou coração alegre:

— Se fôsse milho mesmo, eu chamava de tôpo, porque p'ra vocês dois basta o peito, não precisa carta. Mas p'ra fazer pouco causo ansim de nove sementes bonitas como esta, isso eu não faço.

O Venceslau convidou então o Cuba:

— Jogue p'ra mim, parceiro, que essa gentinha não presta.

E apontaram tôdas as manilhas entre os dois, coisa que fez o Craro andar pelas turinas e armar um perequê medonho:

— Ota, caçarada ruim! que p'ra jogar com dois são' e sarado' ver eu e o seu Chico tem que fazer potrinha, senão perde na certeza! Vocês não tenham sangue na cara, taperada?

Tudo se acalmou em poucos instantes. O Craro deu as cartas, e o Venceslau não quis cortar o baralho, mandou apenas queimar três. O Cuba deu de cantar entre dentes a moda do truque:

Zape' matou sete-copa',
menina, falai comigo na horta;
sete-copa' matou espadilha,
menina, falai comigo de dia;
espadilha matou sete-ouro',
menina, os seus olhos parece' besouro:
sete-ouro' que mata um três,
menina, falai comigo outra vez;
um três que mata um dois,
menina, falai comigo depois:
um dois que mata um ás,
menina, comigo não fala mais.

(Cont. na pág. 48)



Quando São Paulo festeja
seu 4º centenario

O Decano dos jornais paulistas
CORREIO PAULISTANO

comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

*1 Século
de tradição
a serviço
do Brasil*

Garantindo um apre-
ciável volume de ne-
gócios, porque circula
num meio de alto
poder aquisitivo



EM SÃO PAULO

O EXCELENTE Teatro Brasileiro de Comédia apresenta «Assim é (se lhe parece)», de Pirandello, sob a direção de Adolfo Celli, e que vem sendo considerado um dos maiores espetáculos da companhia teatral da Rua Major Diogo. A tradução é de Brutus Pedreira e no elenco destacam-se Cleide Iaconis, Paulo Autran e Raquel Moacir (que até bem pouco tempo fez parte da Companhia Silveira Sampaio). É o espetáculo de maior expressão artística no atual panorama teatral brasileiro.

O TEATRO Intimo Nicete Bruno (Rua Vitória), recentemente inaugurado, é uma pequena casa de espetáculos, mas muito confortável. Nêle Nicete Bruno estreou com «Ingênuo Até Certo Ponto» (tradução de «The Moon is Blue», um dos sucessos passados da Broadway), e agora está apresentando a comédia «Week End», de Noel Coward, com um elenco em que se destacam Elizabeth Henreid e Rue Afonso (do TBC), Paulo Goulart e Elisio de Albuquerque (que se revelou no teatro fazendo o fantasma do pai de Hamlet, no Teatro do Estudante). É interessante registrar que Nicete Bruno fez do seu teatrinho um centro de atividades artísticas. Sábado, dia 10, apresentou «Poesia à Meia-Noite» — com um recital de João Villaret. E, de tarde, o TINB faz cinema, apresentando um «Festival Carlitos», com um programa composto de comédias já antológicas do conhecido ator.

NO TEATRO de Alumínio, Prócio apresenta «Precisa-se de um Filho», de Roger Mac Dougall, tendo como primeira figura feminina a jovem atriz Vera Nunes. Esta peça também foi incluída na temporada teatral parisiense, recém-iniciada, tendo como principais intérpretes os nossos conhecidos (através do cinema) Serge Reggiani e Simone Simon.

Teatro

SOUTO DE ALMEIDA

O teatro no Festival do Rio de Janeiro

● A Companhia Sara - José César Borba volta a ocupar o Teatro Municipal para a Temporada de Comédia da nossa principal casa de espetáculos, a ter início no próximo dia 26, com a tragi-comédia «As Bruxas já Foram Meninas», de César Borba. Cabe aqui uma referência ao trabalho do casal, no sentido da realização de bons espetáculos. Em 1950 produziram no Teatro Fenix duas peças — «As Águas» e «Caminhantes sem Lua» — depois fizeram estudos de teatro em Paris e no ano passado apresentaram, no Teatro Municipal, «Sobreviver». «As Bruxas já Foram Meninas» é obra original pelo tema e tratamento, em que a comidade se chega através da ironia com que são apresentadas certas situações da vida, e a tragédia por via da densidade psicológica de muitas cenas, sobretudo do ambiente de uma casa em decadência absorvida pela vizinhança de um cemitério de subúrbio. Do elenco fazem parte as atrizes Sara Nobre, Samaritana Santos, Terezinha Amayo e Antônia Marzullo e os atores Ribeiro Fortes e Narto Lanza. Direção da sra. Ester Leão.



Celme Silva e Maria Matos.
O teatro se renova.

MOVIMENTO

O MOVIMENTO de bilheteria de «O Imperador Galante», de Magalhães Júnior, excedeu a expectativa, arrecadando para cima de um milhão de cruzeiros. Como Odilon assumira o compromisso com Rodolfo Mayer para a temporada que o criador de «As Mãos de Eurídice» está realizando atualmente no Teatro Dulcina, em consequência, a companhia teve de interromper as representações da bem sucedida peça histórica para montá-la em Belo Horizonte, no Teatro Francisco Nunes, onde se repete o êxito. Mas, a temporada mineira de Dulcina será curta: já entre 6 e 9 de novembro próximo Dulcina e Odilon estarão de volta, para uma temporada de 30 dias no Teatro Carlos Gomes.

Renovação

● O Teatro Duse (teatrinho de quatro poltronas instalado na casa de Pascoal Carlos Magno, em Santa Tereza) vai desenvolvendo a sua magnífica missão de laboratório experimental para os novos autores, diretores, cenógrafos e intérpretes. Depois do grande êxito de «O Idiota», de Dostoiewsky, anuncia o Duse duas novas apresentações: «13 Degraus para Baixo», de Lúcio Flúza, e «Lampião», de Rachel de Queiroz. Um registro especial deve ser feito: na produção de «Lampião» juntam-se Rachel de Queiroz (autora), Portinari (cenógrafo) e Francisco Mignone (música). E como bem disse Pascoal Carlos Magno: — «Pela primeira vez na história do nosso teatro, teremos três figuras máximas da nossa literatura, da nossa pintura e da nossa música trabalhando para o êxito de uma produção teatral que se realizará no menor teatro do Brasil».

● O interesse sempre crescente pela arte dramática tem motivado o aparecimento de diversos grupos de teatro experimental. Ainda recentemente, o Teatro de Bólso apresentou uma série de espetáculos magníficos do «Estúdio 53». Agora anuncia para o próximo dia 20 a estréia de uma nova companhia, liderada por Maria Matos, Celme Silva e

Silveira Sampaio apresentou a sua primeira peça inédita no Teatro Serrador — «Um Diabo em Quatro Corpos» — que assinala a volta de Mára Rúbia ao teatro de comédia e marca um interessante trabalho de composição do autor, como intérprete de um garção sulgo-alemão. O texto alcança a sua principal finalidade: faz rir muito. Merece registro, também, o trabalho excelente de Sônia Correia (o melhor de sua curta mas promissora carreira) e o bom desempenho de Magalhães Graça.

EM
CARTAZ

★
Rodolfo Mayer estreou com «Obrigado Pelo Amor de Vocês», peça de Naville já representada com sucesso em Madrid e incluída no repertório de Fernand Gravey para apresentação em Paris. Do elenco fazem parte também Lourdes Mayer e André Villon.

★
Oscarito e família (espôsa Margot Louro e filha Myriam) estão no Teatro Glória, representando «Cupim» onde a popularidade do ator (através da revista, cinema, TV e disco) tem atraído multitudes.

★
Outro espetáculo bem sucedido da Cinelândia é o que nos oferece o Teatro Rival, onde Marlene e Luis Delfino (com Iracema de Alencar) apresentam o «vaudeville» francês «Angelina e o Dentista». Um bom divertimento com a confirmação do grande talento de Marlene para a arte de representar.

★
«É Fogo na Jaca» vai encerrar a estação do Recreio, rumo a S. Paulo, onde estreará a 30 deste mês, no Teatro Odeon. No Folies, em Copacabana, muda o cartaz, depois do êxito de «Tout va Très Bien», com um elenco em que brilham Virgínia Lane, Consuelo e Ariston, entre outros. No Jardel prossegue a carreira de «Vai Levando o Vatapá», que reúne quadros de sucessos anteriores de Geysa Bóscoli (a quem se deve a idéia bem sucedida das chamadas «revistinhas de bôlso»). No Carlos Gomes, José Vasconcelos e Spina são os pontos altos de «Tudo de Fora», revista que a crítica não favoreceu em seus comentários. Enquanto isso, no Teatro João Caetano estourou a bomba. Isto é, «A Bomba da Paz» desintegrou-se, ao que se comentava, já em letra de forma...



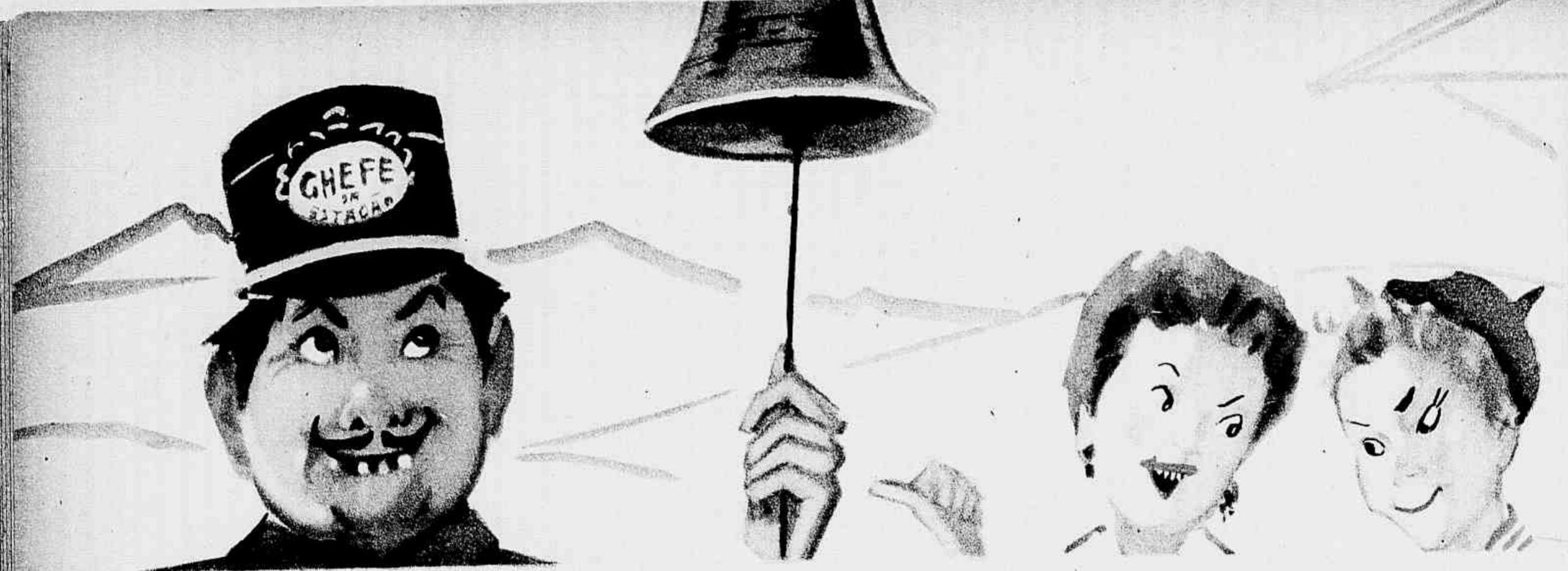
Teatro da Madrugada

EIS UM GENERO de espetáculos que começou a ter um grande desenvolvimento nos últimos tempos. Procurando justificar o alto preço cobrado, as «boites» convertem o freqüentador em espectador, oferecendo-lhe espetáculos de variedades, quando a noite já vai alta. Vale a pena registrar, também, que ultimamente os «shows» têm buscado inspiração nas coisas do Brasil. Como «Alvorada», «revuette» que Osvaldo Eboli produziu para o «Night and Day», que se apresenta como um espetáculo dos mais interessantes, valorizado pela interpretação de Virgínia Lane, Spina e Hamilton, entre outros.



Na temporada de 1952, no Teatro Municipal, a Companhia Sara Cabral-José César Borba apresentou «Sobreviver», com Maria Sampaio e Sara Nobre. Este ano Sara Nobre será a senhora Melquiades de «As Bruxas já Foram Meninas», a estreiar no próximo dia 26.

Narto Lanza, sob a direção do jovem diretor José Maria Monteiro (diretor de «A Falecida», de Nelson Rodrigues). A seleção das peças de estréia mostra o interesse pelo agrado popular, reunindo «Mexericos de 1880», de Machado de Assis, «Um Trágico à Fôrça», de Checov e «Escola dos Enganados», de André Roussin. Os cenários são de Nelson Pena.



NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

E IS aí porque daqueles olhares insistentes, daquele interesse prodigioso que me tributaram todo o tempo. Eu era o único — o chefe incontestável.

— Aqui está (falou o Barbudo) tudo, aqui estão os bilhetes, as passagens, os passaportes — franceses, italianos... e não se esqueça que uma outra jovem se reunirá a vocês em Dijon, outra em Modane e vocês terão ainda uma terceira em Verone. Você vai me desculpar está maçada, não meu amigo? Eu o estou sobrecarregando, ein? Eu o estou sobrecarregando sim (disse rindo e voltando-se para as pequenas que continuavam a nos olhar com estupefação mas nenhuma disse uma palavra nem tentou deter a torrente de palavras do Barbudo nem suas desculpas — ele começava tudo por: vai me desculpar — e como ele já parecia tão certo ele mesmo se absolvía.)

— Vai me desculpar, meu rapaz, é realmente um pouco desanimador isto tudo que eu lhe confio, mas você é o único rapaz. Atirei-lhe um olhar duro — começava a sentir-me prestes a cometer uma desgraça, ante aquela insistência.

— ... e aqui estão também vinte mil francos para comprar os bilhetes para Sezana, gare fronteira a Rijeka; você não vai esquecer não é meu velho?

Eu não era «seu velho» mas não pude impedi-lo de me entregar um enorme envelope contendo, segundo ele disse, todas as passagens, os passaportes e uma pequena tabela de horários dos trens.

— Você vai ver, meu velho, que este horário é um verdadeiro quebracabeças chinês, mas estou tranqüilo porque estou certo que você tem calma bastante para decifrá-lo.

Minha cabeça tiniu... aquêlê golpe foi forte demais.

Fiquei completamente estarelecido. Foi como se de repente me houvessem eleito rei da Etiópia de surpresa e que negros bárbaros se enfileirassem a meus pés.

Logo eu... eu que havia sonhado com férias tranqüilas onde uma «organização» se encarregaria de todos os detalhes, e assim eu poderia calmamente anotar minhas impressões, rabiscar uns crôquis, quem sabe até, fazer uns versos se me viesse inspiração... e estava ali com todo o dinheiro do grupo, com maços de passagens, sem saber mais em que bolso acomodar aquilo tudo... precisava uma pasta extra.

E o Barbudo continuava, inexorável. Se eu tivesse uma boa arma de fogo, eu devia ter uma certamente sempre a mão.

Só pude pensar: na lista do ano que vem escreverei: arma de fogo. O Barbudo me informou então que o horário que ele me dera não era muito preciso e porque ele não sabia com certeza se devíamos baldear em Milão ou em Turim, falava rápido.

— No fim de contas você se sairá muito bem, airoso! Boa sorte e boa viagem...

E ainda teve o disprante de piscar o olho com malícia. Com voz sumida reuni minhas pupilas a minha volta. Não procurei fazer conhecimentos, considere o todo e do alto. Veremos mais tarde. Toca a organizar. Aguardar primeiro a pequena que ainda não chegou.

Para passar pela gare para investigar eu tinha de apresentar minha visa, mas não conseguia encontrar, onde será que a guardei? Começamos a procurar febrilmente entre os bilhetes e o pessoal da fila atrás da gente começou a protestar. E então lembrei que ainda não procurara na minha carteira e comecei então a procurar entre minha apólice de seguro, a carta de um restaurante, meu título de eleitor, um guia das ruas de Paris — qual a utilidade de tudo isto na Dalmácia? Enfim, antes trazer inutilidades que esquecer, como esqueci meu calção. Encontro um bilhete azulado, ainda não é este; e agora um côr de rosa que entrego finalmente ao homem que o examina interessado e depois me devolve: era o talão da loja onde mandei encordoar minhas raquetes.

As pequenas começam a me olhar com certa inquietação. Milagre! Eis o bilhete! Entrego-o e passamos sob as observações irônicas do pessoal da fila. Não me senti muito a vontade. Quase não conseguia fechar

a minha carteira que mais parecia uma aldeia indígena depois de um furacão.

Sei que jamais a expressão «ter um pêso sobre o coração» foi tão bem interpretada nem não lógica.

E eu que partira tão feliz pensando em descobrir uma terra diferente, excitante, estava ali com o pêso sobre o coração daquela carteira pensando uma tonelada de responsabilidades.

A sorte estava lançada. Dentro de três minutos o trem vai começar a sacudir e a por-se em marcha. Tanto pior para a faltante — Marie Emile Roustin — informou o Barbudo.

Agora já os guarda-linhas acenam as bandeiras semafóricas e eu olho o passaporte de Marie Emile Roustin — inútil — pois a gare de Lyon não passa mais de uma sombra indistinta distante sob a chuva fina que chora a nossa partida.

★

O Barbudo nos informou que seriam alojados em dois compartimentos.

— Ah! Não está mal arranjado (disse eu para minhas moças), indicando-lhes a numeração de nossas poltronas, assim teremos todos lugares de canto...

E tirei os canhotos dos bilhetes de minha carteira. Todas as pequenas meteram o nariz nos bilhetes ao mesmo tempo querendo ver. E gritaram a um tempo:

— Que horror! Nem um lugar de canto!

Resolvi verificar, pobres pequenas, certamente se enganaram eu compreende, na alocação de ver... Mas não! Elas não se enganaram. Os lugares de canto nos são negados!

Enfim, no outro compartimento, viva! Dois lugares de canto! E, bem, como não há outros passageiros além de um velho pacífico, nós fomos arrumando e empurrando o velho para a janela.

Evidentemente o nosso grupo começava a aterrorizar aquela boa gente.

As pequenas se debruçam todas por cima de mim e penso que vão talvez fazer um pequeno discurso de saudação ou de agradecimento ou então esperam que eu faça. Não dou muito para improvisação e fico encabulado; resolvi, portanto, tomar uma atitude séria, severa, competente.

O melhor é fazer uma verificação; e tiro da minha carteira, que nunca esteve tão cheia e que não sei como não explode, uma longa tira de papel fornecida pelo Barbudo e começo a chamada.

Um breve momento de silêncio em atenção à ausente. Que teria acontecido à Marie Emile Roustin? Parecia-me fantástico que alguém faltasse a uma viagem daquelas! Um crime sem compensação; e todos lamentamos em voz alta a falta de Marie Emile e baixinho nos felicitamos por não ser a retardatária.

Nicole respondeu à chamada: Presente! Seus olhos são castanhos e vivos, sua voz cantante enche já o compartimento com suas harmonias. Em compensação os grandes olhos negros de Colette parecem transmitir uma doce melancolia. Quem sabe ela vai nesta viagem em busca do esquecimento? Mas esquecer o que? ou quem? por quê?

— Não se preocupem comigo (murmura Colette, segurando o joelho com as mãos entrelaçadas), estou com uma terrível dor de dentes, o dente do sizo sabe? E como dói...

— Ah! Meu Deus, eu havia esquecido que também sofro de dor de dentes (disse eu consolando Colette). Sei bem como dói.

— O que é exatamente que você sente? (Pergunta Helena). Helena tem um sotaque adoravelmente meridional. De repente ela se torna importante, pois trabalha no consultório de um dentista; e todos acatamos a opinião de Helena.

Denise fala com voz doce e tímida e jamais poderíamos supor que ela é advogada estagiária na Côte.



Romance de MICHEL DUCHEMIM

Tradução de

SÍLVIA JAMBEIRO

Ilustração de

RAMON

Esforço-me para não deixar meu olhar demorar-se demais sobre os cabelos dourados de Gisèle. Silenciosa esta Gisèle. Lá do seu canto ela nos ouve sem se meter na conversação. Felizmente lá está Catherine que me parece tão tagarela quanto Nicole. Ela é sobrinha de um ator célebre e isto dá um certo brilho de prestígio à nossa expedição.

Dobro a lista satisfeito. Um vozerio súbito me sobressalta.

— E' muito mais forte (grita Gisèle).

— Por exemplo aqui! (Fala Nicole que segura a capa de gabardine de Gisèle).

Precipito-me correndo para o grupo, talvez para solucionar uma rixa em princípio mas... nada disso! Nicole e Gisèle se congratulam; acabam de verificar que suas capas são da mesma gabardine verde, as saias pretas são iguais e as pérolas do colar também da mesma tonalidade. Tôdas riem satisfeitas, eu não acho graça nenhuma depois do susto. E os diálogos e o alarido continuam:

— Onde foi que você comprou a sua? Será que eles só fabricam esta tonalidade de verde? Precisamos ver à luz do dia...

— Tenho a impressão que esta aqui é um pouco mais clara, mais esmeralda, mas talvez esteja enganada.

E eu baixo a cabeça acabrunhado. Começo a prever o meu destino escrito em letras de fogo no chão do vagão: Ouvirás durante tôda a viagem estudos comparativos sobre a côr das gabardines, e as vantagens das «sweaters» reversíveis. E que sabe mesmo se chegarão a discutir acêrca de «soutiens» e eu me pergunto que atitude tomar nestas circunstâncias?

Mas pelo menos por enquanto não há motivos para eu me irritar e afinal sei que tenho uma mentalidade evoluída e aceito a minha sorte com um sangue frio admirável.

Pra que antecipar um vexame que talvez nem venha a acontecer? E eu sorrio... sorrio como um jovem pai de família contemplando a prole numerosa e certo que uma vez lá para o lado do oriente, quando chegarmos, ninguém reparará, e será a coisa mais natural do mundo que eu passeie em companhia de nove moças, como um pachá. E não me importo mesmo de parecer um Barba-Azul, sabe?

Conversa de ditador! Eu mesmo acredito no que digo. E é preciso mesmo que acreditemos sempre naquilo que dissemos. E sinto que minha voz vai se tornando mais firme, mais autoritária.

— Contanto que eu não tenha esquecido minha aspirina (interrompe Catherine aflita).

Com sorrisos indulgentes seis tubos de aspirinas são imediatamente retirados de seis bôlsas e oferecidos. Eis o momento oportuno para mencionar os comprimidos contra enjôo do mar; a minha idéia há de causar boa impressão. Não tão grande talvez como imagine; chego a julgar ouvir gritos de aclamação, clamores de entusiasmo! E começo a divagar... vejo uma tempestade em pleno Adriático e eu firme de pé no tombadilho indiferente às faces pálidas de sofrimento, e vejo mãos esqueladas suplicantes para mim implorando minhas pílulas, vozes entrecortadas...

— Eu trouxe um tubo de pílulas contra insônia (anuncia Helena em tom confidencial, como se falasse em cocaína).

— Eu também (responde Gisèle triunfante).

Não era preciso mais para que se imaginasse a noite que nos estava reservada. O espectro da noite próxima. Ninguém do nosso grupo havia tomado ainda na vida um remédio contra insônia.

— Bem (gracejou Nicole) será um batismo coletivo.

Vamos, pois, estudar o batismo. Helena leu em voz alta a bula do fabricante. Um enunciado dos efeitos benéficos de sua droga, o mérito de suas fábricas, modelo e o importância do sono na vida do individuo.

Notamos que por pouco eles informariam até os horários das marés enchentes na Mancha, mas quanto à dose indicada para cada caso... só adivinhando, como disse Helena muito acertadamente.

(Continua no próximo número)



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

O jovem arquiteto Michel tentado pelos cartazes coloridos de uma agência de turismo resolve visitar a Iugoslávia. A notícia é recebida sob protestos por sua mãe que não obstante começa a colhêr dados sobre o lugar. E os apuros de Michel começam aí quando os amigos resolvem indicar o que convém ou não levar e fornecendo dados disparatados sobre a terra a ser visitada. E Michel elabora uma lista que cresce à medida que chovem os conselhos. Chega o dia da partida e o rapaz vê a mala por arrumar e roupas e apetrechos esportivos e medicamentos e mantimentos em quantidade para encher um vagão. A mãe de Michel aumenta a confusão. Em cima da hora o viajante entulha a mala como pode e corre para pegar o trem que o levará na primeira etapa daquela viagem organizada. Esbaforido Michel toma o ônibus para a estação preocupado em lembrar se não esqueceu algo. A estação lhe parece deserta mas vendo duas pequenas ali se anima um pouco. Depois vê aproximar-se o organizador com quatro moças. Este meio afobado revela que os rapazes desistiram e que Michel terá por companhia na viagem umas dez moças, e sendo o único homem do grupo é a ele que ficam entregues os passaportes e tôda a responsabilidade. E o trem parte levando Michel com as pequenas mas já sem esperanças de férias tranqüilas.

As mulheres na vida do ator

O DOMÍNIO QUE SÔBRE ELAS EXERCIA DENTRO E FORA DA TELA ★ O PRIMEIRO PAPEL NO CINEMA, COMO LANCEIRO ★ CASOU COM A "PROFESSORA" ★ SEU PRIMEIRO CONTRATO COM A METRO, EM 1930.

Por OMAR GARRISON — (Exclusivo da REVISTA DA SEMANA)

Os amigos dos velhos tempos dizem que isto se dá porque as mulheres o respeitam. Ele não costuma descer do plano em que normalmente se encontra e nem tampouco permite que elas o façam.

E como será Clark Gable da tela, na vida privada? — Ora, é um indivíduo carrancudo — diz Josephine Dillon, sua primeira esposa e que foi quem o ajudou a encetar a carreira em Hollywood. Um «holandês» soturno, casmurro, que tem 300 anos de ancestrais da Pennsylvania a lhe transmitirem as tendências de homem calado, pensador e introspectivo.

Clark conheceu Josephine em 1924 em Portland, quando, como empregado da Companhia Telefônica, foi ao pequeno teatro local para reparar uma linha. A srta. Dillon, uma ex-atriz da Broadway, dirigia uma peça e achou que ele representava uma promessa como ator. Assim, tornou-o um membro do elenco.

Suas primeiras lições na arte de representar vieram de Josephine. Ela o ensinou a fazer gestos, movimentar-se e a coordenar a ação muscular com a palavra.

Quando conseguiu retornar a Hollywood, Josephine mandou chamá-lo e arranhou-lhe o primeiro trabalho em películas. O rapaz foi contratado para um pequeno

papel numa película de Lubitsch, trabalhando ao lado de Pola Negri e Rod La Rocque.

CINCO DÓLARES POR DIA

— Trabalhei alguns dias, mas não conseguia descobrir qual a minha função no filme — informa Gable, ao recordar as cenas em que tomou parte. Eu usava um uniforme muito quente, empunhava uma espada e ganhava cinco dólares por dia.

Menos de um ano depois, éle invadiu a cidade dos «astros», ganhando mais alguns dólares e casou com a sua «professora», que era poucos anos mais velha do que éle.

— Gosto de uma mulher mais velha, — explicou Clark, mais tarde — porque ela é sofisticada, tem mais para oferecer. Já teve experiência com a vida e com os homens. Já viu mais, já ouviu mais e, conseqüentemente, é interessante, sabe conduzir a conversação. «Na minha opinião, as mocinhas de tenra idade constituem um verdadeiro problema para a vida marital».

Na época do seu primeiro casamento, Gable ainda era muito pouco conhecido. Rondava os estúdios trabalhando como «extra» e ganhava pouquíssimo.

Nesta época, 1930, um Chevrolet custava 475 dólares e Gable ganhava uma centena menos, semanalmente, no contrato de dois anos que assinou com a Metro.

D EEM uma espiada em Clark Gable em duas ocasiões distintas: quando estiver maquiado para filmar e quando estiver ao natural. Poderão compreender então por que éle continua a ser o favorito das mulheres, entre todos os galãs de Hollywood.

Suas relações com as mulheres na vida particular mostram um frio domínio não igualado ainda desde os dias do Rei Salomão e seu rico harém.

Gable já casou por quatro vèzes, das quais três redundaram em divórcio. Isto sem contar o imenso número de romances em que se viu envolvido — todos com menor publicidade do que a experimentada por alguns «astros» que comparecem ao *Ciro's* para se fazerem notar pelos cavadores de notícias e mexericos.

O motivo para o silêncio em tórno dos romances de Gable é muito simples: as mulheres da sua vida não falam. Depois da separação, contentam-se com as condições por éle sugeridas e não fazem escândalo em tórno do caso.

Mas qual o artifício que emprega para conseguir um resultado tão maravilhoso, por tantos homens almejado? Como é que nenhuma delas se queixa de Gable, como o fazem a maioria das mulheres ao terminarem um romance?

Curiosamente, Clark apenas procura tratá-las da forma por que trata tódas as pessoas, sem afetação ou ostentação.



Ria Langham, figura de certo destaque na sociedade, foi a segunda esposa do ator. O divórcio veio em 1938 e Gable indenizou-a com uma enorme quantia.



Clark Gable, no início de sua carreira. Nessa época, o sorriso franco e amistoso ainda não bailava em seus lábios, pois o rapaz lutava com grandes dificuldades.

Louis MacLoon, que estava produzindo «Romeu e Julieta» no teatro, com Jane Cowl como «estrêla», deu uma oportunidade a Gable como lanceiro, pagando-lhe 35 dólares por semana.

Após 12 semanas de apresentação, a peça foi encerrada e Gable voltou a ronda dos estúdios. Falhando em todas as tentativas de conseguir algum papel obteve, finalmente, um lugar em «What Price Glory» (Sangue por Glória), onde representou o cabo Kiper. Este papel levou-o a New York.

Enquanto isso, Josephine percorria uma parte diferente do país, numa companhia diferente. Gradualmente ela e Clark Gable foram se afastando um do outro. Como muitos casais da ribalta, acabaram por descobrir que os laços que os prendiam não podiam perdurar, se o interesse mútuo não fosse acalentado com a presença de ambos e a conjunção do seu carinho.

Josephine resolveu pedir divórcio.

Mas tudo foi feito de modo amistoso. Para ela, Gable era — e ainda é — um excelente indivíduo.

Pouco tempo depois, uma ponta na peça teatral «The Last Mile» trouxe Gable de volta a Hollywood. Lionel Barrymore, que assistiu a peça e recordou-se de Gable como o rapaz de recados a quem, alguns anos antes, prometera ajudar, conseguiu-lhe o teste cinematográfico com Thalberg, que procurava elementos para formar o elenco de «Ave do Paraíso».

Quando esta oportunidade foi por água abaixo, Clark voltou ao palco, viajando com um «show» de estradas para a costa oeste do país. Ao fim da temporada, ele se encontrava de malas prontas para retornar a New York, onde atuaria em «Farewell to Arms».

Mas um chamado do seu agente em Hollywood fê-lo deter-se no caminho para a estação. O mesmo lhe informava que conseguira cavar um papel de «cowboy» no filme «Painted Desert» com Bill (Hopalong) Boyd.

— Dezessete semanas a 750 dólares cada uma! — Gable ainda recorda com entusiasmo. Considerava-me um homem rico, apto à aposentadoria.

Mas agora que ele não mais persegue Hollywood, esta passou a atormentá-lo, sempre com novas e tentadoras propostas.

CONTRATADO PELA METRO

Em 1930 a Metro o contratou por um período de dois anos, na base de 350 dólares por semana. (Essa era a época em que se podia comprar um automóvel Chevrolet por 475 dólares, livre de todas as despesas e em que o «gin» era a bebida nacional nos Estados Unidos).

O diretor Clarence Brown decidiu que Gable era o tipo para representar um mandão que possuía uma casa de jogo e não se impressionava com as mulheres. Assim, o novato apareceu ao lado de Norma Shearer em «A Free Soul».



Josephine Dillon, que lhe ministrou as primeiras lições na arte de representar, foi também a sua primeira esposa. O casamento durou poucos anos.



Nesta foto, vemos o maior galã do cinema desde Valentino, com a sedutora e inesquecível Jean Harlow, em «Mares da China», um dos últimos filmes da famosa «platinun-blonde». Segundo os comentários da época, parece ter havido um princípio de romance entre os dois «astros».

Nessa película, Gable tinha que esbofetear a sua «partenaire» e o diretor Brow recomendou-lhe:

— Bata com violência! Não tenha piedade!

Gable atendeu à ordem. O resultado foi que, com essa cena, nasceu um novo tipo de herói do cinema, que se manteve nos píncaros da glória, desde então. Ele era um demônio, homem rijo, violento, trabalhador de um campo de explorações petrolíferas, empregado de fazenda, indivíduo ambicioso, que abriu caminho por entre a tradição conservadora de Hollywood, com seus campos de algodão, e permaneceu face a face com o público, com uma expressão de aturdimento no rosto, como se perguntasse:

— Onde estou, com todos os diabos?

E as cartas começaram a chegar, aos milhares. Nessa avalanche de correspondência, uma coisa ficou patente: as mulheres deixaram de suspirar pelos galãs de tipo latino, preferindo os aventureiros de feições rudes e olhar dominador, que brincavam com elas como se fossem bolas de beisebol, acariciadas num momento e em outro atiradas para um canto.

O sucesso envolveu as aparições de Clark Gable, desde então. E a sua fama tornou-se suficiente para que ele passasse a residir em Park Avenue. Ria Langham, uma componente do Livro Azul da sociedade e que, segundo se dizia, prestara auxílio ao «astro» em sua ascensão ao plano da popularidade, anunciou que iria desposá-lo. Ela era dez anos mais velha que o nosso focalizado.

— Será uma cerimônia cativante — comentou um morador de Hollywood, que conhecia a ambos. Ela tem-no pelo beicinho e assim o manterá.

Mas o homem não conhecia Clark Gable.

No entanto, esse não passou de mais um casamento típico de Hollywood e, como tal, não durou muito.

Dois anos após, o casal se separava e o divórcio vinha em 1938. Embora sua esposa tivesse poses, Gable pagou-lhe 286.000 dólares, por ocasião do ato judicial.

Não houve das cenas muito comuns nas côrtes de divórcio, nem tampouco rumores e mexericos para o regimento dos boateiros ou qualquer recriminação pública.

Nesse interim, as mulheres espalhadas pelo imenso país não podiam deixar de acalentar a idéia de uma aproximação com o homem que lhes povoava os sonhos durante a noite e, mesmo, durante o dia.

Um exemplo típico do sentimento nacional feminino de então foi o incidente que ocorreu em Atlanta, Estado de Georgia.

Uma honrada senhora de meia-idade entrou no hotel em que o ator estava hospedado e perguntou ao empregado do balcão quando Clark Gable deixaria o hotel.

— Sábado à noite, madame — respondeu o empregado.

— Pois então peço-lhe que, desde já, reserve os aposentos dele para mim. Quero alojar-me aqui no momento em que o «astro» se retirar. E peço-lhe também que conserve tudo como ele deixar.

— Muito bem — redarguiu o rapaz, com expressão divertida. E, um tanto hesitante, acrescentou: Naturalmente, teremos que mudar...

— Oh, não! — interrompeu a mulher, com a respiração descompassada. Não façam a cama!

NA PRÓXIMA SEMANA:

O ROMANCE COM CAROLE LOMBARD
E OS DISSABORES DO ATOR

GRANDE CONCURSO! ÁLBUM REVISTA DA SEMANA

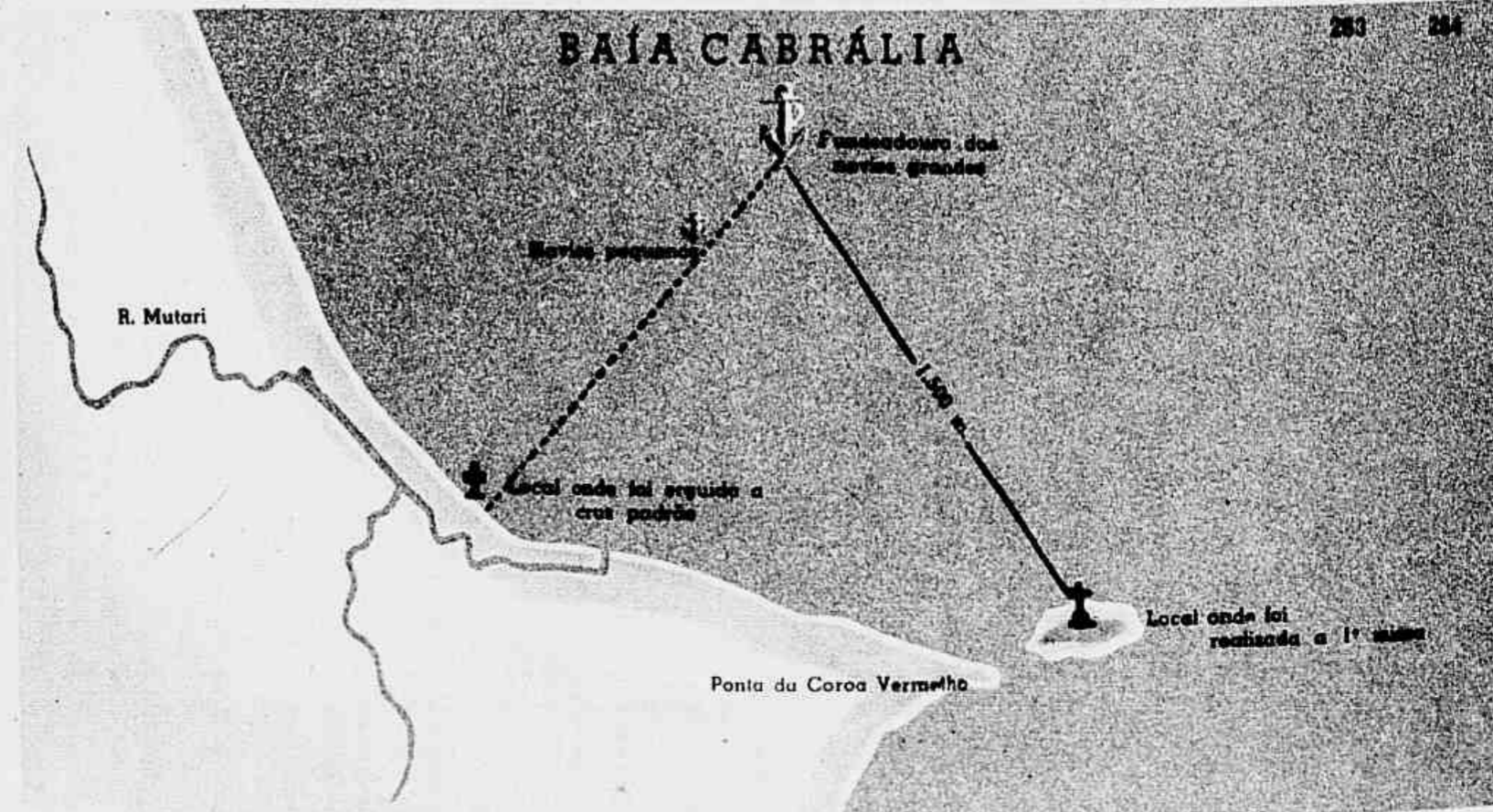
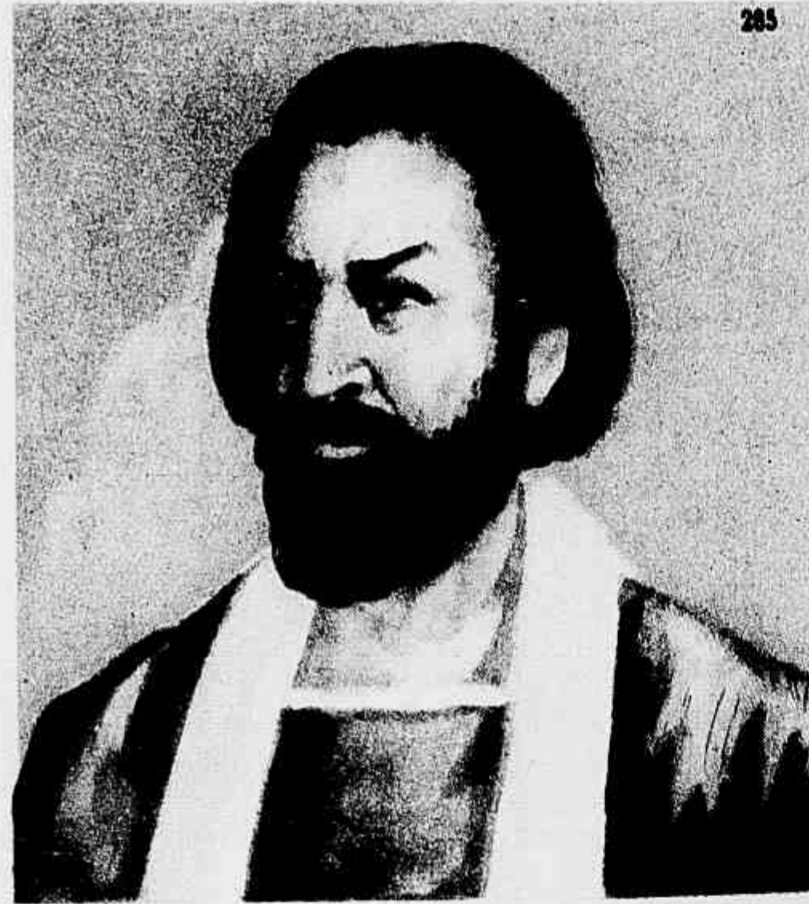
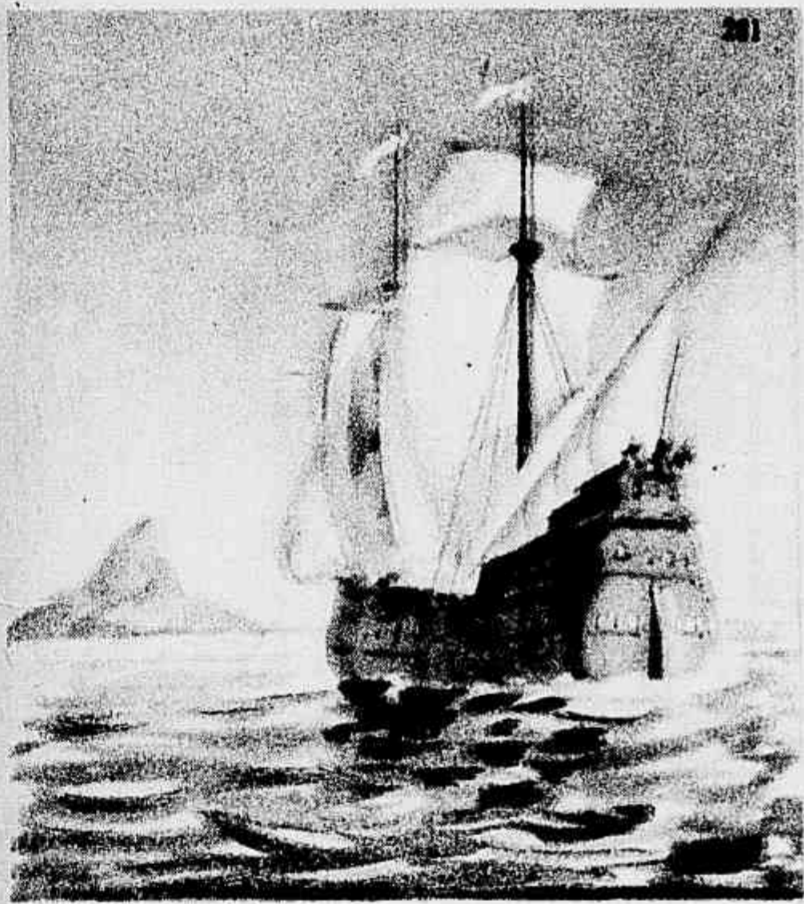
MAIS DE DUZENTOS MIL CRUZEIROS EM PRÊMIOS!

A OS novos colecionadores de cromos publicados na REVISTA DA SEMANA, comunicamos que o direito ao próximo sorteio de Natal de 1953, não está subordinado ao cumprimento da primeira viagem encerrada a 30 de junho p.p. Todos os que preencherem os claros do ÁLBUM, a partir da edição desta REVISTA, nº 27, de 4 de julho último, farão jus aos prêmios da segunda viagem turística a terminar com o cromo nº 312, na REVISTA de 26 de dezembro próximo.

● Os prêmios, em número de cento e vinte e dois, desde objetos de utilidades domésticas, até terrenos, televisão, enceradeiras, máquinas de escrever, de costurar e uma infinidade de outras coisas de real valor, serão entregues, de qualquer forma, aos possuidores do ÁLBUM, pois nada ficará para a empresa organizadora, e, se não acertarem com o número exato, poderão ser contemplados com aproximações.



Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. -- Rua Visconde de Inhaúma Nº 134 -- Rio de Janeiro.





Outra imagem milagrosa

A "MADONA DAS LÁGRIMAS" de Siracusa

Um sacerdote ergue uma criança enferma, enquanto sua mãe faz preces à Virgem que chora, pedindo o milagre da cura.

NA VELHA SIRACUSA DE 700 ANOS ANTES DE CRISTO, HÁ UMA IMAGEM DA VIRGEM, QUE CHORA ★ DE TÓDAS AS PARTES DA ITALIA ESTA AFLUINDO GENTE PARA PEDIR UM MILAGRE ÀS SUAS DORES ★ DIZEM QUE SE VERIFICAM, EM MÉDIA, DEZ CURAS POR DIA.

DEZENAS de milhares de fiéis se apinham, diariamente, nas ruas de Siracusa, pequena cidade do sul da Sicília, procurando abrir caminho para a «Via Degli Orti», onde a milagrosa «Madona das Lágrimas» se acha em exposição pública, cercada de flores e fitas brancas. A simples imagem de terracota foi «trocada» por uma camponesa siciliana, que, depositando-a sobre a cama, alegou ter visto lágrimas rolares do rosto da Madona. Imediatamente se espalhou pela localidade a notícia de que as lágrimas da imagem faziam milagres, e, desde logo, milhares de sicilianos enfermos se mostraram ansiosos para poder, ao menos, contemplar a milagrosa Santa. A imagem está agora colocada sobre uma parede na parte externa de um edifício, e, enquanto sacerdotes e monges apresentam a pequena obra de arte a inúmeros doentes, centenas deles se proclamam curados, ao tocarem um pedaço de te-





A surda-muda faz esgares pedindo à Virgem de Siracusa, na Sicília, Itália, que lhe dê audição e voz. Na outra foto, uma mãe aflita colo-



cido, ou um lenço colocado previamente sobre a face da virgem. Cresce diariamente o número de fiéis que esperam um milagre para curar seus males; porém o Vaticano mantém completo silêncio sobre o caso. Não obstante, sacerdotes e funcionários dizem que dez pessoas, pelo menos, são curadas, todos os dias. A cidadezinha, que tem na História Universal os mais belos e empolgantes, poéticos e pitorescos episódios, enchendo de imagens literárias produções de poetas e escritores, vive agora os mais agitados dias. De todos os lugares da ilha e da península chegam milhares e milhares de romeiros, trazendo seus males, ou os parentes enfermos. Correm até ao local em que a Virgem que chora lança às multidões o seu olhar meigo, de Mãe dos Aflitos. Todos oram, fazem preces, choram ao pedir um milagre numa expressão de angústia e de fé, que a todos comove. E corre mundo a novidade. Propalam que um cego viu, uma surda-muda falou, um paráltico andou. Um muro protege a Santa, da multidão de fiéis

Uma enorme multidão gritando, rezando, chorando, batendo palmas, parálticos pedindo à milagrosa Virgem o direito de andar



ca sobre os olhos do filho cego um pano molhado, para que o infortunado volte a enxergar. Na última foto, uma parálitica roga por um milagre.

e enfermos. Há guardas montando plantão, dia e noite, enquanto o povo ulula na rua. Por vezes um padre leva até à imagem uma criança doente. Ergue-a nos braços, e, juntando suas preces às dos seus pais, espera que o milagre apareça. A Fé é um sentimento contagiante. O panorama de Siracusa, aquela mesma velhíssima cidade em que o famoso tirano Dionísio mandou colocar a famosa espada sobre a cabeça do cortesão Dámocles, para lhe mostrar como era perigoso e difícil ser Rei, e hoje, um dos mais movimentados e cosmopolitas. Todo o mundo quer, ao menos, ver a imagem da «Madona que chora», fenómeno alucinante e que perturba toda a população siciliana continental, e já se vai espalhando por todos os países limítrofes. O Vaticano se mantém, porém, com a maior discrição, como sempre sucede em casos semelhantes. Mas o povo não espera o «verdictum» do Papa em assuntos de Fé, e acorre em massa aos pés da Madona de Siracusa, em busca de alívio às suas dores.

Escortada por policiais, Giuseppina Placenti, que teve a infelicidade de nascer muda, gritou: «Viva Maria!» diante da imagem.



VANJA ORICO — a garôta se

... E A IARA SURTIU DAS ÁGUAS COMO NAS LENDAS AMAZÔNICAS.

JÁ FOI TOUREIRA EM MADRID ★ NÃO ACEITOU O PAPEL EM "O AMERICANO" POR CONSIDERAR DEPRIMENTE O "SCRIPT" PARA COM O BRASIL ★ VAI FILMAR EM HOLLYWOOD ★ ESPANHA, BÉLGICA, ITÁLIA E "O CANGACEIRO" ★ FALA A ESTA REVISTA A "ESTRÊLA" PATRÍCIA.

Reportagem de ABREU E ALBUQUERQUE

dia 15 de novembro. Altura, 1,60 — pesa 55 quilos e tem 56 cm de cintura. Calça 36 escasso. Tem olhos negros como os seus cabelos e é o tipo da garôta com a qual todo homem sonha.

«Maria Clódia» com ares de veterana, tendo a pele fresca como aquela cálida manhã de sol, recebeu-nos com a simpatia que tanto marca a filha do acadêmico Oswaldo Orico. Contou inicialmente que, durante o Festival de Cannes, tivera em França a oportunidade de ver estampada na REVISTA DA SEMANA um excelente noticiário sobre o certame cinematográfico que ali se realizava, tendo mesmo chamado atenção de vários «astros» de Hollywood para o fato de seguir o Brasil, através da Revista, os acontecimentos que tinham lugar naquela reunião artística.

«Sou uma antiga fã da REVISTA DA SEMANA», disseram Vanja, «e é com sincero prazer que os recebemos. Depois, encetamos a nossa primeira pergunta:

— Como iniciou a sua carreira artística? Frequentou escolas dramáticas, ou teve professores particulares?

«Meu pai, o deputado Oswaldo Orico, achava-se então na Europa, em missão diplomática, onde permaneceu pelo espaço de 7 anos. Assim, tive oportunidade de ver de perto os costumes e as artes do Velho Mundo. Fomos da Bélgica à Espanha, país onde tive a felicidade de atuar no Teatro Lara, de Madrid. A dança espanhola sempre me encantou e, não fôsse um pequeno mal do coração — doença mesmo e não amor — e eu não teria abandonado as minhas

cinema nacional — dizem os aliciados — tem duas épocas distintas: antes e depois de «O Cangaceiro». A película de Lima Barreto, indiscutivelmente, apontou novos horizontes a florissante indústria cinematográfica nacional, quer na sua parte comercial, na artística. Figuras como a do capitão Galdino — interpretação magistral de Milton Ribeiro — foram guardadas para sempre na recordação dos espectadores. Outra revelação do filme, a maior talvez, foi Vanja Orico. A sua caracterização em «Maria Clódia» foi perfeita e arrancou lágrimas de muito expectador prevenido. O filme foi um sucesso absoluto. Varou teirais e foi vencer no Festival de Cannes, onde recebeu o primeiro prêmio. E o sucesso de «O Cangaceiro» levou consigo também Vanja Orico, cujo nome antes já brilhara na Europa, em filmes do ano Alberto Lattuada.

★

Artista cuja presença os órgãos de publicidade registram cotidianamente, Vanja Orico fala, agora, à REVISTA DA SEMANA, atendendo as solicitações de repórter indiscreto... que tudo quis saber sobre a «estrelinha» patrícia, inclusive do coração...

Mal chegados à residência da «estrela», à avenida Ray Barbosa, fomos recebidos por Vanja — que é o encanto em pessoa. Eis, para os leitores, o que é Vanja Orico: nasceu no Distrito Federal em 1931, no

«Concluindo o meu contrato com a televisão, regressei a Itália, país onde, por intermédio do diretor Alberto Lattuada, fiz uma cena no filme «Mulheres e Luzes», em que cantei modinhas do nosso folclore. Aliás, «Mulheres e Luzes» foi exibido no Brasil e alcançou relativo sucesso. Tinha eu nesta época 18 anos quando, a convite de um grupo de produtores italianos, fiz o documentário «Itália, Terra do Sol». Nada mais filmei na Europa, tendo em seguida viajado para o Brasil, atendendo não só ao meu desejo de rever a terra querida, como também em virtude de um convite do empresário Dante Vigiane para uma temporada no Teatro Municipal, do Rio.»

★

E sobre o seu ingresso no «cast» de «O Canaceiro», como se deu?

«Foi em São Paulo, onde eu estava atuando na televisão, que soube estar Lima Barreto a procura de uma artista capaz de fazer «Maria Clódia», que é uma versão de Maria Bonita, a companheira de Lampeão, que soube amar, viver e morrer aos pés do bandoleiro das caatingas. Procurei Lima Barreto e fiz todos os testes exigidos. Depois fiquei esperando — e com que ansiedade — 3 meses a fio que me mandassem chamar, o que felizmente aconteceu. (Cont. na pág. 48)»



«GOD SAVE THE QUEEN» — Raípha da Silva e dos corações.

sensação

atividades do Teatro Lara nem o curso de danças a que estava me submetendo. Sendo a Espanha a terra das touradas — prossegue a nossa entrevistada — devo declarar que, numa «finca» de um fazendeiro amigo de meus pais, tive ocasião de tourear um pequeno «Miúra», pequeno porém bastante brabo.»

A «estrelinha» faz uma pausa, e nos oferece um conhaque «Napoleon», — aliás legítimo — da adega do deputado-acadêmico. Enquanto ajudávamos a diminuir o estoque da adega do deputado, Vanja dava conta de uma laranjada, que lhe fôra servida num pequeno copo de cristal.

★

«Da Espanha — reinicia Vanja — fui para a Itália e, em Roma, recebi aulas de canto da professora russa sra. Kranski, muito conhecida nos meios artísticos da Europa. Logo após, através de um concurso por mim vencido, ingressei no Conservatório Santa Cecília, onde novos conhecimentos a mim foram dados, no campo da música. Depois, atendendo a um convite do presidente da UNESCO, estreei em Paris. Os franceses gostaram tanto, que logo obtive um contrato para atuar na televisão pelo espaço de seis meses. Durante esse tempo foi que estudei arte dramática com Renée Simon, renomado professor francês.» Novo desialque no conhaque do deputado, da nossa parte, e nova laranjada para Vanja. E a linda «estrelinha» continua:



ANTES DO BANHO DE MAR GRANDE E FELIZ É O OCEANO — VANJA RELEMBRA UM MERO DE DANÇA ESPANHOLA

Semana

LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● **ORAÇÕES** — Adolfo Morales de Los Rios, com o mesmo gosto da ciência e da arte, muitas oportunidades teve de tratar dos problemas da engenharia e da arquitetura, em discursos e conferências. Neste volume, «Orações», estão reunidas algumas dessas páginas onde se revela principalmente o alto pensamento de Morales de Los Rios e entre as quais encontramos muitas admiráveis lições de estética, sobretudo quando o autor trata de Steinhof e Le Corbusier, de Mestre Valentim, de Roberto Cochrane Simonsen e de outros temas de maior relevância (Editôra A Noite).

● **MAURÍCIO DE ABREU** — Entre os atos que comemoram, em 1952, o centenário do nascimento do eminente médico e político, Maurício de Abreu, destaca-se a publicação desta excelente biografia assinada por Luís Palmier (Editôra Minerva Ltda., Rio). De fato, trata-se de uma grande vida, digna de ser ensinada aos pósteros, o perfil de um expoente como raros podemos contar, um caráter representativo da estirpe emersoniana.

● **ANTEMANHÃ** — Octavio de Mello Alvarenga publicou, em data menos recente (Edições U.E.E., Belo Horizonte), este volume de poemas, «Antemanhã». Trata-se de um dos mais belos livros de poemas publicados entre nós, e que só não teve a repercussão merecida talvez pela circunstância de não ter sido editado no Rio ou pelo fato de nossa crítica ter preguiça de descobrir novos valores, estranhos às já conceituadas igrejinhas e confrarias que por aí existem. Depois de «Gesto e Palavra», Octavio Mello Alvarenga se tornou um de nossos mais estimados poetas, tanto seu lirismo comunicativo nos trouxe uma voz e um acento significativos, no nosso super-povoado mundo poético. Cyro Pimentel, crítico e ensaísta, além de poeta, publicou em São Paulo um belo artigo sobre o novo poeta mineiro que há de ser contado entre os mais vigorosos da nova geração. «Antemanhã» é uma mensagem lírica das mais comoventes e próximas, dando-nos a presença de um legítimo poeta.

● **ESPELHO DE CINZAS** — Este registro anda um tanto atrasado, com referência às obras aparecidas ultimamente. Aqui está, por exemplo, «Espelho de Cinzas», de Cyro Pimentel, ao qual ainda não havíamos dedicado esta nota. Edição do Clube de Poesia de São Paulo (Coleção Centenário) o novo livro do poeta elegíaco que a crítica consagrou em 1948 confirma todos os valores de uma vocação lírica das mais puras que possuímos.

UM AUTOR:

Alberto Cavalcânti

● Alberto Cavalcânti, o brasileiro Cavalcânti que se fez um grande nome no cinema europeu, figurando hoje entre os mais eminentes mestres da « sétima arte », após muitos anos de exílio, retornou ao Brasil para imprimir um movimento novo e dar novas forças ao nosso cinema. Embora os acontecimentos desagradáveis que o envolveram e que aqui não vêm ao caso, ficamos devendo a ele a superação de nossas marcas e a abertura de novas perspectivas para o nosso cinema, sendo lícito esperarmos ainda de seu gênio criador, agora que ele se acha ambientado em nosso meio e lhe conhece todas as mediocridades e vilezas.

Como parte de suas atividades, vem Alberto Cavalcânti de publicar este livro, « Filme e Realidade » (Livraria Martins Editôra, São Paulo) que, mais do que uma simples coleção de ensaios, do que um estudo — representa uma verdadeira escola de cinema. Revela aqui nosso ilustre patricio seu perfeito conhecimento do cinema, sua arte, sua técnica e suas possibilidades. O mais relevante do livro, entretanto, desta obra, é a apresentação do autor como um espírito avançado, aberto a todos os aperfeiçoamentos dessa arte-técnica em constante evolução. Sua receptividade a todas as aquisições do meio expressivo contrasta com a da maioria dos intelectuais e dos estetas do cinema, alguns dos mais eminentes realizadores que, da mesma forma que antes negaram o som, depois negaram a câmara como avanço, como progresso da arte. A aceitação de Cavalcânti ao som, antes, e agora à câmara — marca sua grande vocação para o cinema, como seu admirável conhecimento do meio técnico-artístico do filme. Ainda há dias, depois de assistirmos a um espetáculo tri-dimensional, dizíamos que o cinema ainda terá que se adaptar ao novo elemento — o relêvo — pois enquanto fizer em três dimensões o que concebe com as leis e os recursos do plano,

não nos dará idéia mais do que de simples curiosidade. Encontramos em « Filme e Realidade » o mesmo conceito, no que se refere à câmara, à sua utilização simplista, tal como se faz agora e como anteriormente se fez, com referência ao som. O emprêgo inteligente do som no cinema precisou de duas décadas para chegar ao que é hoje, integrado, como elemento dramático no filme. Da mesma forma acontecerá à câmara e, depois ao relêvo. Os prazos naturalmente serão menores, uma vez que o som já nos preparou para uma inteligência mais aguda do problema.

« Filme e Realidade » infunde-nos um grande respeito por Alberto Cavalcânti. Com este livro ele vem prestar mais um inestimável serviço ao país, tratando de uma técnica, de um meio que muito nos interessa, como indústria, como arte e como propaganda; tratando com autoridade e larga experiência, de forma simples e modesta, capaz de servir abundantemente ao nosso autodidatismo, ao nosso espírito inquieto, à nossa aptidão e à vontade de acertar de uma minoria que, fazendo cinema entre nós, sem qualquer experiência, pouco tem podido realizar. A bela, ampla e ilustre experiência de Alberto Cavalcânti, que ele tão generosamente põe ao alcance de nosso cinema, neste livro, representa talvez a maior contribuição já recebida pela « sétima arte », no Brasil.



LIVRO:

“Pequeno Caderno de Palavras”

Alcides Pinto que estreou promissamente, apresentando seus poemas de « Oções de Poesia e Arte », obra sauda pela crítica como original e redadora de legítimo talento poético, vem com este novo livro de versos « Pequeno Caderno de Palavras » (Editôra Pongetti, editôres).

Daqui a nota da originalidade impressiona. Realmente, este jovem não revela seus parentescos líricos. Ele marca novas inflexões, numa linguagem muito pessoal, e emociona com temas inéditos ou, melhor, valoriza de modo singular o material poético simples e mais descomplicado. Não ficando ao grupo dos herméticos, charadistas da poesia nova, Alcides vem muito pelo contrário, compõe seus versos quase linearmente, sem recurso ao vocabulário apocalíptico, deixando-se pela emoção lírica a um perfeito equilíbrio poético, que só o verdadeiro poeta consegue sem os artificios retóricos e o rebuscamento temático. O prótulo do seu novo livro marca esse tipo de simplicidade pertinente a sua poesia: « Pequeno Caderno de Palavras » está falando da pureza, da presença deste poeta desarmado de tanta poesia prevenida, blinco como é costume lermos agora, entretanto, não é atitude, mas a condição de sua poesia. Seu verso tem esse caráter primitivo, essa simplicidade quase bárbara, onde a linguagem palpita, viva e vigorosa, como o gênese incontrolável. Seu trabalho artesanal é o de escolher, de reduzir o poema à sua essência por meio de uma forma sempre específica. Com isso, ele nos dá ao mesmo tempo essa impressão de segurança, uma poesia magra, sem sentimentalismo, sem abun- dâncias barrocas, sem qualquer sinal de artificialidade.

Do que em seu livro anterior, aqui o poeta a sós consigo. Alcides Pinto é um solitário e um poeta. Amaríssima, poderemos dizer de sua poesia. Amarga, mais do que de sua vida, porque este poeta evita toda a ideia de todo conceito, como elementos técnicos por excelência. Solidão e pureza, eis os seus dois polos, os elementos deste lírico que atinge por um mais fundo da emoção dramática do mistério poético e capaz de captar momentos de grande beleza contrastando com o mísero vocabulário de nossos dias.

Está em uma das páginas mais belas e terríveis deste livro. Alcides Pinto é o poeta, aquele que se revela ao leitor — « capaz de destruir Deus, encontrasse plantando árvores ».

Resolhe dizíamos, leitor, que os poemas deste livro têm a inocência e o caráter primitivo.

ASCENSO FERREIRA esteve na paulicéia. E, por esse motivo, foi organizado um festival poético de Ascenso Ferreira, dizendo os seus próprios versos. Além do próprio Ascenso, os ouvintes tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente o crítico e poeta Sérgio Milliet que fez a apresentação do autor de « Cana Caiana ». A cantora Inesita Barroso e o declamador português João Villaret deram a sua colaboração. Esse festival foi organizado e oferecido ao público paulista pelo Salão Literário de Carmen Dolores Barbosa e seus frequentadores.

O JOVEM POETA de Amparo, Gilberto Bueno Schlittler, que estreou em 1952 com o livro de versos « Lamento », escrito aos dezesseis anos de idade, atualmente está morando em São Paulo, e está preparando uma nova coletânea de poemas, intitulada: « No tempo do silêncio ». Gilberto Bueno Schlittler é dono de um grande talento e de uma sensibilidade invulgar.

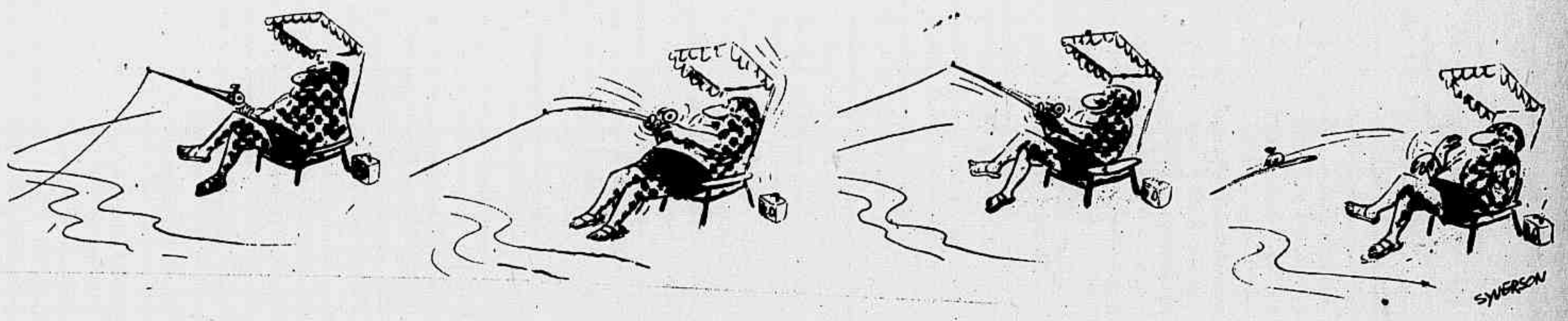
LOTTE SIEVERS, depois do sucesso de « Os ratos », de Hauptmann, pretende levar à cena « O snob », de Sternheim. A tradução está sendo feita por Lotte Sievers e Reynaldo Bairão.

O POETA Edgard Braga foi alvo de significativa homenagem, nos salões do Automóvel Clube, por motivo da sua investidura como mestre do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (Capítulo de São Paulo). Mais tarde, no mesmo dia, Edgard Braga, comparecendo ao Salão de Literatura e Arte, da sra. Carmen Dolores Barbosa, ali recebeu uma salva de palmas e um brinde oferecido por todos os intelectuais paulistas frequentadores do já conhecido salão.

DUAS EXPOSIÇÕES de grande valor, recentemente apresentadas pelo Museu de Arte Moderna: a primeira composta de quadros a óleo da autoria de Paulo Rissone; a segunda de gravuras de Johnny Friedlaender.

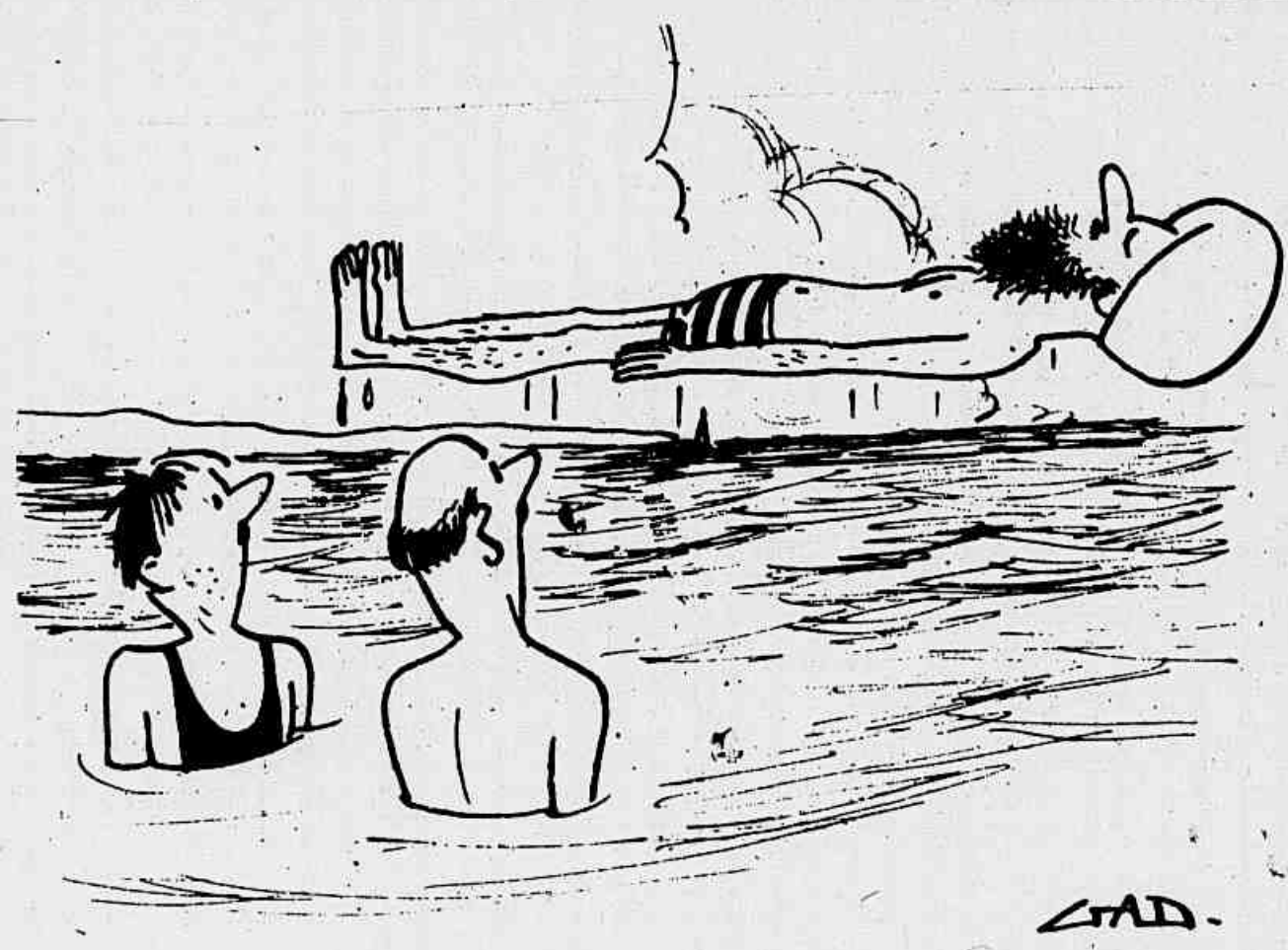


SYVERSON



SYVERSON

O RISO DOS OUTROS

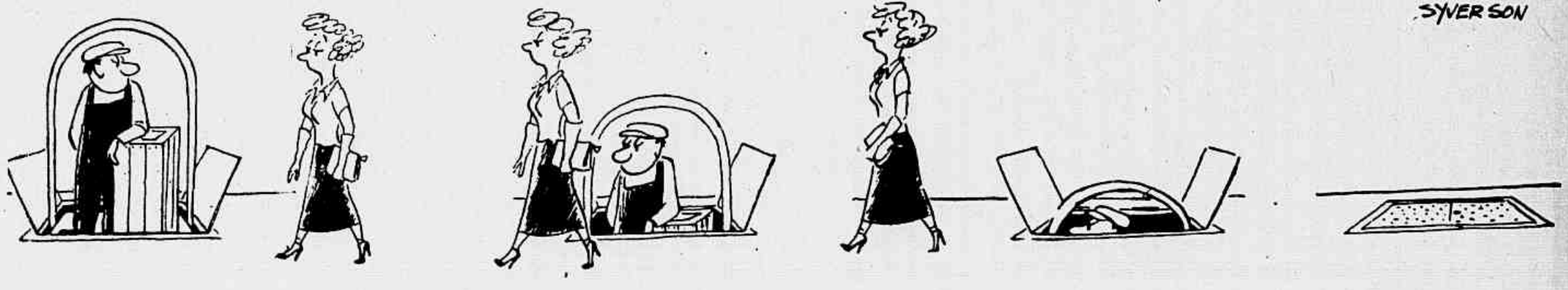


LAD.

— Veja... com que facilidade éle boia...



R
seis
de
vida
time
Pas-
ave
uras
ram
va-
da
re
...
cor-



SYVERSON

O
r
e
r
is
a
y
e
l
a

A MARECHALA JUNOT

Por SÉRGIO O. FIACCAVENTO

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

JUNOT colocou pessoalmente o manto de arminho nos ombros da esposa. Com uma lentidão, exasperante despediu-se dos amigos e conhecidos. Com uma leve inclinação estendeu o braço a Laura, que nêlo colocou a mão. Apesar de todo seu propósito de manter-se calma, tremia como uma fôlha ao vento.

Na carruagem, uma luxuosa berlinda que levava nas portinholas o escudo flamejante dos Abrantes, Laura não ousou mover-se, nem abrir a bôca.

Com o rosto taciturno, Junot mantinha-se calado. Tinha o queixo inferior levemente contraído, como a forçar-se em dominar a cólera, e a ficar em silêncio. O trajeto breve, do palácio Imperial à mansão dos Abrantes, foi percorrido em poucos minutos. Quando os cavalos se detiveram no grande pátio nobre, o pensamento de Laura lembrava, ainda, os acontecimentos da noite, esforçando-se em compreender tôdas as possíveis conseqüências.

— Chegamos, não quereis descer, Duquesa?

A voz, dura e irônica, despertou a mulher de seu pesadelo. Com movimento ligeiro desceu do veículo, e, com pequeninos passos velozes subiu a escadaria que levava a seus aposentos. Junot a seguia; sem o perceber ela ouvia, como uma batida dolorosa no cérebro, o tinir das grandes esporas que o passo nervoso do marechal ritmava pesadamente.

A camareira, que esperava à porta do quarto da duquesa, fêz menção de segui-la, apenas ela passara a porta, Junot, porém, deteve-a com um sinal.

— Podeis ir embora, Josefina. A duquesa não precisa de vós esta noite.

Ele, por sua vez, entrou no quarto, fechou a porta, e, a criada que ficara sôzinha no corredor, ouviu o barulho da chave na fechadura, sinal evidente de que o marechal queria ficar sôzinho com a esposa. Também Laura o compreendeu. Com terror, sentiu a iminência de um encontro em que tôda sua frágil pessoa teria que fazer apêlo a tôda coragem, e tôda lealdade. O coração lhe batia tão fortemente que as veias das têmporas se lhe haviam engrossado, formando uma nítida linha azul.

Tendo fechado a porta, Junot cruzou os braços e deteve-se diante da mulher. O tom de sua voz mal escondia a cólera e a violência que o agitavam.

— Então senhora, vós me traístes e me desonrastes. Vós esquecestes de vossos filhos e de vosso nome, enquanto eu, na Espanha, cumpria os meus deveres de soldado, combatendo uma dura guerra pela glória da França e do Imperador. Poderia vingar minha honra ultrajada, a injúria que me foi feita no meu próprio palácio, tendo-vos como cúmplice, mandando aquêlo que me desonrou; ao contrário, porém, estou pronto a perdoar. Imponho uma condição, no entanto.

A duquesa levantou os olhos e quis falar, Junot, porém, cortou-lhe a palavra, gritando furioso:

— Calai-vos, desventurada, não junteis a mentira à vossa culpa. Sei de tudo. Tudo! Sois a amante do príncipe de Metternich, êle vinha e ia neste palácio, de noite e de dia, pelo portãozinho do jardim. Vós mesma corrieis a encontrá-lo em Follies Saint James. Por intermédio do conde de Andrenius, desde a partida dêle para Viena, vós mantendes uma correspondência regular. Hoje mesmo, chegou-lhe uma carta, que eu interceptei, e na qual êle vos pede que o encontreis em Baden, e declara que virá a Paris, se não puderdes ir a seu encontro.

Neste ponto, Junot levantou a voz um pouco mais alto, esbravejando:

— Pois bem! Que venha, então a Paris, o príncipe de Metternich! Sentir-me-ei muito feliz em encontrá-lo. Mas, ninguém me impedirá de enfiar-lhe quatro dedos de espada no pescoço! Que volte! Agora, há de encontrar uma coisa bem diferente dos amplexos amorosos!

A sombra gigantesca de seu corpo, projetada pela luz vacilante de um candelabro, assumia formas grotescas de fantasma ameaçador.

O rosto de Laura era de uma palidez cadavérica, e os olhos tão espugalhados que, se não fôsse o movimento olegante do peito, pareceria uma morta.

Junot, passando diante de um espelho, viu nêle refletido o seu olhar de demente. Calou-se um momento. Apelou para tôda sua vontade, a fim de dominar-se.

— Mas eu quero, sim, quero esquecer a injúria que sofri e vós podeis me ajudar, senhora: dai-me imediatamente e voluntariamente (destacou as sílabas da palavra) o cofrezinho de sândalo no qual guardais os vossos tesouros... Sei de tudo. Aí se encontram as cartas de vosso amante, uma pulseira que vos deu, um cacho dos seus cabelos e o vosso diário íntimo, no qual lançastes os suspiros de vosso coração. Como estais vendo, estou bem informado. Eis as condições que imponho para per-

doar-vos. Prometo-vos não falar mais dessa dolorosa aventura. Não ouseis recusar-me o que vos peço... Me obrigareis a partir imediatamente para Viena...

Com os olhos muito abertos, ela ouvia-o aterrada. Então, êle sabia, realmente de «tudo». Carolina Bonaparte não se esquecerá de nenhum detalhe, não deixara de ministrá-lhe o veneno até a última gota. Porém, quem informara Carolina tão minuciosamente?

Muda, com as pernas e os braços entorpecidos, como se foram de gêlo, a duquesa levantou-se com gesto cansado e saiu do quarto. Voltou, poucos minutos depois, com o cofrezinho. Junot tomou-o com as duas mãos.

— Está bem, — disse — prometi-vos que nunca mais falaria desta história. Jurai, também, pela cabeça de vossos filhos, que não tereis mais nenhuma relação, nem de amizade, com vosso amante.

Mantendo-se, ainda, milagrosamente em pé, Laura sussurrou:

— Eu juro! — depois, acrescentou, quase em soluços, desesperada:

— Em nome de Deus, jogai êsse cofre no fogo!
— Isso não! — gritou, com exasperada ironia, Junot — é bom que eu saiba com que amor vos amava o vosso príncipe. Creio ter direito. Sobretudo de saber com que amor amáveis...

Um suspiro, que mais parecia um soluço, saiu dos lábios da duquesa: grandes lágrimas desciam-lhe silenciosamente pelas faces, Junot, que a observava, fremiu de desejo bestial; naquele momento viu-a como nunca o vira. Um ciúme profundo, até agora não sentido, mordeu-lhe o coração. Êle se aproximou. Com gesto violento atirou-a a si e apertou-a nos braços;

— Laura, não me diga que tu não me amas mais!

Ouvindo aquelas palavras, ditadas pelo ímpeto de luxúria e de ciúmes, a jovem senhora tornou a soluçar.

— Deixai-me, por piedade — disse — suplico-vos, deixai-me sôzinha.

Por um instante êle olhou-a titubeante, humilhado por sentir-se repellido, êle o ídolo de tôdas as mulheres da França. Foi uma dor quase física... Teria tudo esquecido, com alegria, naquele momento, contanto que não perdesse a mulher que sempre, sistematicamente, enganara e desleixara. Tomou-lhe as mãos com doçura e atirou-a de novo a si.

— Vem, disse, vem repousar sôbre o meu coração, êsse coração que foi um dia todo o teu mundo: um dia que não vai muito longe assim, para ser esquecido. Vem, Laura, seremos felizes outra vez. A maldade de uma mulher cruel e mesquinha, apesar de rainha, quis separar-nos e, talvez, fazer de mim um assassino... mas estou pronto a tudo esquecer. Volta para mim, volta lealmente, e eu prometo tornar-te mais uma vez feliz. Verás que não amarei senão a ti. Não terás nada mais que reprovar-me. Vamos nos esquecer juntos dêsses tristes momentos?

Assim falando, Junot levantou, delicadamente, o rosto bonito de sua esposa para o seu lado e enxugou-lhe as lágrimas. Beijou-a sôbre os olhos, sôbre as gotas de lágrimas, apaixonadamente premiu os seus lábios sôbre os lábios gelados dela.

O tremor convulsivo, as lágrimas copiosas que desciam daqueles olhos grandes e banhavam seus lábios de um sabor salôbro, aumentaram o desejo insano de Junot.

Ela sentia, com horror, as carícias do marido, que, num crescendo, afloravam-lhe a carne.

Um ímpeto de repulsa queimou-lhe as veias, um mal-estar que era náusea e consternação, vergonha e desejo desesperado de seu amor longínquo e perdido. Um impulso instintivo levava-a a repelir com violência a brutalidade do marido; porém, também instintivamente, nascia-lhe uma obscura forma de prudência que aconselhava-a a justificar essa sua impossibilidade de ceder àquela imprevisível e perturbada paixão. As únicas palavras que encontrou, porém, foram mal recebidas:

— Parece-me que, com tais recordações sob os olhos não seja digno comportar-se assim. — Os olhos de Laura fixaram-se sôbre o cofrezinho.

Junot pareceu fulminado. Depois de um instante de imobilidade ficou em pé, fugiu como um louco, abrindo a porta com um pontapé. Tornou a voltar, apanhou com uma inclinação bestial o cofrezinho e tornou a fechar violentamente a porta, imóvel, no meio do quarto, Laura seguiu-o com os olhos repletos de terros, depois caiu sôbre o tapêto, soluçando convulsivamente. Sôzinha, no silêncio do grande quarto nupcial, seguia o desenrolar de seus pensamentos. Imagens terríveis pesavam-lhe na alma. A visão de Metternich, com o pescoço transpassado pela espada de Junot, se alternava com a visão de Junot, transpassado pela espada de Metternich.

As velas do candelabro de ouro, próximas a se estinguirem, enchiam o aposento de sombras estranhas e amedrontadoras. Passavam as horas

CAPÍTULO III



RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR

Laura Junot, casada aos dezesseis anos com o famoso marechal de Napoleão Bonaparte, vivia uma vida triste e solitária. Apesar de ótimo soldado, Junot era mau marido. Passava os dias, em que não estava combatendo, envolvido em aventuras sentimentais, que escandalizavam toda a França. Um dia, Laura encontra Metternich — embaixador da Áustria, na França, e surge entre os dois um romance de amor... Junot toma conhecimento do ocorrido e...

lentamente. Depois, chegaram as primeiras luzes da manhã que transformaram sua angústia desesperada em resignação conformada. Era já dia alto quando um tropel de cavalos no pátio fé-la compreender que Junot se preparava para sair do palácio. Onde iria?

★

Cavalejou como um doido, esporeando o seu ruão, até fazê-lo sangrar. Vagou, ao acaso, pela cidade e arredores. Pensamentos de morte e vingança assaltavam-no e rodeavam-no. Imaginava o belo Metternich com a garganta cortada por sua espada infalível. Imaginava Laura desesperada e chorosa diante do cadáver do amante. Depois, os pensamentos tomavam um rumo mais cruel. Faria com que ela acreditasse em seu perdão... Fingiria partir... Os amantes se encontrariam outra vez. Como estariam desejosos de se reverem! A rainha Carolina o ajudaria. Naturalmente lhe diria o lugar e a hora do encontro dos dois...

Suava frio. Queria encontrá-los juntos! Abraçados!... Prazer sádico de matá-los os dois! Via o corpo magnífico de Laura, nu entre os braços do amante. Imaginava os beijos, as carícias, as palavras doces e lânguidas da paixão...

Parou diante de um repucho. A sede queimava-lhe a garganta. Como um mendigo, inclinou-se e bebeu da fonte fresca, sentindo-se mais aliviado... Lá pelo meio-dia apresentou-se nas Tuileries e pediu para ver o Imperador. Napoleão estava fazendo a barba, mas não tinha cerimônia com seu marechal e mandou-o entrar. Pelo rosto perturbado de Junot, pelos seus olhos que dardavam loucura, compreendeu que alguma coisa de grave acontecera a Laura.

Junot, nem mesmo ouviu que o Imperador mandava-o sentar-se.

— Majestade, estou em vias de tornar-me um assassino. Dai-me uma ordem imediata de partida. De outra forma, mato-os, todos os dois... Tenho provas de que minha mulher me traiu com Metternich.

(Continua no próximo número)

JANELA SÔBRE O MUNDO



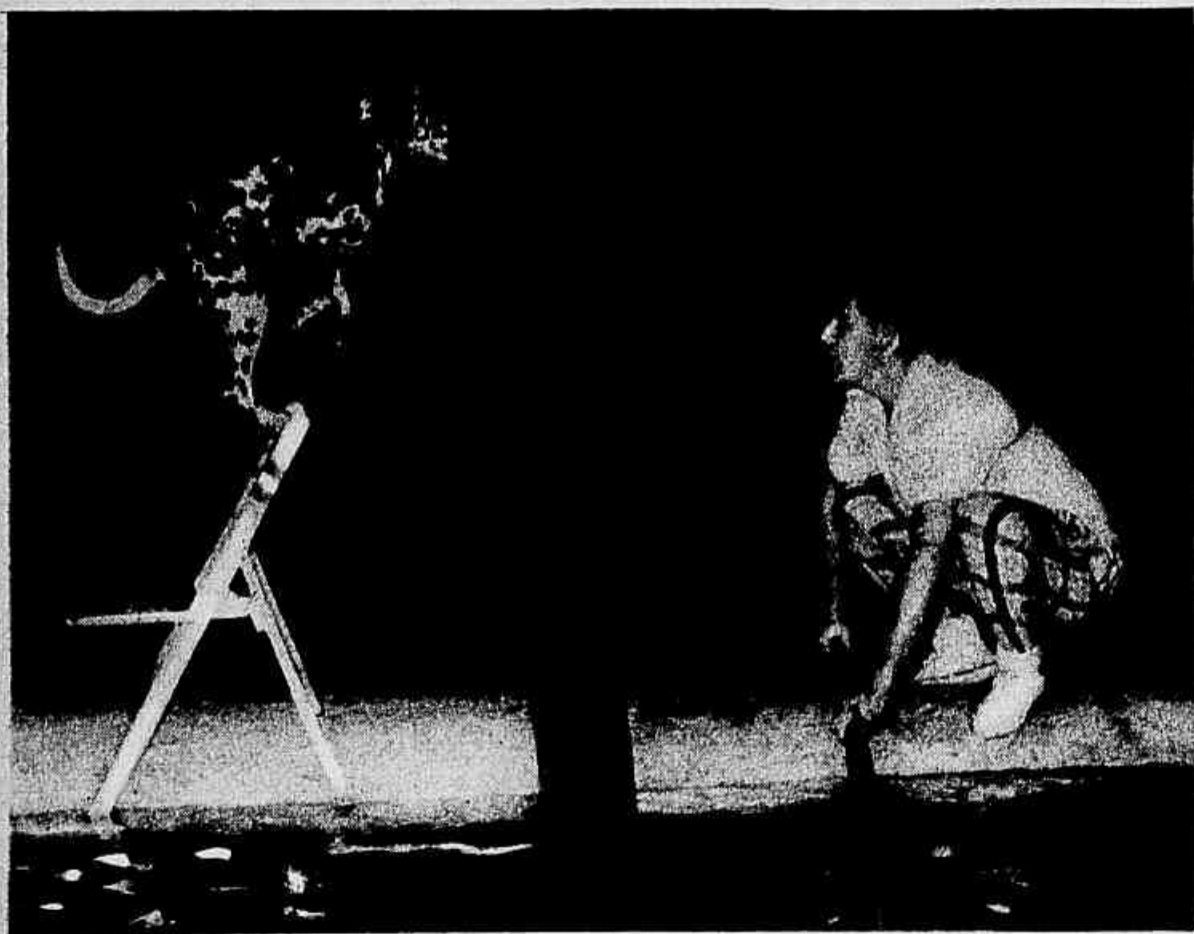
NÃO É GALO BRANCO

Trata-se, leitor, de um ganso branco que nada tem a ver com o galo da mesma cor, atualmente tão falado à sombra de S. Benedito. O caso é muito simples: há na Espanha e na Alemanha o costume, que se tornou lei não escrita, de pagar-se multa contra infratores do trânsito, com um ganso. E aqui vemos o sr. J. Johan, dono do Circo Espanhol, depois de ser multado por vinte vêzes, por haver encostado seu carro em lugar não permitido, saldar sua dívida, com a entrega feliz de um ganso.



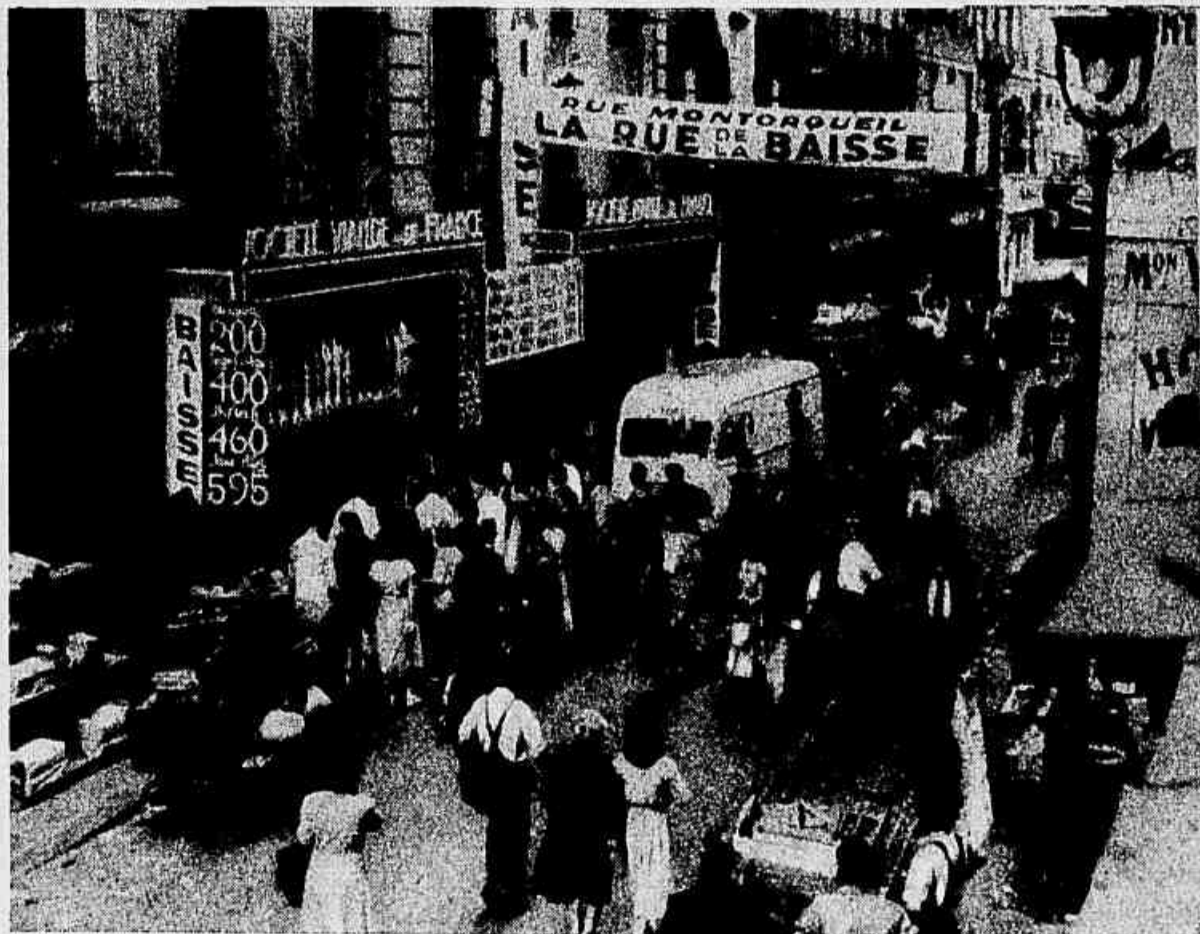
ESTÁTUA DE ELIZABETH II

Acaba de ser aberta ao público a Exposição Industrial da Alemanha Ocidental, organizada em Berlim. A Inglaterra compareceu com belo pavilhão, diante do qual mandou erigir uma estátua à sua Rainha, Elizabeth II. A obra tem cinco metros de altura e apresenta a soberana da Inglaterra em uniforme militar de grande gala, como se estivesse em solene parada. No momento desta fotografia, ainda se viam operários ultimando a estátua, dando-lhe os últimos e indispensáveis retoques.



BRAVOS, PEPPY!

O cão é Peppy; o dono é Bill Fontana, um canadense que exhibe este «show» aquático em Dortmund, no Westfalen-hall. Para que fôsse possível chegarem ambos a tamanha perfeição de equilíbrio, dispenderam cinco anos de treinos sucessivos. Pelo que parece, o cachorrinho artista não tem medo de ser castigado pelo treinador, se levar um tombo. O que lhe dá pavor é a água! E quando aquele tronco em forma de cilindro começa a rolar... Aqui os vemos treinando, antes de iniciar a função.



BAIXOU A CARNE... EM PARIS

Mas foi na rua Montorgueil, em Paris, leitor. De início, os fregueses não acreditaram. Seria possível? Foram comprar os seus bifés e, de fato, havia baixado o preço da carne fresca. A rua passou a ser chamada de «Rua da Baixa», e ficou com uma freqüência espantosa, cada vez mais crescendo, à proporção que os habitantes do bairro iam sabendo da novidade. Que tal, se os nossos açougueiros, mesmo contra as ordens da COFAP, tivessem a inspiração divina de uma baixinha assim?



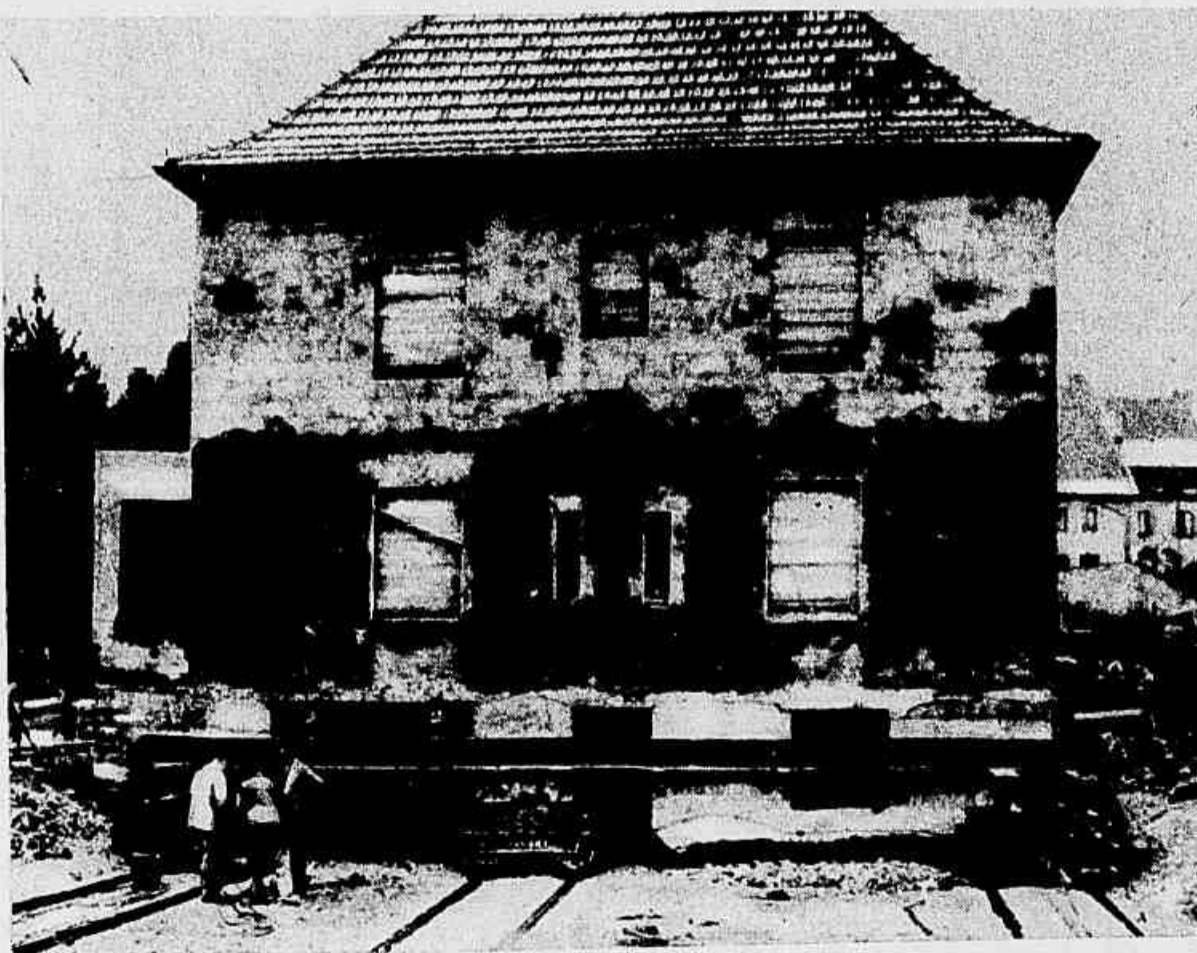
O HÁBITO FARÁ O MONGE

Luice Stevanello esteve à morte, com infecção de garganta e bronquite. Os médicos o trataram; mas sua família fez uma promessa e, quando Luice ficou restabelecido, vestiu a estamena dos frades. E' desejo d'ele e da família, que, quando estiver em idade legal, entrará para o convento e será frade mesmo. E' mais uma prova de que «o hábito faz o monge». Aqui está a garotinho pedindo informações a um guarda do trânsito, e este o atende com toda solicitude: «E' por ali, «Father»...



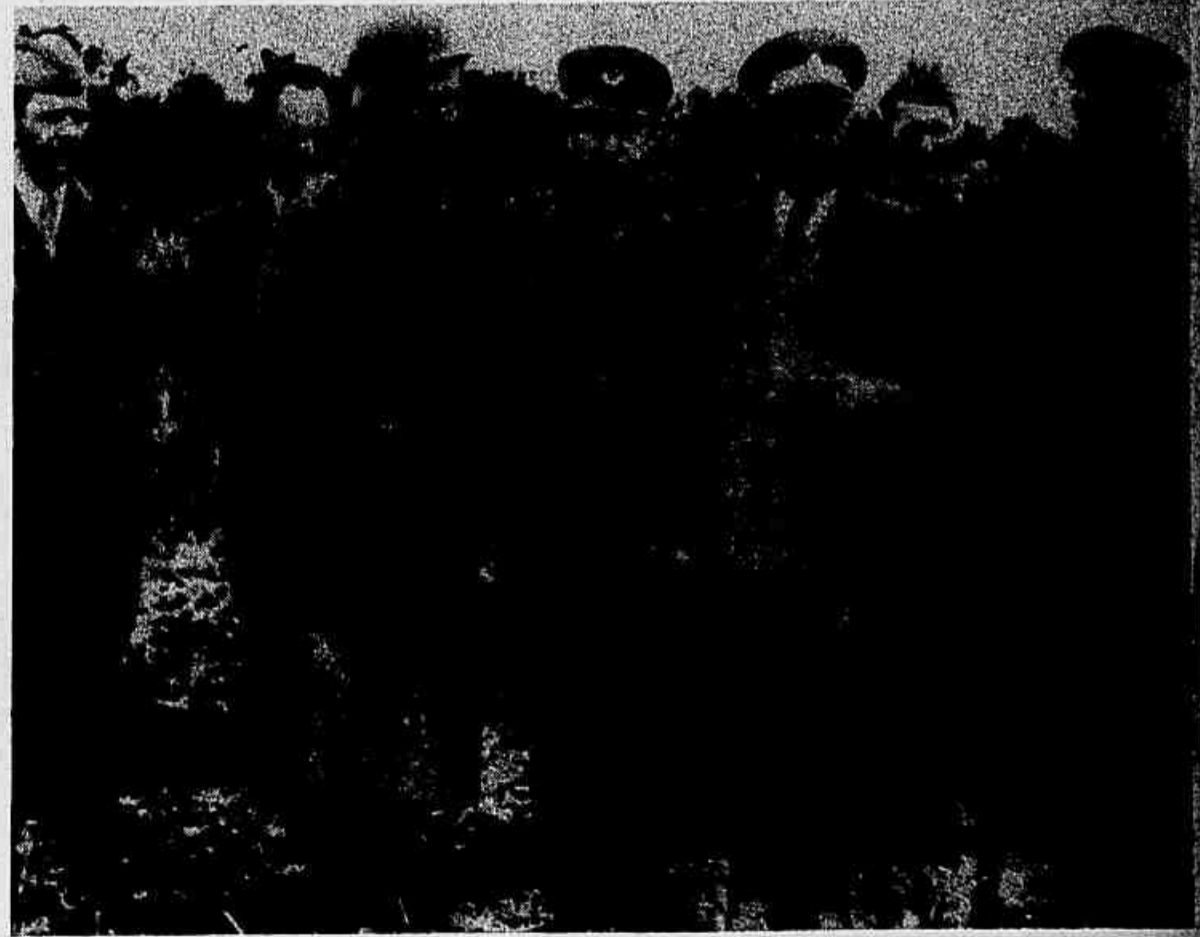
COELHINHO MALANDRO

Shirley, da «Children's Nursery School», de Stoke Newington, Londres, é uma galante enfermeira. Um coelhinho lhe foi entregue, e ela o recebeu com muito carinho, como excelente «irmãzinha de caridade». Metida em seu uniforme de enfermeira da «Cruz Vermelha», Shirley agasalhou o coelhinho e o embalou. Mas não pensem que o sabido animal estivesse doente. O que ele queria era sombra e água fresca. E Shirley o fez dormir: Era uma vez um coelhinho malandro — dis a história.



UMA CASA QUE VIAJOU

Em Saint Avold, Moselle, esta casa teve que mudar do local em que fôra construída, afastando-se dez metros, a fim de dar espaço à passagem de uma estrada no Sarre, e que passa por Moselle na direção de Paris. Esta foto foi obtida antes do deslocamento da «casa viajante», no momento exato em que os operários procediam aos últimos toques para a movimentação do edificio com destino ao seu novo lugar. Como vemos, a técnica do homem já consegue milagres como o da fotografia.



TITO SE PREPARA

O marechal Tito, Ditador da Iugoslávia, quando visitava o campo de manobras e exercicios militares anti-aéreos nos arredores de Belgrado, capital do país, em companhia dos generais Ivan Gosnjak, Secretário de Defesa (à esquerda) e Kosta Nadj, comandante das manobras. Tito precipitou recentemente a questão de Trieste, suscitando acesos debates na Itália e movimentando as Chancelarias da Inglaterra, França e Estados Unidos, alarmados com as recentes ameaças do Ditador iugoslavo.



LAST FASHION, de Milão — Uma criação em linho branco, trabalhado com aplicações de bordado branco e contas azul-claras.



KIVIETTE — Modelo em renda branca, de algodão, bordada com contas de vidro, transparentes, brancas e vermelhas.

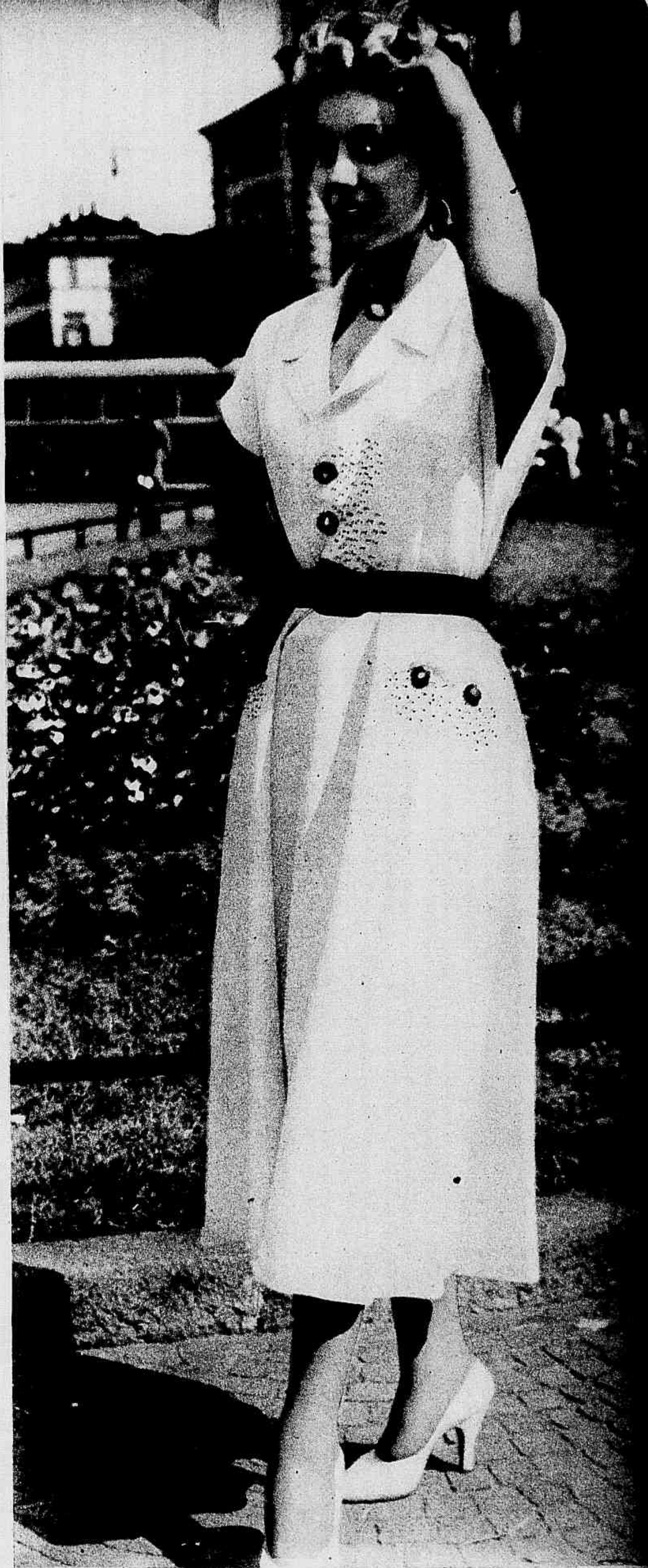
O BRANCO SE IMPÕE

O branco está em grande moda. Não somente por ser verão e o branco resultar muito mais agradável, por absorver menos calor. Não é só isso. Mesmo em Paris e New York notamos muitos modelos em branco, sobressaindo-se nas coleções de primavera dos famosos costureiros ditadores da moda. Será, pois, a cor elegante



PAULINE TREGÈRE — Crepe branco, bordado de azul. Pode ser usado com casaco no mesmo tecido. Mangas 3/4. Punhos bordados

da temporada, ao lado do preto que, desde o ano passado está em grande moda. Notamos um capricho todo especial nos modelos em tecidos brancos: linho, algodão (desde os fustões finos até o percal e os voiles de salpico) ou crepes de seda. Muitos costureiros apresentam modelos bordados, em vermelho, preto, amarelo ou outra cor, clara ou escura. Para os bordados, a novidade continua a ser a

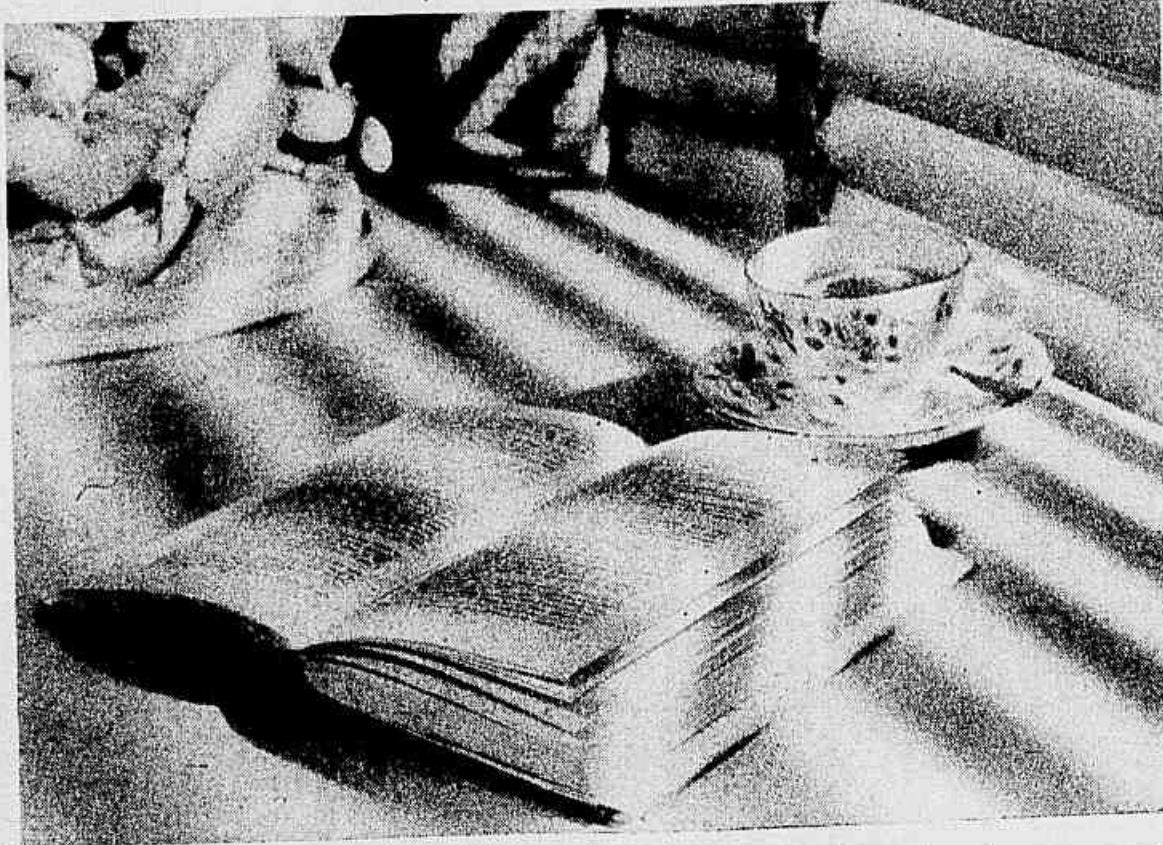


AMMIRATO, de Milão — Vestido em linho branco, com bordados em palha vermelha e branca. Usa-se com um cinto vermelho

palhinha ou a ráfia. Já existe, mesmo, uma espécie de ráfia plástica, que tem sobre a natural a vantagem de ser lavável. Também as contas, miçangas e lantejoulas aparecem em muitos modelos, em tecidos lisos ou rendados. Às vezes um cinto de cor quebra a monotonia do branco, outras vezes os complementos dão-lhe um pouco de colorido. **FLAMA**

OS LIVROS, NOSSOS AMIGOS

HOJE em dia, de um modo geral, há muito desinteresse pelos livros. Dá pena ver-se, na maior parte das famílias, o número reduzido de volumes que possuem, e como êsses poucos são maltratados! Qual a causa disso? Talvez o conceito errado que a maior parte das pessoas tem sobre os mesmos. Consideram-nos como um meio de distração ou como um instrumento de trabalho. Servem para encher as horas vazias, ou para se estudar apressadamente a matéria dos cursos culturais ou profissionais... Em parte, a culpa cabe aos pais, que preferem dar às crianças brinquedos do que um livro, e não procuram inculcar nos filhos o gosto pela leitura. Existe, mesmo, quem considere o dinheiro gasto em livros muito mal empregado...



No entanto, se todos compreendem o verdadeiro valor dos livros! Ele é, muitas vezes, mais que uma fonte de informação e de distração, um conselheiro e amigo. Não somente **lemos** um bom livro, mas, cada passagem, cada frase é motivo para meditação sobre tantos fatos de nossas vidas, de revisão de tantos conceitos e pontos de vista! O espírito de observação, o bom gosto, a maturidade de espírito se conseguem lendo. Muita gente sabe de tudo isso, mas acha que os livros custam muito caro. Acreditam que, somente com muito dinheiro se consegue formar uma boa biblioteca. Estão completamente enganados. Não é preciso que se tenha uma biblioteca muito grande, o que importa é que seja escolhida e que se tenha uma biblioteca.

● COMO FORMAR UMA BIBLIOTECA?

Naturalmente que uma biblioteca variará segundo o gosto e as incli-

nações de cada um. De um modo geral, além dos livros referentes a cada profissão, uma pessoa instruída deve conhecer as mais importantes obras que já produziu a humanidade. Os poemas mais famosos, as melhores peças de teatro, as obras primas da literatura de cada país. Deve-se dar preferência, dentro das inclinações de cada um, às obras já consagradas, às produções literárias que fizeram época, ou que toda a humanidade considera como as fontes do conhecimento humano. Dentro de cada profissão, deve-se escolher os volumes realmente clássicos...

Para os meninos deve-se dar histórias de caráter heróico, biografias de personagens célebres, livros descritivos, viagens... Para as meninas e as mocinhas, leituras leves, educacionais ou recreativas, ao lado de livros de doutrina mais sólida. Evitem-se aqueles que favorecem demasiadamente à imaginação, pois que as meninas já a tem demasiadamente fértil.

● AMIGOS DE TÓDA A VIDA

Numa biblioteca com critério, será fácil encontrar os livros que serão sempre os nossos favoritos. Poderemos lê-los quantas vezes desejarmos, anotá-los, sublinhar frases que nos despertem atenção... e aí está a vantagem de se ter uma biblioteca própria, individual. Os anos passam rapidamente e, como é delicioso abrir velhos livros e continuar com êles a conversa que o tempo interrompeu!

L. J.



Sugestão para o lar

VERSATILIDADE é o que se exige dos móveis modernos: que êles sirvam para finalidades diversas, e que possam ser deslocados com facilidade de um lado a outro do aposento quando, uma modificação se impuser. Por isso mesmo, hoje em dia, preferem-se os móveis lisos, de linhas muito simples, que combinam com tudo. Eis, no gênero, um recanto perfeito: a estante com prateleiras, sem fundo, o ponto principal de atração, do ângulo do aposento fotografado, é confeccionada em madeira de duas tonalidades. Exatamente por ser aberta, torna-se a «divisão» ideal, pois não tira a iluminação do lado oposto à janela. Além disso, a silhueta dos livros e bibelôs é bastante ornamental.

Deixemos, porém, a estante, e observemos outros detalhes de decoração: a cadeira de braços, com assento e encosto em tiras plásticas, cruzadas, é muito confortável, ótima para a leitura. A mesinha, no primeiro plano, tem o tampo negro e os pés mais claros, repetindo o colorido da estante. No último plano, junto ao reposteiro, uma mesa triangular, servindo de suporte a um abajur de linhas singelas. Nota-se que as peças foram escolhidas com capricho, isoladamente, e não adquiridas todas num conjunto já pronto. Ao mesmo tempo elas conservam entre si uma certa unidade, que as harmoniza. O tapete xadrez, em verde e cinza é de muito bom gosto. A decoração do aposento foi realizada pelo decorador Klaus Grable — especialista em ambientes modernos, sem formalidade. — NIKE.

SUA APARÊNCIA NO TRABALHO

● Não pense que, ao sair de casa, só porque vai para o trabalho não precisa cuidar tanto de sua aparência, como quando sai à passeio. Ao contrário, sua aparência no trabalho é importantíssima. Tão importante que você, quando foi pela primeira vez ao seu atual local de trabalho, tratou de se apresentar com ótima aparência, para ser aceita. Vê como faziam questão de que você se apresentasse bem? Portanto, é imprescindível que continue a dar boa impressão como no primeiro dia. Não é difícil ter-se aparência no trabalho. Em primeiro lugar, prefira as roupas simples, saias e blusas ou vestidinhos singelos, em cores discretas. Procure, também, um penteado que não se desmanche com facilidade, pois, se seu patrão gosta de vê-la bem apresentada, detesta saber, por outro lado, que perde preciosos minutos se embelezando. Pinte-se com cuidado, ao sair de casa pela manhã, com tonalidades discretas, como convém ao ambiente de trabalho. Se gosta de perfumes use-os em muito pouca quantidade. Será, mesmo, preferível uma água de colônia. A hora do almoço e a hora do lanche, serão as duas oportunidades que você tem para arrumar sua maquiagem. Aproveite-as. Nos dias de calor lave o rosto, tirando todo o pó e rouge, enxugue-o bem. Passe uma loção adstringente que poderá ter sempre em sua gaveta; e pinte-se de novo, com cuidado. Tudo isso não demorará mais que 5 minutos e você se sentirá mais bem disposta depois. Se tem um encontro com o namorado, pode, antes de sair para o almoço, ou à tarde, antes de ir embora, passar um baton um pouco mais forte, e pôr um perfume um pouquinho mais penetrante... se «ê» gostar.

JÚLIA DE MILO



● A moda dos vestidos muito decotados e sem mangas, põe os braços em muito mais evidência. Será preciso que você tenha para com êles alguns cuidados especiais, principalmente no verão. Antes de mais nada, é preciso que tenham uma boa circulação do sangue, para que não se tornem ásperos e sem vida. O melhor tratamento será esfregá-los com uma escova áspera, sempre que tomar banho. Dê atenção especial aos cotovelos.

Os braços muito grossos precisam ser exercitados, com ginásticas que os emagreçam. Depois da ginástica, tome uma ducha de água fria para que não fiquem flácidos. Os braços finos também precisam de repouso e exercícios muito leves.

Para terminar os tratamentos dos braços, não se esqueça de raspar sempre as axilas com regularidade, usar um desodorante se preciso, e untá-los sempre com um creme de beleza.

Seus braços

Conselhos ★★★★★

O melhor meio para combater os cravos e espinhas que se formam nas costas, principalmente no verão, é esfregá-las com uma escova de cabo comprido e bastante sabão. ★ As unhas dos pés não deverão ser cortadas rentes demais. O tamanho ideal é atingirem exatamente a ponta dos de-

dôs. Assim não ficarão encravadas. ★ Não vá para o banho de mar ou de piscina sem ter tido o cuidado de proteger os cabelos com uma touca própria. O sol e o sal são péssimos para a beleza dos cabelos, provocando o seu ressecamento e descoloramento.

WEEK-END NA COZINHA

★ Não havendo carne, você poderá resolver a situação com uma lata de 1/2 quilo de salsichas. Porém, não as sirva sem antes tê-las preparado, de alguma forma saborosa, como as duas sugestões apresentadas nesta página, que podem constituir o "prato forte" de qualquer refeição. — TIA DULCE.



SALSICHAS COM BOLINHO DE BATATA DOCE

● INGREDIENTES

- 2 xícaras de farinha de milho
- 2 colheres, das de sopa, de manteiga derretida
- 2 xícaras de batatas doces, amassadas
- 1 pitada de sal
- 1 pitada de pimenta
- 1 xícara de geléia de damasco
- 1/2 quilo de salsichas

● MANEIRA DE FAZER

1. Amasse a farinha de milho num pilão, para que fique bem fina. Junte a manteiga, derretida, e misture.
2. Misture a batata doce amassada com os temperos. Forme 6 bolas. Passe cada uma pela farinha de milho com manteiga. Asse em forno previamente aquecido, moderado, cerca de 25 minutos.
3. Faça uma concavidade na superfície das bolas de batata doce e ponha aí uma colherinha de geléia de damasco. Arrume-as numa travessa, em volta de salsichas fritas. (Pode servir com linguiça, também, que é uma boa combinação).

SALSICHAS COM MILHO

● INGREDIENTES

- 4 xícaras de milho cozido
- 1/2 quilo de salsichas
- 1 colher, das de sopa, de manteiga
- 2 colheres, das de sopa, de farinha de trigo
- 1 xícara de leite
- 2 xícaras de miolo de pão esmigalhado
- Sal e pimenta.

● MANEIRA DE FAZER

1. Cozinhe as salsichas, até ficarem ligeiramente tostadas. Corte cada uma em 2 partes.
2. Faça um molho branco, com a farinha, a manteiga e o leite. Tempere-o com sal e pimenta (se desejar use sal de cebola).
3. Arrume, num prato untado, camadas alternadas de milho cozido, miolo de pão, salsichas e molho branco.
4. Asse mais hora em forno moderado.

CONSELHOS ÚTEIS

★ Se vai preparar pimentões de forno ou pimentões recheados, antes de assá-los unte-os com um pouco de azeite, que ficarão muito mais bonitos.

★ Se a manteiga está da geladeira tão dura que é difícil passá-la no pão, cubra a manteigueta, por alguns minutos, com uma tija, previamente enxaguada com água quente. Ficará macia, sem se derreter demais.

★ É um erro pensar que os alimentos frios sempre refrescam mais do que os quentes. Tudo depende das calorias. Uma sopa quente, com 300 calorias, esquentará muito menos do que um "milk-shake" gelado, com 500 calorias.

★ Quando cozinhar batatas ou beterrabas para salada, cozinhe-as para duas ou três refeições. Guarde-as na geladeira, e sirva no dia seguinte, ou até três dias depois, que não ficarão estragadas.

★ As rabanadas ficarão mais bonitas se, depois de passadas as fatias de pão numa mistura de leite e ovos, passá-las, também, em farinha de rósca, logo antes de fritar.

Águas da Prata

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA, são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», «Fonte Vilela», «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual.

A natureza-juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista.

Fonte Vilela — Poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

GRANDE HOTEL PRATA

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortavelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos.

Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

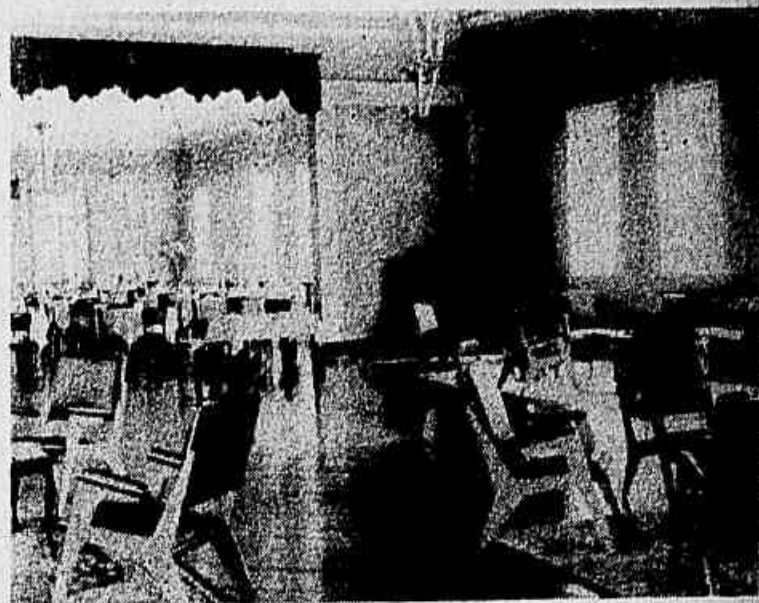
COZINHA DE 1º ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

RESERVA DE APOSENTOS

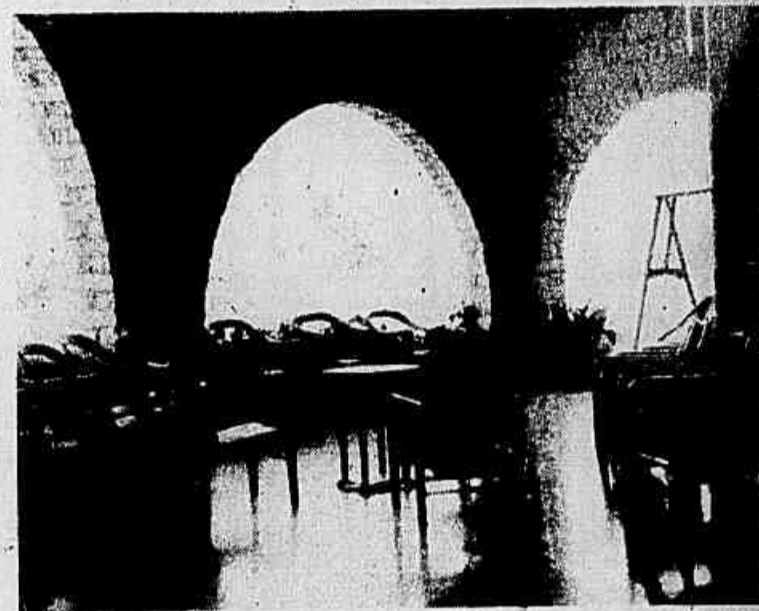
Pelas Empresas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone n.º 20.

Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela.

ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Empresa de Ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



Um aspecto da majestosa varanda do Hotel, recanto ideal para repouso.



A grande e alegre sala de jantar, belamente arejada e iluminada.



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Parada de valores no Parque da Gameleira

A RIQUEZA PASTORIL DE MINAS EM GRANDE ESTILO

Posição de destaque na Pecuária Nacional



O desfile de animais premiados na 1ª Exposição Estadual constituiu uma nota de acentuado relêvo na cerimônia de sua inauguração.

NA tarde ensolarada do dia 20 de setembro último, no belo Parque da Gameleira, situado nos arredores da encantadora Belo Horizonte, foi palco de um acontecimento que marcará época nos anais da pecuária mineira. Naquele dia inaugurou-se festivamente a 1ª Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados, grandioso certame no qual estavam representados os mais destacados produtos da criação montanhosa. Diante da enorme assistência que superlotava as dependências daquele parque, desfilaram os maiores valores que atualmente pontificam nos rebanhos de Minas Gerais, onde não se sabia mais o que admirar, se a forma impecável da apresentação, se a pureza de linhas ou as características raciais. Um soberbo espetáculo de apuro e de estilo desenrolou-se depois que as trombetas anunciaram o início do monumental desfile. Magníficos exemplares das raças leiteiras e indianas, equinas e asininas, mostraram à exuberância o índice de progresso e aperfeiçoamento alcançado pelos criadores mineiros. As raças Holandesas Preto e Branco e Vermelho e Branco tiveram campeões da estirpe de um Joop 3 Van Ender, de um

Faceiro, de uma Irma, de um Arpoador; as raças indianas ostentaram campeões da estatura de um Fernet, de um Javaí, de um Cacique, de um Marabá (Indubrasil, Gyr, Nelore e Guzerat), cada qual mais credenciado; nos equinos reluziam os campeões Dodge, Liberal, Turvo, Diva e Bomba, e nos asininos o campeão Panamá encabeçava um lote de qualidade extra. Seguiam-se os campeões da segunda linha, chamados reservados-campeões, os primeiros prêmios e os portadores das colocações secundárias, todos portadores do sangue generoso das raças puras que fazem hoje em dia a riqueza dos campos mineiros. Um espetáculo de inegável beleza, demonstrativo do arrôjo e do espírito progressista do pecuarista de Minas Gerais, tão bem plasmado nas seguintes palavras, que constituíram o introito do discurso pronunciado naquela solenidade inaugural pelo governador Juscelino Kubitshek e que não podemos furtar à reprodução:

«Ao inaugurar-se este certame em que se espelham a capacidade empreendedora e o espírito progressista do povo mineiro, desejo trazer uma palavra de aplauso e de incentivo a todos aqueles que, nas diferentes



O governador Juscelino Kubitshek de Oliveira muito justamente proclamou que Minas conquistou uma posição de destaque na pecuária.

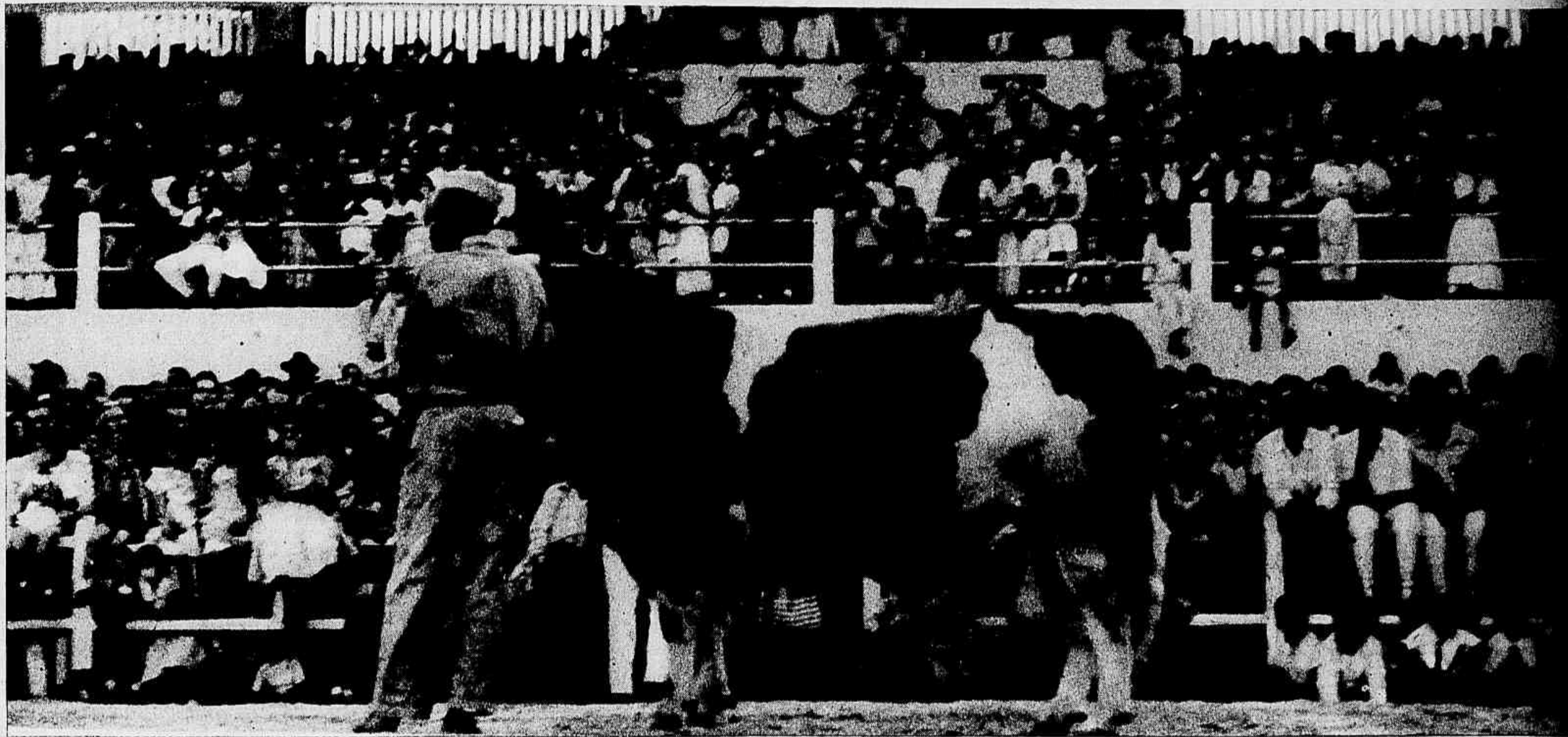
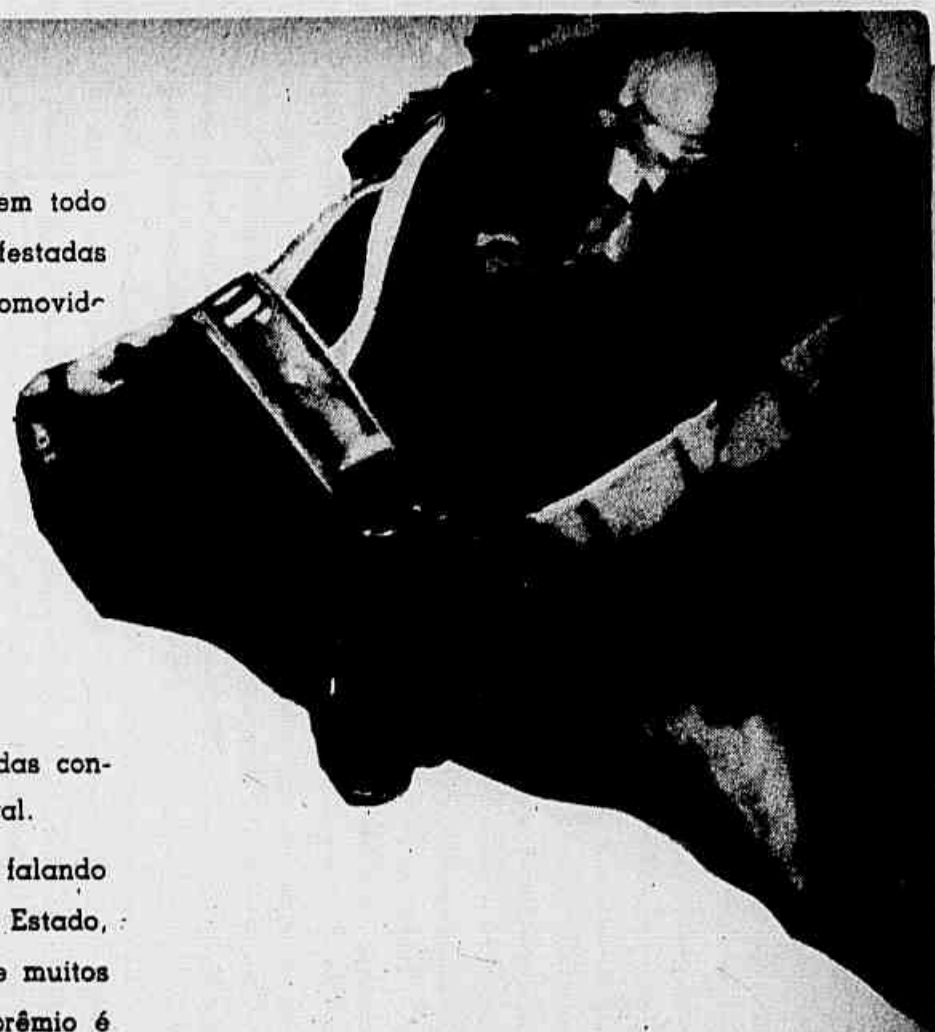
regiões do Estado, se consagram ao trabalho de aperfeiçoamento de nossos métodos e processos de criação pecuária e de exploração das riquezas agrícolas.

No Império, como na República, Minas foi a pioneira das exposições agro-pastoris e industriais realizadas no País. Dez anos depois da primeira exposição universal em Londres, há cerca de um século, o povo mineiro assistiu em Ouro Preto à primeira demonstração em conjunto dos aspectos de sua vida econômica. Nessa mostra, nas realizadas posteriormente na antiga Capital, e ainda naquelas que o descortino de Mariano Procópio promoveu e efetivou em Juiz de Fora, ao lado dos produtos manufaturados se exibiam excelentes exemplares de animais, que já indicavam expressivos resultados a coroar o esforço dos criadores.

No ciclo republicano, caberia ao eminente estadista que foi João Pinheiro o privilégio de realizar, em Belo Horizonte, a Primeira Exposição Agro-Pecuária Geral.

do Estado, certame que alcançou ressonância em todo o País e que concretizava as aspirações manifestadas em 1903, no Congresso Agrícola e Industrial promovido por iniciativa do presidente Francisco Sales. Cabe salientar que, nessa oportunidade, exemplares bovinos de raças indianas, selecionados através de trabalho perseverante, apresentaram-se pela primeira vez em certames oficiais, recebendo o estímulo e a consagração que os deveriam classificar às exposições nacionais e torná-los merecedores do conceito que os aponta como uma das conquistas mais expressivas da pecuária tropical.

Nas Exposições, como observou João Pinheiro, falando ao inaugurar a 1ª Exposição Agro-Pecuária do Estado, em 1908, se oferecem elições recíprocas em que muitos ensinam, em que todos podem aprender. O prêmio é mais a sanção oficial de um esforço que uma recom-



A assistência que presenciou a inauguração do certame foi das mais numerosas. Esse aspecto do desfile mostra uma parte da multidão.



O secretário de Agricultura, sr. Juarez de Souza Carmo, exaltou os atributos de idealismo e operosidade dos pecuaristas de Minas Gerais.



O governador fez pessoalmente a entrega dos prêmios aos expositores que mais se destacaram na apresentação dos seus valiosos produtos.



O campeão Dodge, da raça Mangalarga Marchador, abriu o desfile inaugural, conduzido por sua proprietária. Seguiram-se outros campeões.

TRUQUE

(Cont. da pág. 19)

O Craro zangou-se por em cheio:
— Quando acabar a cantoria, diga, que é pra entrar em lenda como boi ladrão!
Contraveio-lho, porém, o Venceslau, casquinando uma risada de machucar:
— Apanhar? Que! Qual é o caborjudo que bateu em home's como eu eu o Cuba? Na terra! Vocês podem falar, o fazer é que é nove! Eu intê nem quero outra vez olhar as cartas: não olho mesmo. Saracura é bicho feio, tem cabelo até no joelho...
E trucou de flor, o Venceslau.

Mas o Prequetê não esteve pelos autos, achou que era de mais:
— Só se você fez algum maço! Quando não, 'tá irrito. Ora bamo, ver c'o que foi que você trucou!
O Venceslau ergue as cartas da mesa, mostrou-as uma por uma: cinco, sete á-toa, valete.
— Parceiro dum anjo! desta vez eu 'tou que de louça nem um pire! Scu a sua vergonha, desta vez.
O Cuba, entretanto, não quis entregar a rapadura com a palha e tudo:

— Agora deixe correr, que você não 'tá sôzinho no mundo! Jogue a pior!
Preparou um pé de três e de zápate, fez o corpo mole, aceitou a chamada de seis, ganhou o jôgo. Mas, no desempate da queda, a sorte principiou a declarar-se pelo Prequetê e pelo Craro. Chamavam com qualquer carta, pouco trucavam, iam fazendo um jôgo manso e razoável. E cachaça passeava de um lado para outro, numa toada. Quando já tinham nove tentos, o Venceslau fez um escarcéu temeroso:
— Eu gosto que me esquentem primeiro, depois sou destemido mesmo, sou um teba sem rival: vou trucar nos tentos d'esses pamonhas. Truco, tapera, quem foge não espera! Eu corro atrás de quem corre!

O Prequetê pôs-lhe medo:
— Não vem não, laranja azêda, que eu te chupo!
E o Craro segundou a ameaça:
— Não chega não, cachaça braba, que eu te bebo!
Decidiram, porém, fugir.
— Nada! Nós 'tamos alto!
Correu em silêncio a outra mão, e a décima inda. Quando o Cuba, já meio tomado, perguntou:
— Home', em que mão estamos?
O Craro respondeu-lhe, peando no baralho:
— Nas onze, e o baralho na mão do bronze!
Deu cartas, consultou o parceiro, não mandaram. Os outros apenas tinham quatro tentos. E afinal ganharam a queda.

Ao romper da segunda queda, que também ganharam, o Antônio Cuba exclamou, um tanto passado:
— Eu 'tou sentindo que você 'tá c'ua meia catinga de égua parceiro. Ou sou eu que 'tou? Isto é a falta da queimada. Ismena, traga aqui a do gengibre, bem quente!
Não lhe deram resposta. Pediu segunda vez a queimada, quando ia jogar a terceira queda, e o mesmo silêncio continuou no interior da casa. Só então veio um campadre dizer, meio choroso:
— Você não viu a hora em que houve um tropel de cavalo aqui mesmo na porta? Foi o Mané Roxo que roubou a Ismena.
Todos ficaram assustados, porque o Cuba era um caboclo brigão e sacudido: acercaram-se dêle. Mas o Cuba tinha entrado por demais na branca, estava bem aliançado: levantou-se com os olhos muito arregalados e vermelhos, jogando o corpo, encanou as certas, puxou-as até a um lado do peito e gritou furioso:
— Pois já que 'tá tudo perdido mesmo, truco!

VANJA ORICO

(Cont. da pág. 31)

Rodada a película, antes mesmo de sua exibição, fui para Cannes, não como artista, mas como jornalista — representando o Diário Carioca. Lá, contrariando os meus desejos, fui recebida como artista e tratada como tal. Então, depois da exibição de «O Cangaceiros», foi um Deus nos acuda. Mais pelo filme, naturalmente. Sem nenhum favor posso dizer que Lima Barreto marcou um tento, «Muiê Rendera» foi, durante muitos dias, o prato predileto do festival.

A entrevista é interrompida pelo fotógrafo que deseja novas poses, e Vanja é «tôda sua»...
Vanja — prosseguimos — não existem perguntas indiscretas para um repórter. Assim sendo, o que poderá nos dizer da notícia de seu noivado com o «astro» Georgio Mariani, já nosso conhecido pelo papel que desempenhou em «Fabiola»?

A «estrelinha» sorri e diz: «Tudo não passou de uma brincadeira de mau gosto de uma jornalista do «Elci-Paris», que indiscretamente deu de mãos numa carta minha, endereçada a Georgio e exagerou os fatos. Não houve noivado e muito menos namôro. Georgio Mariani é um perfeito «gentleman», muito o admiro, porém a coisa fica aí».

— E sobre o casamento, o que pensa dêle?
«Não acho que o casamento possa entrar a vida do artista. Porém não procurarei acelerar os acontecimentos. Quando surgir em minha vida o príncipe dos meus sonhos, aí então estarei «amarrada», seja êle de que nacionalidade for. Tenho tempo e, por enquanto, vou cuidando da minha arte com todo o carinho.»
Satisfeita a nossa justificada curiosidade, indagamos, então, por que motivo recusara aparecer na produção de Stillman, «O Americano», na qual tomara parte além de Glenn Ford, também a brasileira Fada Santoro.

«Depois de examinar o «script», isto é, o roteiro do filme, cheguei à conclusão de que o mesmo era deprimente para o nosso Brasil. Nossa terra era ali apresentada como uma terra de bárbaros. Meu coração de brasileira falou mais alto. Recusei o papel por considerar o filme pouco verídico, em relação ao meu país.»

— E sobre a sua próxima partida para os Estados Unidos? — quisemos saber.
«Em virtude de um contrato com o produtor Jean Bellon, devo aparecer em Los Angeles, na televisão. Após tomarei parte num filme, em Hollywood, sobre o folclore sul-americano.»

— E sobre o cinema europeu, que acha dêle?
(Cont. na pág. 50)

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES:

1 Em qual destas cidades há mais italianos:

- Em Roma?
- Em New York?
- Em S. Paulo?

2 Quanto custou a ilha de Manhattan, onde se ergue o centro comercial de New York:

- Um milhão de dólares?
- Três milhões de libras esterlinas?
- Vinte e quatro dólares?

3 Quantos escritórios há no edifício «Empire State», de New York:

- Dez mil?
- Três mil e oitocentos?
- Vinte e cinco mil?

4 A estátua da liberdade em New York é:

- De cobre?
- De bronze?
- De cimento armado?

5 Onde fica a maior biblioteca do mundo:

- No Rio?
- Em Washington?
- Em Berlim?

6 A média da existência humana tem:

- Aumentado?
- Diminuído?
- Ou estacionado?

7 Qual é o maior micróbio até agora conhecido:

- O da tuberculose?
- O do tétano?
- O da sífilis?

8 Que vem a ser um «entomologista»:

- O indivíduo que se ocupa de insetos?
- O médico que cura a paralisia infantil?
- O que estuda os astros?

9 Qual o mais veloz dos peixes do mar:

- A sardinha?
- O tubarão?
- A garopa?

10 Qual destes animais é «reptil»:

- A cobra?
- O macaco?
- O tatu?

11 De que escritor é a grande obra «Legenda dos Séculos»:

- Anatole France?
- Bernard Shaw?
- Victor Hugo?

12 Velasquez ficou famoso por ter sido:

- Grande general espanhol?
- O maior pintor da Espanha?
- O conquistador do Peru?

13 Quem disse isto: «O verdadeiro amor é luminoso como a aurora e silencioso como o túmulo»:

- Victor Hugo?
- Pascal?
- Balzac?

14 Maria Antonieta era esposa de:

- Luís XV?
- Felipe II?
- Luís XVI?

15 Que vem a ser o nome «iracema»:

- Lábios de mel?
- Deusa da selva?
- Raio de luar?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.

De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.

De 4 a 6: cultura média — Estudante ginásial.

De 7 a 11: cultura superior — Universitário.

De 12 a 14: um sábio.

Tôdas as 15: Um gênio em pessoa.

(RESPOSTAS NA PAG. 50)

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 24 E 30 DE OUTUBRO DE 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O momento lhe proporcionará grandes e duradouras amizades, dessas que enchem uma existência inteira. Tudo o que for iniciado na vigência do próximo período, terá longa duração.

TOURO (21/10 — 20/11) — Os dias 25 e 28 serão altamente favoráveis aos propósitos de que estiver animado. Sua chance, nas especulações, atingirá o máximo nos mencionados dias. Os negócios correrão a contento.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O momento não aconselha o início de ações judiciárias nem o lançamento de negócios de vulto. Não se presta, do mesmo modo, para a assinatura de contratos. As firmas constituídas na vigência da semana entrante, não se desenvolverão.

CANCER (23/12 — 20/1) — O leitor terá na próxima semana um clima astral inteiramente benéfico às suas iniciativas e aos seus negócios. Os melhores dias serão 24, 27 e 29.

LEAO (21/1 — 20/2) — O próximo período não lhe será favorável. Adie as iniciativas e, principalmente, a emissão de títulos, os empréstimos e as compras a prazo. Sua posição é negativa, em relação aos astros.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Dispense o máximo da sua atenção ao que fizer na próxima semana. O leitor estará sujeito a ser enganado e roubado até. Pessoa de sua confiança poderá traí-lo. Não confie demasiado, em ninguém.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Os próximos sete dias serão favoráveis ao leitor, com exceção apenas, no que disser respeito à vida sentimental. Haverá rompimento de noivado, de relações, desentendimento no lar e perigo de escândalo. Previna-se.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não corra. Espere as soluções naturais dos casos em que estiver interessado. O princípio pelo qual todos nós consideramos a pressa uma inimiga da perfeição, tem toda aplicação, agora, no seu caso.

SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O leitor estará predisposto a sérios desentendimentos no seu local de trabalho e ameaçado, conseqüentemente, de perda do emprego. Evite, pois, toda e qualquer discussão nos próximos sete dias, no seu próprio interesse.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Suas possibilidades atingirão o máximo, na próxima semana, entre os dias 25 e 28. Estará dando tudo. Poderá ver, ouvir, falar e ousar, como se diz no simbolismo cosmo-sófico. Aproveite essa tão boa oportunidade.

AQUARIO (23/7 — 21/8) — É melhor ficar mesmo nas ocupações ordinárias, no âmbito da sua profissão. Não tente nada de extra. As astralidades lhe são positivamente contrárias, nos próximos sete dias.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Sua posição será muito melhor, na semana entrante, sob o ponto de vista dos influos planetários. O planeta que lhe governa o destino receberá uma verdadeira seqüência de aspectos favoráveis.

OS NOMES DA SEMANA

| | | |
|--------------------|---|---------|
| Outubro 24 — Jaime | — | Zélia |
| " 25 — André | — | Mariza |
| " 26 — Jovelino | — | Nanci |
| " 27 — Eulógio | — | Zulmira |
| " 28 — Manfredo | — | Elísia |
| " 29 — Valtério | — | Felícia |
| " 30 — Antunes | — | Altair |

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

| | |
|--------------------------|-----------------------|
| Outubro 24 — 00° 47' 02" | (SIGNO DO: Escorpião) |
| " 25 — 1° 46' 49" | (") |
| " 26 — 2° 46' 39" | (") |
| " 27 — 3° 46' 31" | (") |
| " 28 — 4° 46' 25" | (") |
| " 29 — 5° 46' 21" | (") |
| " 30 — 6° 46' 20" | (") |

ARABELE a última sereia



Arabelle se aproxima daquele dragão horrível. Que é feito de toda aquela gente que, naquele mesmo lugar, há pouco tempo, dançava alegremente e bebia? O silêncio era impressionante.



Decidida a prosseguir nas investigações, custe o que custar, Arabelle, num movimento brusco, abre a cortina, olha e vê que uma escadaria larga como que a convidava a descer até lá embaixo.



E ela, aceitando o mudo convite, desce, cuidadosamente, pisando macio sobre o finíssimo tapete. Quando ela chega ao último degrau, ouve a porta bater bruscamente. O sangue lhe gela nas veias...

À SUIVRE...



Volta-se e, petrificada, vê que está encerrada naquele subsolo. Até quando? — É a pergunta que faz a si mesma. — Mas reage e prossegue com a intenção de examinar tudo aquilo.



Continua a sua caminhada e, em dado momento, eis que se lhe depara uma enorme sala, a cujo fundo se vê grande renque de prateleiras que estão repletas de garrafas.



Perplexa, Arabelle, assim mesmo, continua a pesquisar. Investigando aqui e ali. Puxa daqui, puxa dacolá, ela sente que uma das tais garrafas na prateleira oferece resistência. Insiste a jovem e se abre um cofre...

À SUIVRE...



Arabelle mete sua mão no interior do cofre que se abriu e vem descobrir, assim, uma porção de caixinhas todas elas absolutamente iguais.



Abre uma e reconhece que contém aquela massa escura que Joe Piper lhe dera a fumar: — ópio.



Metendo a caixinha no bolso do seu quimono, Arabelle passa, então, neste preciso momento, a pensar qual o modo como vai sair daquele lugar.

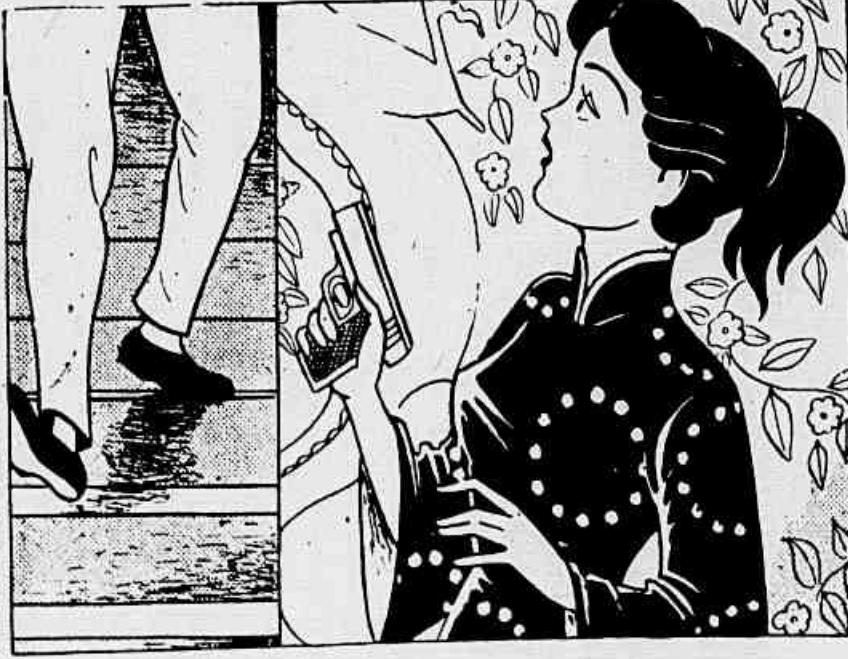


Senta-se a um banco e procura acalmar-se, a fim de que possa coordenar as idéias. Estava entregue aos seus pensamentos quando ouve ruídos de passos na direção da escada...

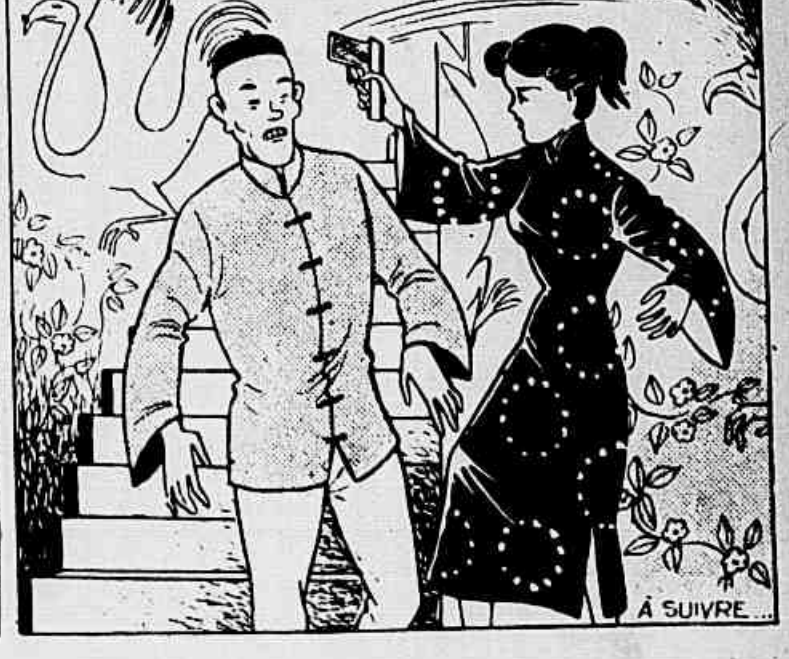
À SUIVRE...



Num movimento rápido, ela se coloca a um canto da escada. Ela percebe que um criado chinês da casa de Joe Piper está descendo em sua direção tranquilamente



Que fará? Se for descoberta, com toda a certeza a liquidarão naquele palácio. Se gritar e Joe Piper vier em seu auxílio, como explicar sua presença naquelas dependências da casa? Empunha o revólver e espera.



O chinês, descobrindo-a, avança, ameaçador, em sua direção. A jovem Arabelle, num impulso incontrollável, e com o revólver que empunha, vibra, com força, um golpe na cabeça do criado.

À SUIVRE...

(Cont. da pág. 48)

«Dou preferência ao cinema francês, pela maneira humana com que encara a arte. Os franceses conseguiram juntar a humanidade a técnica.»

— E o que acha do cinema americano? — Admiro o cinema americano pelo arrojo com que realiza suas películas e também por sua grandiosidade. Não fôsse o cinema norte-americano uma realidade, não teria ele tomado conta do mercado internacional.»

Indagamos quais as impressões de «Maria Bonita» em relação ao cinema das Américas do Centro e do Sul.

«Aprecio muitíssimo o mexicano, se bem que reconheça ter ele decaído um pouco, em virtude de sua predileção pelo nacionalismo excessivo e pela comichão. Entretanto, possuem os mexicanos os meios e a técnica indispensável a produção de grandes filmes.»

— Vanja, — perguntamos — qual o artista estrangeiro de sua predileção?

«Vou citar apenas dois que, ao meu ver, são os maiores da tela: Laurence Olivier e Charles Chaplin.»

— E a artista? — Bem, temos Barbara Standwick, nos Estados Unidos, e Ana Mangani, na Itália.»

— Agora, — prosseguimos — vamos falar da prata da casa. Entre os brasileiros, quais os que prefere?

«Ricardo Campos, no elenco masculino, e Ruth de Souza, a notável intérprete de «Sinhá Moça».

— E na vida de seu pai, Vanja. De que mais gosta? De sua condição de político ou da de intelectual?

«Admiro meu pai muitíssimo. Como pai, nem se fala. Ele é o melhor do mundo. Porém, confesso que gosto mais dele como contista. Acho que como tal ele reflete com toda a expressão, fielmente, as coisas que pretende criar.»

— E antes de sua partida para a América? O que fará?

«Antes de minha partida representarei, juntamente com Henkel Tavares, o Brasil no Festival das Artes a ser realizado no Teatro Municipal do Rio, em outubro próximo. Vários países se farão representar e o fato de ter sido eu escolhida para representar o Brasil, é coisa que muito me envida.»

Notamos o carinho com que a sra. Clara Orico seguia as declarações de sua filha. Sabemos não ser tarefa fácil a de ser mãe de uma celebridade, ainda quando esta celebridade tem olhos negros e profundos, e os cabelos da cor da grana, como acontece com Vanja Orico.

Inquirimos, — e por que não? — como seus pais viam a sua carreira artística, e Vanja assim se expressou: «Tenho recebido de meus pais o melhor dos estímulos. Compreensão não falta e o incentivo que me dão é o maior fator para que eu continue lutando na carreira que para mim escolhi.»

E assim, Vanja Orico que, sem favor algum, merece o título de «senhorita simpática», avisou-nos de que iria, após a entrevista, ao seu costumado banho de mar. Não perdemos a oportunidade de fotografar «Maria Clódia» em trajes de banho... o que conseguimos sem muito gládio... para o gaudío de seu grande número de fãs.

Enquanto a «estrelinha» se aprontava, tivemos oportunidade de palestrar com a sra. Clara Orico. Soubemos então que Vanja, nascida de sangue parense-gaúcho e apesar de ter por longo tempo residido na Europa, tem especial predileção pela cozinha nortista. Outro fato interessante é que a menina tem sangue Caiapó nas veias, por parte de pai, e italiano, por parte de mãe.

E agora a pergunta final: — Vanja, — dissemos — como sabemos, quase todas as «estrelas» são supersticiosas. O mesmo acontece consigo?

«Bem, — começou Vanja — sou de fato supersticiosa. Quem não o é no Brasil? Fujo de gato preto, tenho respeito pelo número 13 e também por sexta-feira. Mas as superstições de São

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Posto um vidro de «BÉL-HORMON» Nº.....

NOME..... RUA..... Nº..... CIDADE..... ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 50,00

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS DA PÁGINA 48

- 1 — Em New York
- 2 — 24 dólares
- 3 — 25 mil
- 4 — De cobre
- 5 — Em Washington (a Biblioteca do Congresso)
- 6 — Aumentado
- 7 — O da sífilis
- 8 — O indivíduo que se ocupa de insetos
- 9 — O tubarão
- 10 — A cobra
- 11 — Victor Hugo
- 12 — O maior pintor da Espanha
- 13 — Victor Hugo
- 14 — Luís XVI
- 15 — Lábios de mel.

João, aquelas que são comentadas em voz baixa, ao pé das fogueiras... essas merecem o meu maior respeito». Insistimos para que nos dissesse em que consistiam as «superstições de São João» e Vanja prosseguiu: «Meu caro, isso não digo. É uma espécie de segredo de Estado... e prefiro silenciar sobre o assunto. Adianto apenas que uma delas reza que moça que muito fala não encontra noivo bonito...»

E assim, mergulhada nos seus sonhos de moça bonita, da ribalta e do lar, deixamos a festejada «estrela» patriciã.

Ressalvamos que, por mais fiéis que sejam as fotografias aqui estampadas, ainda assim elas não farão justiça a Vanja Orico, cuja beleza se junta à simpatia e à inteligência. Vanja — na exuberância de suas 21 primaveras — é aquilo que o poeta chama de «sonho feito mulher». É uma moça excepcional, dona de uma vida exclusivamente dedicada a sua carreira artística, trajetória que ela percorre sob os olhares carinhosos, porém vigilantes, de «mama» Clara.

E assim, como dizia José de Alencar, nos despedimos de Vanja Orico, a «Virgem dos cabelos da cor da grana e dos lábios de mel».

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N° 78

| | | | | | | | | | | | |
|---|-----------------------------|---|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|--|--|
| A | Existia | → | 23 | 4 | 41 | 138 | 84 | | | | |
| B | Cair em culpa; enganar-se | → | 131 | 9 | 31 | 42 | 77 | | | | |
| C | Nenhuma pessoa | → | 50 | 20 | 99 | 109 | 73 | 133 | 11 | | |
| D | Esférico | → | 134 | 46 | 51 | 2 | 61 | 102 | 24 | | |
| E | Idêntico; uniforme | → | 98 | 117 | 48 | 81 | 5 | | | | |
| F | Ficar, deter-se num lugar | → | 47 | 124 | 53 | 59 | 80 | 118 | | | |
| G | Besuntadas; engorduradas | → | 128 | 58 | 6 | 40 | 71 | 108 | 88 | | |
| H | Igualar votações opostas | → | 86 | 111 | 67 | 10 | 34 | 49 | 97 | | |
| I | Espécie de carvão de pedra | → | 135 | 126 | 55 | 115 | 68 | | | | |
| J | Esconder | → | 52 | 25 | 136 | 38 | 82 | 78 | 15 | | |
| K | Não obstante; ainda que | → | 110 | 43 | 95 | 60 | 83 | 14 | | | |
| L | Atas; enlaças | → | 93 | 37 | 17 | 57 | 8 | | | | |
| M | Sessenta minutos | → | 107 | 65 | 36 | 76 | | | | | |
| N | Espiavam; miravam | → | 12 | 106 | 39 | 122 | 64 | 139 | 74 | | |
| O | Não são velhas | → | 1 | 66 | 85 | 103 | 33 | | | | |
| P | Pais cuja capital é Cairo | → | 29 | 123 | 96 | 137 | 113 | | | | |
| Q | Com ele se joga bilhar | → | 120 | 16 | 112 | 92 | | | | | |
| R | Detestáveis; dignos de ódio | → | 7 | 45 | 30 | 101 | 21 | 121 | 69 | | |
| S | Saqueios | → | 3 | 35 | 127 | 62 | 44 | 87 | | | |
| T | Empacotam | → | 129 | 114 | 132 | 70 | 22 | 94 | 63 | | |
| U | Divisões, ramificações | → | 19 | 26 | 116 | 72 | 13 | | | | |
| V | Tirar a tara | → | 100 | 18 | 28 | 91 | 79 | | | | |
| W | Ofegam | → | 75 | 27 | 104 | 89 | 54 | | | | |
| X | O que ouve, ouvinte | → | 105 | 56 | 90 | 119 | 125 | 32 | 130 | | |

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras, e no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|-----|---|-----|---|-----|---|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|-----|-----|-----|--|
| O | 1 | D | 2 | S | 3 | | A | 4 | E | 5 | G | 6 | R | 7 | L | 8 | | B | 9 | H | 10 | C | 11 | | | |
| N | 12 | U | 13 | | | | K | 14 | J | 15 | Q | 16 | L | 17 | V | 18 | U | 19 | C | 20 | R | 21 | T | 22 | | |
| A | 23 | D | 24 | J | 25 | U | 26 | W | 27 | V | 28 | P | 29 | R | 30 | B | 31 | X | 32 | O | 33 | | H | 34 | | |
| S | 35 | M | 36 | L | 37 | J | 38 | N | 39 | G | 40 | A | 41 | B | 42 | K | 43 | | S | 44 | | R | 45 | | | |
| D | 46 | | | F | 47 | E | 48 | H | 49 | C | 50 | D | 51 | J | 52 | | | F | 53 | W | 54 | | I | 55 | | |
| X | 56 | L | 57 | G | 58 | F | 59 | K | 60 | | | D | 61 | S | 62 | T | 63 | | N | 64 | M | 65 | O | 66 | | |
| | | H | 67 | I | 68 | R | 69 | T | 70 | G | 71 | U | 72 | | | C | 73 | N | 74 | W | 75 | | M | 76 | | |
| B | 77 | J | 78 | V | 79 | F | 80 | | | E | 81 | J | 82 | K | 83 | A | 84 | O | 85 | H | 86 | S | 87 | G | 88 | |
| W | 89 | X | 90 | V | 91 | | | Q | 92 | | | L | 93 | T | 94 | K | 95 | P | 96 | H | 97 | E | 98 | C | 99 | |
| Y | 100 | R | 101 | | | D | 102 | O | 103 | | | W | 104 | X | 105 | N | 106 | M | 107 | G | 108 | C | 109 | K | 110 | |
| H | 111 | | | Q | 112 | P | 113 | T | 114 | | | J | 115 | U | 116 | | | E | 117 | F | 118 | X | 119 | Q | 120 | |
| R | 121 | | | N | 122 | P | 123 | F | 124 | X | 125 | I | 126 | | | S | 127 | G | 128 | T | 129 | | X | 130 | | |
| B | 131 | T | 132 | C | 133 | D | 134 | I | 135 | J | 136 | P | 137 | A | 138 | N | 139 | | | | | | | | | |

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N° 77 — A. COUTINHO. ENSAIO ECONÔMICO. «O índio selvagem entre a raça dos homens parece anfíbio, parece feito para as águas; é naturalmente inclinado à pesca por necessidade e por gosto.»

Sensacional!

CR\$ 50

CR\$ 40

CR\$ 5

VIDA DO CRACK

ADEMIR BICHA ZIZINHO CASTILHO SANTOS PINGA

Pedidos pelo Reembolso Postal à Editora Brasilidade Limitada, Rua da Quitanda n° 59-2 and, Rio de Janeiro — C. Postal 2733

A venda nas Bancas de Jornais

Um concurso em
câmara lenta. A
apuração já começou.
Mas só em Novembro
o resultado.

JOANA D'ARC, a escultural
garôta também é candidata.
Em baixo: MÓNICA, candidata
de «Mondutur». Graciosa baiana.



QUEM SERÁ?

MISS OBJETIVA DE 1953



ROSÂNGELA é uma forte concorrente. Artista de cinema e teatro, além de cantora de «boites». Também, com um corpo assim...

VISANDO coroar a «Miss Objetiva de 1953», a Associação de Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro instituiu, para esse fim, um concurso de votação popular que vai se tornando um acontecimento previsto de todos os anos.

Várias candidatas estão inscritas no movimento e interessante pleito e tôdas alimentando as mais sólidas esperanças no êxito final. A verdade, no entanto, é que ninguém poderá antecipar um prognóstico sobre a provável vencedora, pois as belas concorrentes, praticamente,

THAIS BELLINI, pertencente ao «Ballet» do Teatro Municipal. Pela pose apresentada vê-se que tem jeito. Conquistará o título?



MIRIAN TEREZA, filha do impagável cômico Oscarito, é um páreo duro. Mirian é uma das mais graciosas concorrentes.





ROSEMARIE, a atraente artista do «Follies» está entre as belas candidatas inscritas. Francamente, «charme» não lhe falta.



LIA MARA tem muita chance. E' a graciosa «estrêla» de «E' Fogo na Jaca» e conta, por isso, com uma formidável legião de fãs.

reúnem as mesmas possibilidades de vitória. E é este equilíbrio de predicados entre as candidatas, não temos a menor dúvida, um dos fatores do interesse que vem despertando a eleição da «Miss Objetiva de 1953». A Associação de Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro premiará regidamente a vencedora, pois será oferecida à «Miss Objetiva» uma viagem a Paris. Cabe-lhe, portanto, representar na Cidade Luz a graça e a beleza da mulher brasileira. Agora vamos à apresentação de algumas concorrentes. Cremos, aliás, ser um magnífico «test» — prova de bom gosto — para o felizardo que apontar a vencedora.

MARIA NEUZA é a «estrêla» da «boite» «3 BBB». Dizem seus inúmeros admiradores que vencê-la será bem difícil. Verdade?



PEDRO GONÇALVES SEM MÁSCARA. Era assim o estimado «Dudu», sempre risonho e cheio de vida. A fotografia data do já distante ano de 1942. Porém, dizem os seus íntimos que de lá para cá ele nada mudou.

O RISO DO PALHAÇO não mais alegrará os espectadores. Na fotografia, tomada no ano de 1946, aparece Pedro Gonçalves, o popular «clown» «Dudu», exibindo o seu conhecido e enorme relógio «cebola».

MORRE DUDU

Rei do Picadeiro e da Criançada

HOJE tem espetáculo? — Positivamente, hoje não tem espetáculo no «Grande Circo Dudu». Nem sempre a alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo. Pedro Gonçalves, por exemplo, o popular DUDU, pensava assim. Durante 40 anos o Brasil conheceu aquele que seria cognominado o Rei do Circo. Palhaço da mais fina verve, Dudu foi a alegria da petizada e de muito marmanjo de barba na cara e reumatismo nas juntas. O artista que agora desaparece, aos 68 anos de idade, vítima de um derrame cerebral, marcou uma época na vida circense do país. Duvidamos que os adultos de hoje, ontem meninos, nunca tenham visto ou ouvido falar naquele que empolgou o picadeiro como nenhum outro o soube fazer. Justamente com o saudoso Benjamim de Oliveira, Pedro Gonçalves, o DUDU, ocupou o primeiro plano entre os que, no circo, se dedicaram à difícil arte de fazer rir. Na vida de um palhaço, seja ele um grande artista como foi Dudu, ou um simples cômico de circo de segunda

Fêz delirar o público por mais de 40 anos — Dados sobre o mais famoso «palhaço» de todos os tempos — Como ocorreu o desenlace.

Texto de JOÃO ALVARENGA

classe, nem sempre o mister de que se ocupam é exercido, interiormente, com a mesma alegria que a face pintada estampa.

É que, muitas vezes, quando o palhaço faz rir e ri também, seu coração chora o pranto surdo dos que não podem deixar extravazar os sentimentos quando estes, instintiva e naturalmente, afloram do âmago da alma. Dudu morreu, não no picadeiro, como, por certo, seria a sua vontade, mas num leito de uma casa de saúde, na Praça da Bandeira, ao lado do local onde o seu circo foi armado pelo espaço de trinta anos. Em funeral estão os pavilhões de todos os circos do Brasil, e também o coração da petizada de ontem e de hoje, coração amigo que tanto soube reconhecer e aplaudir as inigualáveis qualidades do extraordinário artista.

Pedro Gonçalves nasceu artista. Veio ao mundo em 1885, nesta capital, tendo, portanto, 68 anos quando a morte o colheu. Foi casado duas vezes, sendo que a primeira com a sra. Rosa Gonçalves, em 1885, nesta capital, tendo, portanto, 68 anos enviuvando, uniu-se à sra. Cacílda Gonçalves, também



A RESIDÊNCIA DO PALHAÇO — «Dudu» trabalhou muito, porém sempre pensando no futuro. Não deixou fortuna, mas o bastante para os seus familiares. Vemos ao lado, o carro que pertenceu ao popular artista.

artista, com quem teve um filho que tem o seu nome. Cedo, ainda, iniciou a carreira que abraçou. Aos 23 anos de idade, fez sua estréia no picadeiro, com bastante sucesso. Daí para cá, novas vitórias marcaram a trajetória de Dudu que, não satisfeito em ser apenas um artista, organizou a sua própria companhia. E o circo Dudu correu mundo. Deu espetáculos, de Porto Alegre a Manaus, sempre abarrotado de espectadores desejosos de ver o «palhaço». Contam seus amigos que, de certa feita, por motivo de

um descarrilamento do comboio que transportava o pessoal da companhia, Dudu foi obrigado a representar sozinho toda uma função, sem que o público reclamasse a ausência da «troupe», tal era o prestígio do grande artista.

Agora, a estrela se apaga. O inolvidável palhaço não mais pisará a serragem dos picadeiros, nem ouvirá a música alegre e trepidante da banda do circo. No dia 11 do corrente, depois de um passeio ao alto do Corcovado, em companhia de seus fami-



O ÚLTIMO ATO. Cercado pelos filhos e netos, descansa Pedro Gonçalves depois de sessenta e oito anos de vida, dos quais quarenta passaram no picadeiro, sempre alegrando o público. Glória eterna ao palhaço morto!

liares, já de regresso ao escritório, Pedro Gonçalves sentiu-se mal. Amparado por um amigo, foi conduzido ao Pronto Socorro, de onde o levaram para a casa de saúde onde faleceu, sem que ao menos pudesse dizer uma palavra amiga aos entes queridos que o cercavam. Com a morte de Dudu perde a família circense do Brasil um dos seus maiores vultos, e a petizada destas terras o seu melhor palhaço.

É por isto que «hoje» não tem espetáculo no «Grande Circo Dudu».



A COMPANHEIRA INSEPARÁVEL DO ARTISTA: Cacilda Gonçalves. A morte do popular «Dudu» levou também um pouco de sua vida. Está inconsolável pela perda do companheiro de vinte e nove anos.



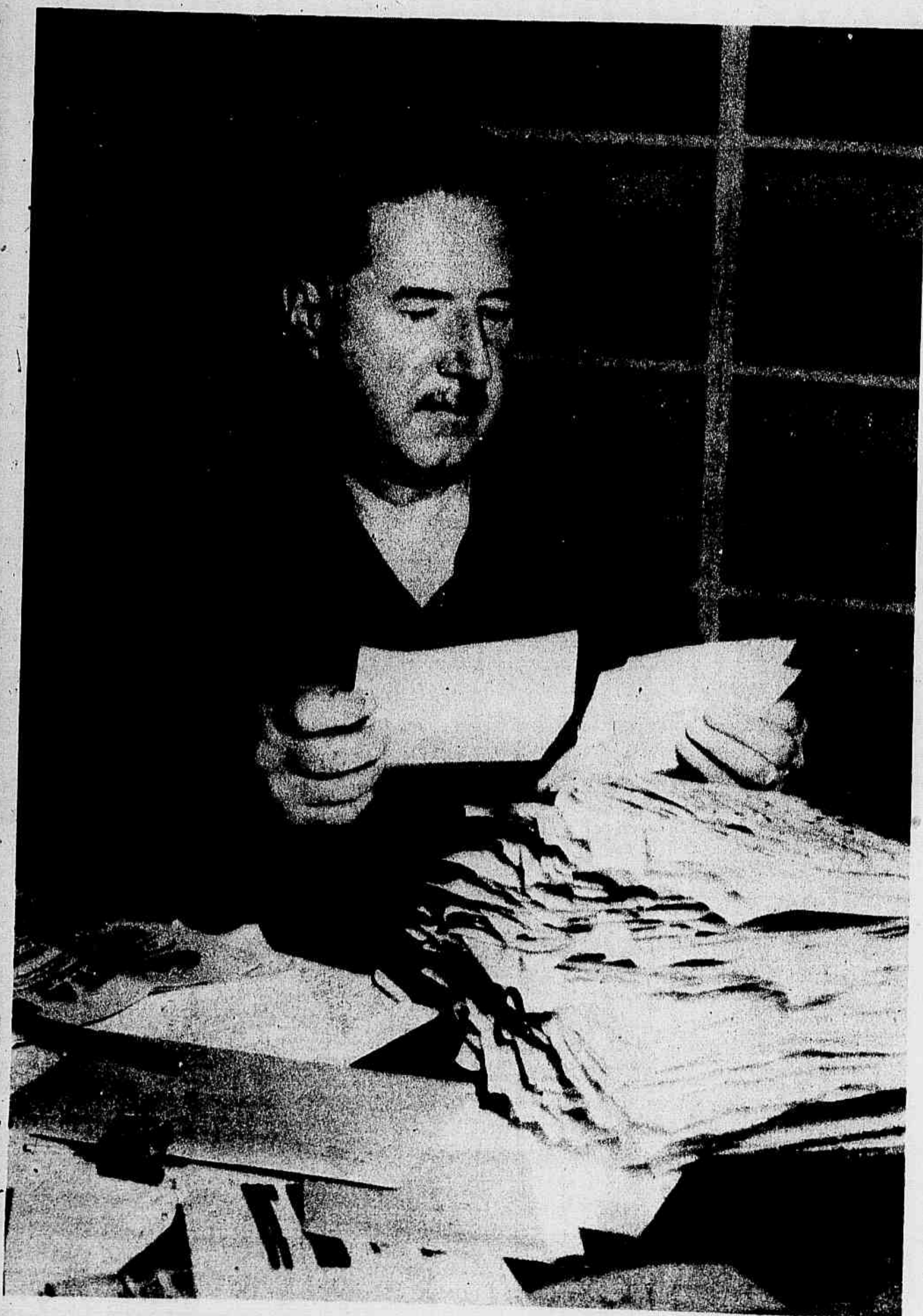
NA CAPELA PARTICULAR DE «DUDU». rezam sua filha Zaida e seus netos Walter e Pedro. Sendo muito devoto, Pedro Gonçalves fez construir em sua residência particular esta capelinha de São Jorge.

O duelo Garcez x Ademar - III

OS ASTROS E O Sr. ADEMAR DE BARROS

A "PERFORMANCE" POLÍTICA DO SR. ADEMAR DE BARROS E A POSIÇÃO ATUAL DA SUA CANDIDATURA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA ★ IDEIAS E PLANOS ★ CONFLITOS INTERNOS NO SEIO DO P.S.P. ★ O "STRUGGLE FOR LIFE" IMPÓSTO POR SATURNO ★ O DEPOIMENTO INSUSPEITO DOS ASTROS.

De BATISTA DE OLIVEIRA para REVISTA DA SEMANA



Sobre a mesa uma montanha de papel. Há cartas. Mas nem tudo é correspondência. Há material de arquivo.

A posição política do sr. Ademar de Barros, na atualidade, é dada através do trânsito evolutivo dos cinquenta e dois anos do chefe pessepista. Esse trânsito entrou em ação, a 22 de abril do corrente ano e estará em atividade até 22 de abril do ano vindouro. Os ansiedade, em astrologia, vão de um aniversário ao aniversário seguinte, compreendendo uma volta completa ao Sol pelo Zodíaco. É isso o que constitui um tema de revolução solar.

★

No dia 22 de abril deste ano, às 2 horas e 29 minutos, precisamente, abriu-se, em Piracicaba, no Estado de São Paulo, o trânsito evolutivo correspondente aos 52 anos do sr. Ademar de Barros. O Sol voltou, então, à mesma longitude zodiacal ocupada em natividade.

Nesse instante astronômico e astrológico, Saturno e Netuno, solidários e retrogradados, estavam em conjunção por um orbe de um grau apenas, no signo do Carneiro. As ordens de Marte. Essa conjunção se deu no meio do céu, na casa dez, portanto no setor da parte escrita do destino do político paulista, presagiando-lhe, além de um grande prestígio, a conquista de posições.

A Lua, na mesma ocasião, previtalizou na sétima casa, setor das alianças políticas, a «Parte da Felicidade» e os plexus por oposição, de Vênus e do Sol.

Em voltando à mesma posição ocupada em domitudo, no tema de natividade, Saturno pôs em ação o seu próprio plexus direto, impresso, por sinal, na casa mais elevada do horóscopo, o Meio do Céu.

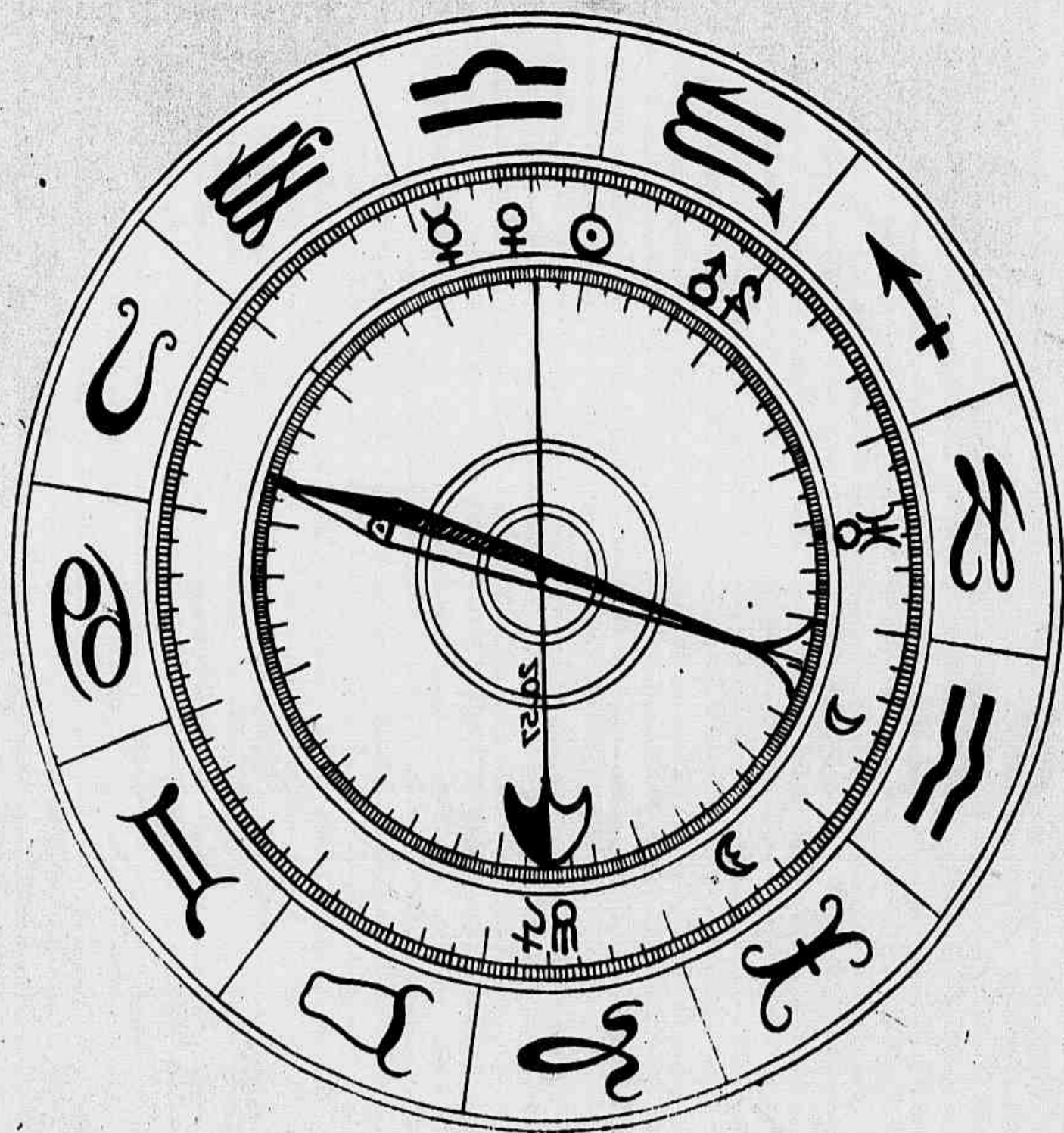
Que poderá acontecer ao chefe progressista, até abril de 1954, no terreno tão escorregadio da política nacional, inseguro como ficou ele, depois do uso, nas eleições, da cabina indevassável? O astro que o levou, por duas vezes já, ao Governo de São Paulo, bem poderá conduzi-lo à suprema magistratura do país. Já vimos isso, na parte em que lhe estudamos as possibilidades no campo da política brasileira.

Infelizmente para o sr. Ademar de Barros, a oportunidade não poderá ser aproveitada. As eleições presidenciais só serão levadas a efeito (?) em 1955, na vigência, portanto, do trânsito evolutivo dos 54 anos. Se fôsse possível uma antecipação...

★

Na vigência dos 52 anos, na atualidade, pois, o sr. Ademar de Barros conseguirá várias e importantes alianças políticas. Essas alianças lhe fortalecerão consideravelmente, a candidatura. Haverá um momento em que as hostes adversárias, o governo inclusive, o temerão.

A oposição do Sol, na sétima casa do seu horóscopo, foi impressa no clima de Marte, sendo, conseqüentemente, um plexus favorável. As oposições são de natureza variável, podem ser boas ou más.



Trânsito evolutivo dos cinquenta e dois anos de existência do sr. Ademar de Barros. Note-se a conjunção Saturno-Netuno, no Meio do Céu.

O instinto secundará a inteligência do político brasileiro, na efetivação dessas alianças, levando-o a ações seguras e certas, resultando da circunstância, a grande repercussão que as suas atividades político-partidárias irão ter.

★

O chefe do Partido Social Progressista terá, no curso do trânsito evolutivo dos 52 anos, o máximo em política. Atingirá o apogeu da sua carreira, ficando-lhe quase ao alcance das mãos, a vitória, a realização do seu ideal. Vejamos as causas astrológicas do fato.

O plexus direto de Saturno, na casa dez, simbolizando para o sr. Ademar de Barros, a Presidência da República, está conjunto a uma meia sextilha de Uranus. Os dois aspectos foram impressos a 274 graus de domitude. Uranus agiu no clima de Mercúrio, estando às suas ordens.

Totalizando no sexto ramo do signo do Câncer, o plexus direto de Saturno foi impresso no clima dosado pela Lua e Mercúrio, na razão de dois a um. No ramo em aprêço, a Lua domina o signo também, pois Câncer é o seu trono. Mercúrio tem ação apenas no decanato, o segundo, no caso.

Na décima casa, o plexus direto de Saturno significa carreira lenta, paciente e rígida, atingindo todos os objetivos com a força de uma fatalidade. O plexus desfavorável de Uranus, na mesma casa, segundo D. Néroman, significa uma tarefa inglória e pesada como a que foi imposta a Sisypho. Representa o fracasso quando o êxito já se anuncia.

E' em virtude dessa suspeita conjunção do plexus harmônico de Saturno com o inarmônico de Uranus, que a vitória vai passar, quase, ao alcance das mãos do sr. Ademar de Barros. Sisypho terá de recomeçar sua inglória e pe-

sada tarefa, rolando mais uma vez, a enorme pedra para o cimo do monte, nos confins do Erebo.

★

A partir de agora, Saturno irá se distanciando, cada vez mais, do seu plexus nativo na casa dez. Ainda poderá previtalizá-lo, em tempo útil, para o sr. Ademar de Barros, mas por aspecto, o que dá à previtalização, uma segurança precária.

A próxima previtalização direta do plexus de Saturno, na casa dez, pelo próprio titular do aspecto, não se dará em época politicamente útil ao político bandeirante, pois o «Grande Maléfico» leva quase trinta anos para dar uma volta no zodíaco e o sr. Ademar já está destruindo os cinquenta e dois.

E' certo que, em virtude do movimento retrogrado da Antena Sensitiva, levando o plexus ao encontro do astro, a previtalização em causa será antecipada um pouco. Mesmo assim, o prazo será demasiado longo, principalmente na vida de uma pessoa que, como o sr. Ademar de Barros, já esteja com a rotação do sensitivo demasiado baixa.

E' certo, igualmente, que o despertar de um plexus não se dá, somente, pela ação direta do respectivo titular. Outros astros, os lumináres, principalmente, poderão fazê-lo.

Mas, o caso de que nos ocupamos é eminentemente político e da alçada, consequentemente, de Saturno. O «Grande Maléfico» não poderá ficar alheio aos fatos a desenrolarem-se num domínio exclusivamente seu.

Esse afastamento progressivo de Saturno, dos limites da casa dez, poderá significar o outono, na vida política do sr. Ademar de Barros.

Perdida a oportunidade que lhe vai ser aberta em 1955, com a sucessão do sr. Getúlio Vargas, somente, cinco anos depois, lhe será dada,

eleitoralmente, outra chance. Saturno o ajudará dessa vez? Só o transitivo evolutivo respectivo, poderá dizê-lo.

★

No trânsito evolutivo dos 52 anos do sr. Ademar de Barros, fechado em abril deste ano, Saturno, em retrogradação, previtalizou, no Dinamismo Social, a 255 de domitude, a PARTE DA LUTA. A «Parte da Luta» é o que os ingleses chamam de «struggle for life», a luta pela vida.

No tema natal do discutido político paulista, o plexus da parte heliaca de Saturno foi impresso no setor da vida pública, decorrendo dessa circunstância, a porfia do sr. Ademar de Barros nos domínios procelosos da política, disputando os altos postos de direção e de comando.

Os efeitos desse trânsito ainda se fazem sentir. O político bandeirante teria mesmo de desenvolver uma grande atividade partidária com o propósito de fazer prosélitos e de conseguir para sua agremiação, uma expressão maior, dando-lhe unidade e coesão.

E' um dos seus objetivos, igualmente, um «arreglo» com outros partidos, grupos ou correntes partidárias, para a formação de uma frente comum. Busca o sr. Ademar de Barros uma arregimentação de forças capaz de lhe dar, por sua significação política, a chave da situação, tornando-se-lhe possível, por esse modo, o encaminhamento da sucessão do Presidente Vargas, como lhe parecer melhor.

Mas, não devemos antecipar o nosso julgamento a respeito da posição do chefe posse-pista em face do pleito presidencial de 1955.

Aos 53 anos de idade, o sr. Ademar de Barros estará ainda a um ano das eleições presidenciais. Conseguirá reagir e agrupar forças respeitáveis, tornando-se o fiel da situação? Veremos isto no próximo número da «Revista da Semana», através do trânsito evolutivo dos 54 anos do chefe do P.S.P.

(Continua no próximo número)



Ademar não tem «Gregório», mas tem «Ditão» que foi «boxeur» e hoje ainda é um homem grande. Perguntaram-lhe se gostaria de ir para o Catete. Respondeu, fazendo-se mais hábil de que o patrão: «Não me dou bem no clima do Rio...»

ÚLTIMO FLASH



Um dos maiores acontecimentos religiosos do país é a festa anual de Nossa Senhora de Nazareth, no Pará, ocasião em que Belém se enche de gente de toda parte. Mas, sucede que é enorme a colônia paraense no Distrito Federal. De modo que, de ano para ano, cresce no Rio o entusiasmo pela padroeira de Belém, que conta não somente com o fervor dos paraenses, mas também de muitas cariocas. Este flagrante foi tomado aqui, no dia 11 do corrente, quando a imagem de N. S. de Nazareth entrava, em procissão, na Igreja de São Francisco da Prainha, procedente da Igreja dos Capuchinhos, em Haddock Lóbo. A foto define a grandiosidade e a significação do fato. (Foto de Alexandre Miranda).



UMA NOVA PRA-9



Ouçam a nova Rádio Mayrink Veiga — a Sua PRA-9... para conhecer o que de novo o rádio possui! Novo transmissor de 50 kilowatts... Novos auditórios e estúdios com perfeito tratamento acústico... Novo elenco... Novos programas... e nova orientação... fazem da RÁDIO MAYRINK VEIGA uma nova grande emissora!

A Rádio Mayrink Veiga trabalha intensamente para a recuperação total do seu prestígio. Artistas... produtores... músicos... técnicos e operários, confundem-se numa sinfonia de martelos, melodias e máquinas de escrever, no preparo de iniciativas palpitantes e oportunas que levarão de volta à onda dos 1.220 quilociclos a sua imensa legião de ouvintes. Surge um novo auditório... estúdios... e instalações de bom gosto, providos dos melhores recursos da técnica de engenharia acústica! Novos artistas... novos cartazes... e a Rádio Mayrink Veiga envereda por uma fase de realizações magníficas, feitas nos moldes populares e de elite, num empreendimento de absorção de ouvintes de todos os gostos. É uma renovação no rádio carioca. É um trabalho de utilidade pública. Porque a **nova PRA-9** vem ao encontro das preferências diversas, oferecendo aos ouvintes programas de bom humor, iniciativas culturais, rádio-teatro de qualidade, sadias atrações de auditório, boas músicas e informações objetivas de interesse geral, refletindo os anseios e reclamos do povo!

RÁDIO MAYRINK VEIGA -- PRA - 9

Rua Mayrink Veiga, 15 - Telefone : 235991





Nada supera

o prazer

de fumar

Hollywood

CIGARROS

hollywood

UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

